

UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS - UNISINOS  
UNIDADE ACADÊMICA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO  
NÍVEL MESTRADO

GIOVANNI GUIZZO DA ROCHA

**ALÉM DAS MÍDIAS.**  
**O que os livros revelam sobre as práticas de**  
**repórteres internacionais**

São Leopoldo

2012

GIOVANNI GUIZZO DA ROCHA

ALÉM DAS MÍDIAS.

O que os livros revelam sobre as práticas de  
repórteres internacionais

Dissertação apresentada como requisito  
parcial para a obtenção do título de  
mestre pelo Programa de Pós-Graduação  
em Ciências da Comunicação da  
Universidade do Vale do Rio dos Sinos –  
UNISINOS

Área de atuação: Processos Midiáticos

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Beatriz Marocco

Coordenadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Suzana Kilpp

São Leopoldo

2012

R672d Rocha, Giovanni Guizzo da.  
Além das mídias : o que os livros revelam sobre as  
práticas de repórteres internacionais / Giovanni Guizzo da  
Rocha. – 2012.  
159 f. ; 30 cm.

Dissertação (mestrado) – Universidade do Vale do Rio  
dos Sinos, Programa de Pós-Graduação em Ciências da  
Comunicação, 2012.

"Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Beatriz Marocco."

1. Reportagens e repórteres. 2. Correspondentes  
estrangeiros. 3. Correspondentes de guerra. 4. Jornalismo  
e literatura. 5. Jornalismo. I. Título.

CDD 070.4  
CDU 070

Catálogo na publicação: Bibliotecário Flávio Nunes - CRB 10/1298

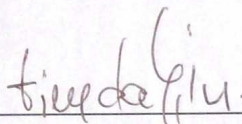
GIOVANNI GUIZZO DA ROCHA

"ALÉM DAS MÍDIAS. O QUE OS LIVROS REVELAM SOBRE AS PRÁTICAS DE REPÓRTERES INTERNACIONAIS"

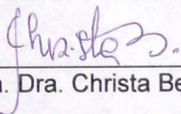
Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da Universidade do Vale do Rio dos Sinos - UNISINOS.

Aprovado em 23 de março de 2012

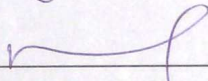
BANCA EXAMINADORA



Prof. Dr. Carlos Eduardo Lins da Silva – ESPM



Profa. Dra. Christa Berger – UNISINOS



Profa. Dra. Beatriz Alcaraz Marocco – UNISINOS

*Ao querido Ivan.*

## Agradecimentos

Primeiramente, à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) e à UNISINOS, por acreditarem no meu projeto de pesquisa e financiarem integralmente os meus estudos;

A todos os professores e funcionários do programa de pós-graduação em Ciências da Comunicação da Unisinos, em especial à professora Beatriz Marocco, pela orientação, confiança e paciência. Agradeço também aos professores Christa Berger e Ronaldo Henn pelas contribuições constantes durante o trabalho de pesquisa e ao professor Pedro Osório, fundamental para o início nessa jornada;

À jornalista da minha vida, Ana Paula, e outras mulheres que a preenchem, Nilse e Alessandra. Sem palavras para agradecer o carinho de vocês;

À amiga e chefe, Daniela Cidade, por todas as portas que ela já abriu para mim;

Aos meus queridos e valiosos amigos e amigas que tanto me ajudaram com palavras de apoio e muita motivação durante as decisões necessárias para que esse trabalho chegasse até aqui;

Ao meu santo protetor em todas as demandas, Salve Jorge!

Muito obrigado!

## Resumo

Esta dissertação de mestrado tem como tema principal as práticas de repórteres internacionais, conceito que compreende os profissionais das diferentes categorias do jornalismo internacional como, por exemplo, os correspondentes internacionais, os enviados especiais e os correspondentes de guerra. O mapeamento das práticas desses jornalistas foi concentrado em estudos já publicados sobre essas profissões do jornalismo e em livros com as memórias e as experiências de repórteres em diferentes épocas, locais e cobertura de acontecimentos entre os anos de 1917 e 2011. Esses livros escritos por jornalistas se revelam como um outro espaço legítimo de produção do jornalismo, além dos meios tradicionais como os jornais, o rádio e a televisão, ao permitirem que seus próprios autores realizem a interpretação e o comentário sobre a prática jornalística. Por meio desses materiais, são trabalhadas observações que envolvem os diferentes estágios da profissão, o impacto proporcionado pelo surgimento de novas tecnologias de informação e a interferência dessa evolução junto ao conjunto das práticas e processos dos repórteres internacionais. O trabalho contempla também questões problemáticas relacionadas à idealização glamurizada da profissão, à visão crítica desses jornalistas a partir dos novos formatos do jornalismo, e, principalmente, à prática de cobertura determinada a partir do conceito de circularidade nos processos da produção de conteúdo jornalístico. Além de contribuir com os estudos que envolvem as práticas, pretende servir como elemento para compreensão dos contextos políticos e econômicos que envolvem a profissão do repórter internacional.

Palavras-chave: Jornalismo internacional. Repórter internacional. Práticas jornalísticas. Livro de repórter. Circularidade.

## *Abstract*

*The main theme of this Masters Thesis is the international reporters' practices, a concept that encompasses professionals from different categories such as the international correspondents, the special envoys and the war correspondents. The mapping of these practices focused on studies already published about these branches of journalism and in books with the memories and the experiences of the reporters in different times, places and coverages between the years of 1917 and 2011. These books that were written by journalists reveal themselves as another legitimate space to produce journalism beyond the traditional means like newspapers, radio and television when they allow their own authors to perform the interpretation and comment about the practice. Through these materials, we work on observations that involve the different phases of the profession, the impact derived from the rise of new information technologies and the interference of this evolution in the set of practices and processes of the international reporters. The thesis also contemplates problematic issues related to the glamorous idealization of the profession, to the critical view of these journalists based on new formats of journalism and, mainly, the practice of coverage determined from the concept of circularity in the processes of production of journalistic content. Besides contributing to the studies that involve the practice, it intends to serve as an element of understanding of the political and economical scenarios that involve the profession of international reporter.*

*Keywords: International Journalism. International Reporter. Journalistic Practices. Reporter's Books. Circularity.*



## Sumário

<b>1 INTRODUÇÃO.....</b>	<b>11</b>
<b>1.1 Apresentação.....</b>	<b>12</b>
<b>1.2 Problemas.....</b>	<b>12</b>
<b>1.3 Objetivos.....</b>	<b>15</b>
<b>1.4 Metodologia.....</b>	<b>16</b>
<b>1.5 Estrutura da pesquisa e critérios de seleção do corpus.....</b>	<b>20</b>
<b>2 OS ESTUDOS SOBRE OS REPÓRTERES INTERNACIONAIS.....</b>	<b>24</b>
<b>2.1 Aproximações iniciais ao mundo dos repórteres internacionais.....</b>	<b>24</b>
2.1.1 Diferentes nomenclaturas e os primórdios da atividade.....	24
2.1.2 As rotinas, a tradução do exterior e o desgaste da profissão.....	28
2.1.3 O ser correspondente e as relações da profissão.....	32
2.1.4 Repórteres internacionais mulheres.....	34
2.1.5 As hierarquias e o relacionamento com outros jornalistas e editores.....	36
2.1.6 As tecnologias de comunicação e o impacto nas práticas.....	39
<b>2.2 Problemáticas da profissão e das práticas.....</b>	<b>43</b>
2.2.1 Elementos para compreender a idealização.....	43
2.2.2 A desinformação na correspondência de guerra.....	46
2.2.3 Desigualdade nos espaços de cobertura.....	48
2.2.4. As notícias de segunda mão.....	49
2.2.5. Não tão fieis à realidade.....	54
<b>3 HERÓIS, AVENTUREIROS OU REPÓRTERES INTERNACIONAIS?.....</b>	<b>57</b>
<b>3.1 John Reed. Dez dias que abalaram o mundo (1917).....</b>	<b>58</b>
3.1.1 Um correspondente na Revolução Russa.....	58
3.1.2 A imprensa local como fonte.....	60
3.1.3 Cobertura com informações publicadas nos muros.....	62
<b>3.2 Ernest Hemingway. Repórter II. Tempo de morrer (1937 a 1956).....</b>	<b>62</b>
3.2.1 O correspondente que conduzia tropas.....	62
3.2.2 Um correspondente cobre a guerra do hotel.....	65
3.2.3 Hemingway, segundo um de seus editores.....	67
3.2.4 Os próprios obituários e a visão de Hemingway sobre o jornalismo.....	69
<b>3.3 José Hamilton Ribeiro. O gosto da guerra (1968).....</b>	<b>71</b>
3.3.1 O enviado especial brasileiro ferido no Vietnã.....	71
3.3.2 Preparativos e as primeiras impressões de uma cobertura de guerra.....	72
3.3.3 As fontes disponíveis em uma guerra e os serviços de freelancers.....	74
3.3.4 Guerrilheiros infiltrados na mídia e a relação com outros jornalistas.....	76
<b>3.4 Ryszard Kapucinski. Ébano (1957 a 1997).....</b>	<b>78</b>
3.4.1 O repórter do século.....	78
3.4.2 As facilidades e os riscos da proximidade com as redações.....	80
3.4.3 A independência da redação.....	80
3.4.4 As práticas de um repórter internacional na África.....	82
3.4.5 Padrões e pressões impostas aos correspondentes.....	85
<b>3.5. Thomas Friedman - De Beirute a Jerusalém (1979 a 1989).....</b>	<b>86</b>
3.5.1 Nos dois lados de uma mesma guerra.....	86
3.5.2 Um novo olhar para acontecimentos cotidianos.....	88
3.5.3 Auxiliares, “ajeitadores” e hotéis para correspondentes.....	88
3.5.4 Quem entrevistar em um local sem fontes oficiais?.....	90
3.5.5 O uso de material publicado na mídia.....	92
3.5.6 A busca impossível pela neutralidade.....	94
3.5.7 A cobertura do outro lado da guerra.....	96

<b>4 A REVOLUÇÃO DAS TECNOLOGIAS SOBRE AS PRÁTICAS.....</b>	<b>98</b>
<b>4.1 Marcelo Rech. Enviado especial. Passageiro da história (1989 a 1995).....</b>	<b>98</b>
4.1.1 Determinantes para as práticas do enviado especial.....	98
4.1.2 A primeira cobertura como enviado especial.....	99
4.1.3 Agilidade do repórter X serviços de comunicação.....	101
4.1.4 O monitoramento da mídia na redação pelas antenas parabólicas.....	102
4.1.5 Códigos em textos de correspondentes de guerra.....	103
4.1.6 Coberturas realizadas à distância.....	104
4.1.7 Fontes não oficiais para descrever a União Soviética.....	105
4.1.8 O espetáculo da guerra e os seus perigos.....	106
4.1.9 Ética nas práticas de apuração e ameaças em resultado das práticas.....	107
<b>4.2 Carlos Fino. Guerra Ao Vivo (2001 a 2003).....</b>	<b>109</b>
4.2.1 Um repórter dependente de tecnologias.....	109
4.2.2 A cobertura no Afeganistão e a primeira guerra do século 21.....	110
4.2.3 “Os mesmos olhos a ver a guerra”.....	112
4.2.4 A “guerra de ficção”.....	114
4.2.5 Contatos, auxiliares e equipe para a produção jornalística.....	114
4.2.6 O enviado especial que furou a CNN e a BBC.....	116
<b>4.3 Jon Lee Anderson. A queda de Bagdá. (2003).....</b>	<b>119</b>
4.3.1 O “fenômeno Saddam Hussein” na pauta.....	119
4.3.2 A corrida ao ouro dos jornalistas.....	122
4.3.3 Práticas de comunicação e de suborno.....	122
4.3.4 Editores e a decisão de permanecer em locais de risco.....	124
4.3.5 O início da guerra e as “máquinas de desinformação”.....	126
4.3.6 A decisão de deixar o local da cobertura.....	129
<b>4.4 Larry Rohter. Deu no New York Times (2004).....</b>	<b>130</b>
4.4.1 O correspondente que quase foi expulso do Brasil.....	130
4.4.2 Critérios de cobertura de um correspondente do NYTimes.....	133
4.4.3 A participação da imprensa local na produção da reportagem.....	135
4.4.4 Título dos editores ampliou o impacto na matéria.....	136
<b>4.5 Alexandra Coelho. Tahrir: Os dias da revolução no Egito (2011).....</b>	<b>138</b>
4.5.1 A correspondente que tirou férias para acompanhar uma revolução.....	138
4.5.2 Revolução e cobertura via Facebook.....	140
4.5.3 Revolução na sociedade e na imprensa egípcia.....	142
4.5.4 As fontes de uma revolução.....	143
4.5.5 Os riscos de uma revolução para as repórteres mulheres.....	145
<b>5 ARTICULAÇÕES TEÓRICAS E RESULTADOS DA PESQUISA.....</b>	<b>147</b>
<b>5.1 Que situações variáveis estão sujeitos os rep. internacionais?.....</b>	<b>148</b>
<b>5.2 A influência das grandes redes na cobertura internacional.....</b>	<b>149</b>
<b>5.3 Práticas cada vez mais determinadas pelas tecnologias.....</b>	<b>151</b>
<b>5.4 Edição via canais a cabo, telefones celulares e e-mail.....</b>	<b>152</b>
<b>5.5 Considerações sobre o fenômeno de circularidade.....</b>	<b>154</b>
<b>6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>157</b>
<b>7 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....</b>	<b>159</b>

# 1 INTRODUÇÃO

## 1.1 Apresentação

O jornalismo internacional sempre foi um assunto de interesse pessoal. Entre os fatores que podem ter contribuído para a aproximação com esse tema de pesquisa, considero que o prazer em viajar e o sentimento do conhecer o diferente, seja ele constituído em pessoas ou lugares, influenciou a escolha dessa área de estudos. No campo da pesquisa acadêmica, o processo de produção de um agente do jornalismo internacional, as agências de notícias, resultou em um trabalho de conclusão de curso<sup>1</sup> que trazia entre as perguntas a seguinte questão: se as agências participam da agenda dos jornais, quem agenda as agências de notícias? Ao final do trabalho de mapeamento dos processos de agendamento, apuração e redação jornalística da AFP, os resultados apontavam questões problemáticas das práticas jornalísticas dos correspondentes internacionais.

Carlos Eduardo Lins da Silva, na obra *Correspondente Internacional* considera que “o correspondente estrangeiro é, e sempre foi, a inveja de seus pares, o desespero de suas famílias, o modelo de todo o jovem jornalista ambicioso, a pedra ou a areia movediça em que seus editores vão pisar ou afundar” (BRITTAIN, apud SILVA, 2011, p. 97). Se o jornalismo já possui uma aproximação heroica, como lembra Ramonet (1998, p. 34, tradução nossa), “Vale lembrar que o Superman é um jornalista e Tintin também”, o profissional responsável por coberturas no exterior tem acumulada a missão de conduzir suas práticas em lugares distantes com equipes e recursos limitados. Junto a isso, os correspondentes têm suas ações postas à prova na cobertura de guerras, conflitos políticos, tragédias naturais, entre outros. Esse conjunto de situações aos quais os correspondentes encontram para a realização de seu trabalho de reportagem pode ser um dos fatores que contribuem para a idealização da profissão com enquadramentos que vão do herói investigador da verdade ao vilão com objetivos e interesses duvidosos.

Se o cinema não foi o maior responsável pela idealização desse profissional para o grande público, com certeza ele teve papel fundamental na glamurização da profissão. Diretores consagrados, como Alfred Hitchcock, têm entre suas obras

---

<sup>1</sup> *Notícias à venda. O processo de produção da Agence France-Presse (AFP)*. (ROCHA, 2009)

filmes que abordam a vida desses jornalistas. *O correspondente internacional*, filme produzido pelo diretor em 1940, conta a história de um repórter que se envolve em uma série de intrigas durante a produção de uma reportagem em meio aos conflitos da Segunda Guerra Mundial. Silva (2011, p. 185) traz uma relação de obras do cinema que tratam exclusivamente de histórias que envolvem correspondentes internacionais. Se fosse necessário categorizá-los por gênero de filmes, eles se dividiriam em histórias de dramas e, sobretudo, em histórias de ação ou aventura.

Portanto, é esse conjunto de afinidades pessoais e interesses no estudo das práticas dessa dimensão do jornalismo internacional que esse trabalho pretende tratar ou pelo menos iniciar reflexões. Na sequência, apresentamos as questões teóricas que envolvem o estudo proposto das práticas de correspondentes internacionais, as perguntas e a proposta metodológica de como planejamos obter respostas a partir desse trabalho de pesquisa.

## 1.2 Problemas

Entre os resultados do trabalho que buscava esclarecer os processos de produção da AFP, a pesquisa identificou, como entre as principais práticas dos correspondentes da agência, a utilização de reportagens publicadas em jornais e revistas nacionais, além do conteúdo transmitido por emissoras brasileiras de notícias no rádio e na TV no processo de elaboração de seu conteúdo jornalístico.

É reconhecido que o jornalismo se apropria de narrativas primeiras para a formação de novos discursos. Ruellan acredita que a cópia de informações está relacionada diretamente às origens da atividade.

Nós sabemos, no entanto, que os primeiros jornais copiavam conteúdos de outros jornais, muitas vezes as cópias eram publicadas sem nenhuma modificação, igual ao original. Nós sabemos que a imprensa local normalmente copia a imprensa da capital, principalmente porque ela tem acesso reduzido às agências de notícias nacionais e internacionais. Nós sabemos que hoje as equipes das redações de rádio lêem os jornais impressos para escolherem as informações que serão apresentadas, isso porque normalmente as redações de impresso têm mais repórteres. Essa prática de cópia é antiga. Estimamos que antes da revolução francesa a metade das obras era resultado de plágio parcial ou integral (Darnton, 2011). A imprensa não inventou a cópia de informações, muito menos a internet (RUELAN, 2011, p. 1).

Mauro Wolf destaca o consumo de notícias por outros meios de comunicação como uma fonte importante nas práticas de constituição do produto jornalístico. Além

de abastecer com informações, é no discurso de outros meios que os jornalistas e veículos reforçam a abordagem em suas matérias.

Não se deve esquecer o fato de que uma fonte importante para os jornalistas é também o seu próprio consumo de outros meios de comunicação: esse consumo é significativo, em primeiro lugar, porque 'fornece um mecanismo de reforço, mediante o qual elementos presentes na agenda de um meio provavelmente são também assumidos pelos outros meios, assegurando, desse modo, um acordo, geral, difundido e aproximativo sobre a seleção das notícias. Em segundo lugar, esse consumo é uma fonte de modelos e de abordagens para a produção de informação, que, em geral, sustenta a tendência à homogeneidade. Em termos gerais, muitas vezes o rádio parece ser a fonte principal para a agenda, enquanto no que se refere aos jornalistas televisivos os jornais são a fonte mais relevante para os valores/notícia e os modelos de profissionalismo (WOLF, 2005, p. 242).

Ainda para Wolf, é a partir dos discursos de outros profissionais da mesma categoria que os jornalistas buscam recursos para constituir sua matéria. Wolf denomina esse fenômeno de fraternização, que permite ao jornalista formar seu discurso a partir de um texto primeiro que provenha de fontes respeitáveis, que poderíamos determinar como uma referência.

Não conhecendo as pessoas e as atividades com que se devem ocupar, naturalmente recorrem às fontes respeitáveis, cuja produtividade e credibilidade é presumida. [...] Quando os cronistas estão observando alguma atividade, acrescentam também à lista das fontes outros cronistas. [...]. Essa prática (chamada de 'fraternização') é destinada a reduzir toda a ambigüidade ou incerteza possíveis sobre as informações a serem obtidas (WOLF, 2005, p. 240).

Bourdieu considera como "homogêneo" o produto jornalístico. Mesmo ponderando que a constituição do mundo de trabalho dos jornalistas se apoia em conflitos, concorrência e hostilidade entre profissionais e veículos, a prática jornalística está sujeita sempre às mesmas restrições de fontes, limites de operação e anunciantes. Para o autor, essa unidade de assuntos que compõe a pauta de diferentes veículos jornalísticos e diferentes plataformas, como o impresso e o televisivo, se dá pela simples razão de que a produção é coletiva entre diversos agentes da imprensa. Desse modo, as práticas de buscar na própria imprensa informações primeiras que auxiliem a composição, ou sirvam como elemento de constituição da abordagem, se dão de forma necessária ao processo de produção jornalístico, como exemplifica Bourdieu.

Para os jornalistas, a leitura dos jornais é uma atividade indispensável e o clipping um instrumento de trabalho: para saber o que se vai dizer é preciso

saber o que os outros disseram. Esse é um dos mecanismos pelos quais se gera a homogeneidade dos produtos propostos. [...] Nas equipes de redação, passa-se uma parte considerável do tempo falando de outros jornais e, em particular, do “que eles fizeram e que nós não fizemos” (“deixamos escapar isso!”) e que deveriam ter feito - sem discussão - porque eles fizeram (BOURDIEU, 1997, p. 33).

Ainda segundo Bourdieu, os produtos jornalísticos ocorrem de maneira que as notícias publicadas por um determinado tipo de meio, seja impresso ou vídeo, por exemplo, dependam necessariamente de outro: “Para fazer o programa do jornal televisivo do meio-dia é preciso ter visto as manchetes do 20 horas da véspera e os jornais da manhã e para fazer minhas manchetes do jornal da noite é preciso que tenha lido os jornais da manhã” (BOURDIEU, 1997, p. 33). Ainda segundo Bourdieu, a prática de informar a partir do discurso de outro agente de comunicação determina a agenda da pauta jornalística: “Informação sobre a informação que permite decidir o que é importante, o que merece ser transmitido, vem em grande parte dos outros informantes” (BOURDIEU, 1997, p. 36).

Se para Bourdieu e Wolf essa prática de reutilização de material da imprensa na própria imprensa nada mais é do que um processo comum ao jornalismo, que Ruellan considera como da própria história dessa atividade, é necessário esclarecer que existem consequências a partir desse tipo de prática, afetando desde o público do jornalismo até os próprios jornalistas. Logo após a conclusão da pesquisa sobre a agência francesa AFP, fizemos tentativas de identificar e compreender práticas em reportagens escritas por correspondentes internacionais. Veremos na sequência que esse método de pesquisa não trouxe resultados satisfatórios, mas, por outro lado, permitiu localizar questões que ajudam a problematizar o uso da imprensa pela imprensa para a redação de seus discursos e as consequências políticas e culturais dessa prática.

Escrita pelo correspondente do jornal no Brasil, uma reportagem do *The New York Times* em 2004 causou polêmica em toda a imprensa brasileira e mundial. Além do tema, que tratava dos supostos problemas governamentais causados pelo alcoolismo do presidente da República na época, entre as principais repercussões tratadas pela mídia nacional estavam os métodos empregados pelo correspondente do jornal americano em produzir sua reportagem. Uma matéria especial da revista semanal brasileira *Veja* trazia em seu texto a versão de um colunista da mesma revista, que se isentava de ser uma das fontes para o correspondente do *The New York Times*. De acordo com esse colunista o correspondente do jornal americano se

apropriou de informações publicadas na imprensa nacional para a realização da polêmica reportagem.

O correspondente do jornal (NYT) não falou comigo. Apenas citou um artigo que publiquei em Veja cerca de dois meses atrás. Nesse artigo, eu mencionava algumas ocasiões públicas em que Lula apareceu com um copo de bebida na mão. Colhi as informações nas páginas de Folha, Estado e Globo. Esses jornais foram as minhas fontes. Consequentemente, foram também as fontes do New York Times. (MAINARDI, In: PERES. VEJA, 2004).

O exemplo acima é um dos diversos materiais localizados que poderiam servir para contextualizar e problematizar as práticas de produtos jornalísticos relacionados a outros discursos já publicados e que acabam por constituir uma única perspectiva. Dessa forma, considerando a base dos resultados na observação das práticas na Agence France-Presse, das reflexões teóricas destacadas e dos resultados localizados na pesquisa de reportagens ou notícias<sup>2</sup>, chegamos às questões que envolvem a ocorrência dessa prática por correspondentes internacionais:

- A imprensa, seja ela local ou de grande alcance, ou a relação direta com outros jornalistas interfere nas práticas de correspondentes internacionais?
- Esse fenômeno ocorre por qual razão? Seriam as complexidades que determinam a cobertura internacional como geografia, cultura e sistema político agravantes desse fenômeno?
- A instantaneidade imposta pelas novas tecnologias de comunicação e novos formatos do jornalismo tem participação na ocorrência do fenômeno?
- Qual o papel dos editores nessa prática?

### 1.3 Objetivos

Diante desse cenário de questões, o objetivo principal dessa pesquisa será o de **compreender a configuração das práticas jornalísticas de repórteres internacionais**. Para chegarmos a esse cenário de inteligibilidade das práticas,

---

<sup>2</sup> Reportagem e notícia: Não são sinônimos do mesmo conceito, porém uma notícia pode ser o ponto de partida para a produção de uma reportagem. De acordo com Lage (2005, p. 139) “a notícia expõe um fato ou sequência de fatos: caiu um avião na mata, é notícia. (...) Já o relato detalhado, com base em testemunhos, do sofrimento daqueles passados na selva, (...) isso daria uma excelente reportagem”.

determinados a seguir objetivos secundários com as seguintes propostas de identificação: 1) das práticas de reportagem desses jornalistas; 2) dos critérios de seleção dos assuntos a serem cobertos e, finalmente, 3) das escolhas realizadas durante as coberturas de repórteres internacionais.

#### 1.4 Metodologia

O estudo das práticas dos repórteres internacionais<sup>3</sup> está disperso em diferentes formas de conhecimento. Procurar apenas por títulos ou manuais em português, incluindo artigos, teses e dissertações catalogados em bancos de dados científicos, como Capes e outros que tratem unicamente das práticas específicas desses profissionais, terminará em resultados quase desanimadores. No campo acadêmico, por exemplo, uma pesquisa<sup>4</sup> realizada entre os 39 programas de pós-graduação no Brasil, com o objetivo de localizar o oferecimento de disciplinas e bibliografias específicas sobre jornalismo internacional não localizou nenhuma disciplina dedicada ao tema. João Batista Natali, na obra *Jornalismo internacional*, descreve um pouco das dificuldades e oportunidades aos pesquisadores que venham a ter interesse no assunto.

O noticiário internacional não é objeto de estudos editados ou disponíveis em bases de dados de monografias de mestrado ou teses de doutorado das universidades públicas que consultei. Que fique a sugestão para quem está à procura de um tema para pesquisa acadêmica. O que temos são indícios, pescados ao acaso na bibliografia (NATALI, 2004, p. 22).

Um dos caminhos iniciais para o estudo específico das práticas desses repórteres está nos indícios contidos no próprio discurso dos profissionais, disponível em três tipos de materiais: 1) nas próprias matérias escritas pelos jornalistas ou entrevistas desses profissionais para outros veículos de comunicação; 2) a partir de questionários, entrevistas estruturadas e outros recursos utilizados em pesquisas para coleta de dados e 3) nos livros escritos pelos jornalistas, com as

---

<sup>3</sup> No capítulo seguinte apresentaremos algumas definições de nomenclaturas que definem uma série de profissões desempenhadas por jornalistas que atuam em coberturas internacionais. O termo repórter internacional que utilizaremos para esse trabalho engloba dois tipos de profissionais localizados nas obras analisadas: os que escrevem suas matérias baseados em um local fixo, os correspondentes internacionais, e os jornalistas que não possuem uma base única e se deslocam entre fronteiras em busca de informações e novos acontecimentos midiáticos, os enviados especiais.

<sup>4</sup> Realizada pelo autor dessa pesquisa em junho de 2010 e sem atualização posterior a sua conclusão.



narrativas de suas experiências em coberturas internacionais, além de livros teóricos escritos por pesquisadores que estudam as práticas e rotinas de repórteres internacionais.

Escolher reportagens ou notícias como empiria para este trabalho necessitaria de uma quantidade considerável de materiais e que talvez não atendesse os objetivos da pesquisa. De acordo com uma reportagem publicada em *Veja*<sup>5</sup>, em 2002, cerca de 430 correspondentes trabalhavam no Brasil, publicando aproximadamente 18 mil notícias por ano com citações ao país. Para um estudo de frequências, a partir desse formato de pesquisa, por exemplo, seria preciso tomar uma amostra aleatória do total de matérias por ano, cerca de 180, por exemplo, verificar em quantas delas há referência à imprensa local como fonte principal e decidir se essa frequência é significativa. Além disso, trabalhar as matérias não significaria objetivamente o trabalho do correspondente, mas o formato final de um produto do jornalismo internacional, já que teríamos processos de edição embutidos nesse material e que não conseguiríamos identificar de modo satisfatório.

Quanto à realização de entrevistas estruturadas e uso de questionários, o pesquisador optou por não utilizar esse método. Essa proposta acabou sendo descartada a partir das primeiras observações ao terceiro recurso de estudo sobre os repórteres internacionais: os livros escritos por esses jornalistas. Enquanto realizávamos observações a partir das reportagens escritas por correspondentes e tentávamos organizar entrevistas, as leituras de livros escritos por repórteres internacionais, que tinham por finalidade ajudar no desenvolvimento de perguntas que faríamos aos jornalistas, apresentaram trechos que chamaram nossa atenção para as possibilidades de análise desse tipo de material. Ao chegarmos em um trecho do trabalho de John Reed, *10 dias que abalaram o mundo*, tivemos uma primeira compreensão de que por meio desse material era possível localizar as respostas, ou suposições, para os problemas da pesquisa.

**<sup>6</sup>Usei minhas próprias anotações como elementos de origem deste livro. Recorri, também, a centenas de diversos jornais russos,**

---

<sup>5</sup> Revista *Veja*. Edição de 27 de novembro de 2002.

<sup>6</sup> Utilizamos-nos do uso do grifo nas citações contidas nos capítulos dois, três e quatro. O objetivo desse recurso visual é destacar, desde o início do trabalho, relatos extraídos das obras que servirão para as articulações entre as perguntas e objetivos do trabalho, bem como as considerações interpretativas do autor e a sustentação de nossa conclusão. No exemplo acima destacado, ele também representa o tipo de declaração (testemunhais, afirmativas e que relatam as práticas) que nos interessa localizar nos livros analisados.

formando uma série quase completa do período descrito, além de me fazer valer do jornal inglês *Russian Daily News* e dos dois jornais franceses, *Journal de Russie* e *Entente*. Incomparavelmente mais precioso do que estes me foi o *Bulletin de la Presse*, publicado diariamente pelo Escritório Francês de informações, em Petrogrado, que relata todos os acontecimentos importantes e cita os discursos e os comentários da imprensa russa. (...) **Além disso, possuo também quase todas as proclamações, decretos ou avisos afixados nos muros de Petrogrado**, de meados de setembro de 1917 aos fins de janeiro de 1918 (REED, 2002, p. 37, grifo nosso).

Os livros escritos por jornalistas em suas coberturas nos permitem conhecer uma vertente do jornalismo frente às limitações nos formatos da notícia determinadas pelos veículos e que acabam por nos esclarecer as diferenças encontradas nas práticas de correspondentes de jornais e agências de notícias, por exemplo. Ryszard Kapuscinski descreve sua passagem por uma agência de notícias em coberturas na Ásia, África e América Latina. Segundo o autor, “o trabalho de correspondentes em agências de notícias é o mais difícil e desgastante de todos, chegando a definir como o pior trabalho do jornalismo ‘sendo destinada aos escravos’” (KAPUSCINSKI, 2007a, p. 49). Ainda por meio dos livros de repórteres, que acabam formando uma simbiose entre seus cadernos de notas e diários, se identificam questões como as limitações nas práticas impostas pelas plataformas que o jornalismo utiliza para suas narrativas.

Às agências de notícias são enviadas notícias curtas, em razão dos custos, tempo e concorrência. Era um jornalismo muito pobre e formal de não mais de 800 palavras. E eu, vivendo na África e na Ásia, com essa realidade tão rica, tão colorida, tão diferente a europeia. Tinha que escrever sobre isso e não cabia no espaço padrão das agências de notícias, então me fechava em meu quarto para elaborar notas que logo se convertiam em livros, enquanto meus colegas iam ao bar tomar uísque. Essa foi uma satisfação pessoal frente ao jornalismo atual (KAPUSCINSKI, 2007a, p. 49, tradução nossa).

É possível localizar nos livros as justificativas de coberturas, histórias que envolvem outros jornalistas e uma série de informações que dificilmente constariam nas reportagens publicadas por esses jornalistas ou pela realização das entrevistas. Em um outro exemplo, o correspondente americano Larry Rohter, responsável pela polêmica reportagem publicada no *The New York Times*, remete às questões que buscamos esclarecer nessa pesquisa, no caso a participação da imprensa na prática dos correspondentes.

Felizmente, a maior parte da cobertura dos jornais na manhã seguinte reconheceu a manobra do governo pelo que ela era. (...) A *Veja* foi um pouco mais longe, tratando da questão em uma **matéria de capa que**

**detalhava várias ocasiões em que repórteres brasileiros tinham mencionado o pesado consumo de álcool por Lula** e em que ele tinha parecido estar bêbado (ROHTER, 2007, p. 189, grifo nosso).

As observações realizadas nos livros dos três repórteres citados, Reed, Kapuscinski e Rohter, se mostraram eficazes para a observação inicial das questões do trabalho. Além de circularem entre as nossas perguntas, é possível com eles aprender sobre o jornalismo a partir das experiências dos repórteres que os escreveram. Muitos trazem suas opiniões sobre a política, as pessoas e a cultura dos locais e épocas em que realizaram suas coberturas. Porém, foi necessário cuidado para não se deixar levar pela quantidade de informações que não fazem referência aos problemas e objetivos dessa pesquisa. Por exemplo, no livro de Rohter, suas opiniões pessoais sobre a política no Brasil foram desconsideradas. Já as abordagens do repórter sobre como a política no Brasil é tratada pela imprensa nacional foram incluídas na análise.

Além dos livros que tratavam exclusivamente de relatos de jornalistas, foram incluídos nesse estudo títulos que fazem o estudo sobre as práticas. Não é preciso dizer que as obras principais estão publicadas no idioma inglês, com exceção de um trabalho lançado durante a realização da nossa pesquisa e que teve inestimável papel para esse estudo. A obra já citada de Carlos Eduardo Lins da Silva, *Correspondente internacional*, além de ampliar os conhecimentos sobre o tema se mostrou fundamental na sugestão de bibliografias para as análises dos livros escritos por repórteres internacionais. Além disso, assim como Natali já considerava que o jornalismo internacional necessita de estudos, Silva considera que é possível extrair conhecimento a partir do tipo de obras que escolhemos para explorar as práticas e o mundo do correspondente internacional.

De modo geral, os livros sobre correspondentes internacionais são relatos autobiográficos ou coletâneas de reportagens. Muitos jornalistas, inclusive brasileiros, animaram-se a contar suas aventuras, mas quase nunca com ambições mais generalizantes. Todos, certamente, contêm informações, ideias, observações que, juntadas e analisadas, podem render uma excelente teoria sobre o correspondente internacional, mas que, por enquanto, estão dispersas nesses vários volumes à espera de quem se disponha a integrá-las criticamente (SILVA, 2011, p. 18).

Portanto, esse trabalho propõe suas explorações por meio de pesquisa bibliográfica a partir de livros com os relatos de experiências de repórteres internacionais e obras que estudam esse profissional do jornalismo internacional.

### 1.5 Estrutura da pesquisa e critérios de seleção do corpus

O trabalho está estruturado em cinco capítulos, sendo que o primeiro deles, ao qual tratamos agora, conta com a apresentação do tema, as questões problemáticas, os objetivos, a proposta metodológica e de estruturação da pesquisa.

O segundo capítulo considera os estudos já realizados sobre o jornalismo internacional e especialmente sobre os repórteres internacionais. Partimos da exploração sobre a história e pioneiros da atividade, rotinas e as armadilhas relacionadas ao desgaste da atividade, relações com as fontes, o papel dos editores e a hierarquização da profissão. Esse mesmo capítulo compreende também a interferência das tecnologias nas práticas, propostas para a origem da idealização do jornalista correspondente e, finalmente, a teoria sobre a apropriação de discursos primeiros na imprensa e de outros jornalistas pelos repórteres internacionais.

Foram consultadas principalmente cinco obras. Todas concentram explorações a respeito dos estudos teóricos sobre os correspondentes internacionais e o jornalismo internacional. A importantíssima e já citada *Correspondente Internacional* do professor e ex-correspondente internacional Carlos Eduardo Lins da Silva, juntamente com a obra fundamental sobre os correspondentes, *Foreign news: exploring the world of foreign correspondents*, escrita pelo professor e antropólogo Ulf Hannerz, foram referências decisivas para aproximação das práticas. Participam ainda os livros *International News & Foreign Correspondents*, de Stephen Hess, cientista político com passagem por universidades como Harvard e UCLA; *Understanding Global News*, de Jaap Van Ginneken, professor da Universidade de Amsterdã e, finalmente, *Jornalismo internacional*, de João Batista Natali, também professor e ex-correspondente internacional.

O terceiro e quarto capítulos trazem a análise dos livros escritos por repórteres internacionais. Diferentemente do capítulo dois, em que poucos materiais estavam disponíveis e que foi necessário trabalhar com obras não traduzidas para o português, há uma infinidade de obras do gênero disponível, desde narrativas que abordam exclusivamente fatos verídicos até o realismo ficcional caracterizado pela riqueza dos detalhes na construção das histórias.

Obras do escritor e correspondente americano, Ernest Hemingway, misturavam ficção aos fatos por ele observados e muitos de seus personagens

foram baseados em pessoas que o escritor conheceu. Muitas das obras escritas por correspondentes internacionais tornaram-se relatos únicos de acontecimentos responsáveis por transformações sociais, culturais e políticas na sociedade dos séculos 20 e 21 como, por exemplo, o livro do jornalista John Hersey, vencedor do prêmio Pulitzer pela obra, *Hiroshima*, que relata os momentos que se sucederam ao lançamento de uma ogiva nuclear sobre a cidade japonesa na década de 1940. As páginas com o relato do repórter da revista americana *New Yorker* permitiram que as atrocidades humanas não se resumissem à história dos vencedores.

Em razão desse grande número de obras, foi necessário definir critérios para seleção. O primeiro, vem ao encontro de uma questão que faz referência ao lugar de onde se produz o jornalismo desses repórteres, onde optamos em privilegiar obras que compusessem os maiores contrastes entre jornalista e local que se faz a reportagem. Algo que Hannerz já identifica em seu objetivo de estudo e que são os mesmos dessa pesquisa:

Estou mais interessado no trabalho dos relatos de correspondentes com as maiores distâncias culturais, por exemplo: a partir da Ásia, África ou Oriente Médio para a Europa ou América do Norte, ao invés de partir de Washington, DC, para Estocolmo ou de Bruxelas para Londres (HANNERZ, 2004, p. 5, tradução nossa).

O objetivo era que o conjunto de relatos a serem analisados fosse produzido por repórteres internacionais de diferentes nacionalidades, em locais e em situações de cobertura e contextos históricos contrastantes. Além de permitir compreender o jornalismo internacional em diferentes contextos, seja no sentido tecnológico ou histórico, nos interessava compreender como as notícias são produzidas em meio a revoluções, guerras e outros eventos, além de identificar como se configura o uso dos recursos tecnológicos para apuração, produção e envio do material.

Ao final da seleção, 10 obras foram analisadas, ordenadas em uma evolução cronológica do relato antigo ao mais contemporâneo, e divididas entre os capítulos três e quatro. A principal razão para separar as análises em dois blocos está na perceptível implicação tecnológica da comunicação, que apresentou mudanças em toda a história da correspondência, mas teve sua forma ampliada ao final do século 20, transformando significativamente as práticas dos repórteres. Dessa forma, as análises foram separadas do seguinte modo:

Capítulo três. Relatos de coberturas entre 1917 e 1997 nos seguintes livros:

- *10 dias que abalaram o mundo*, do americano John Reed. Relato

jornalístico da Revolução Russa ocorrida em 1917;

- *Repórter. Tempo de morrer*, do canadense Ernest Hemingway. Uma coletânea de reportagens do escritor e jornalista durante guerras e o período posterior a elas, 1937 a 1956;
- *O Gosto da Guerra*, do brasileiro José Hamilton Ribeiro, que narra o acidente que mutilou o jornalista durante sua cobertura da Guerra do Vietnã em 1968;
- *Ébano*<sup>7</sup>, escrito pelo polonês Ryszard Kapuscinski, em que ele narra sua cobertura jornalística e vida no continente africano entre 1957 e 1997<sup>8</sup>;
- *De Beirute a Jerusalém*, do americano Thomas Friedman, sobre sua jornada como correspondente nos mundos árabe e israelense entre 1979 e 1989.

Capítulo quatro. Relatos e coberturas entre 1989 e 2011 a partir dos livros:

- *Passageiro da história*, do brasileiro Marcelo Rech, com relatos das experiências do repórter durante uma série de coberturas internacionais como enviado especial na década de 1990;
- *A Guerra ao vivo*, do português Carlos Fino, sobre coberturas no Oriente Médio entre 2001 e 2003;
- *A queda de Bagdá*, do americano John Lee Anderson, que narra a investida norte americana contra o governo iraquiano em 2003;
- *Deu no New York Times*, do também americano, Larry Rohter, um resumo de quase quatro décadas de cobertura realizada no Brasil, mas que na nossa análise se dedicou nos detalhes da polêmica reportagem sobre o presidente do Brasil já mencionada anteriormente;
- *Tahir: Os dias da revolução no Egito*, da correspondente portuguesa Alexandra Lucas Coelho durante as recentes manifestações contra o regime militar no Egito em 2011.

E finalmente o quinto e último capítulo, que é o espaço em que articulamos os

---

<sup>7</sup> Aliado ao livro *Ébano*, foram consultadas também outras obras que tratam da prática do repórter polonês ou que trazem artigos escritos por ele descrevendo suas técnicas de apuração *Reportero del siglo*. Selección de artículos de *Le Monde Diplomatique*, (2007a) e *La voz del Otro*. Barcelona: (Ex)tensiones. (2007b).

<sup>8</sup> Mesmo informado que o período do livro de Kapuscinski tenha quase quatro décadas, a análise se foca sobre suas coberturas nas décadas de 1960 e 1970. Uma única passagem de Kapuscinski da década de 1990 é utilizada nesse trabalho.

estudos sobre os repórteres internacionais e os resultados das análises dos livros citados. Nesse capítulo propomos as respostas para as questões do trabalho, a reflexão sobre as práticas e outras interpretações sobre o conteúdo analisado.

## 2 OS ESTUDOS SOBRE OS REPÓRTERES INTERNACIONAIS

Este capítulo considera os estudos já realizados sobre o jornalismo internacional e especialmente sobre os repórteres internacionais. Partimos da exploração sobre a história e pioneiros da atividade, rotinas e as armadilhas relacionadas ao desgaste da atividade, relações com as fontes, o papel dos editores e a hierarquização da profissão. O capítulo compreende também a interferência das tecnologias nas práticas, propostas para a origem da idealização do jornalista correspondente e, finalmente, a teoria sobre a apropriação de discursos primeiros na imprensa e de outros jornalistas pelos repórteres internacionais.

Foram consultadas principalmente cinco obras. Todas concentram explorações a respeito dos estudos teóricos sobre os repórteres internacionais e o jornalismo internacional. A importantíssima e já citada *Correspondente Internacional* do professor e ex-correspondente internacional Carlos Eduardo Lins da Silva, juntamente com a obra fundamental sobre os correspondentes, *Foreign news: exploring the world of foreign correspondents*, escrita pelo professor e antropólogo Ulf Hannerz, foram referências decisivas para aproximação das práticas. Participam ainda os livros *International News & Foreign Correspondents*, de Stephen Hess, cientista político e professor; *Understanding Global News*, do professor Jaap Van Ginneken, e finalmente, *Jornalismo internacional*, de João Batista Natali, também professor e ex-correspondente internacional.

### 2.1 Aproximações iniciais ao mundo dos repórteres internacionais

#### 2.1.1 Diferentes nomenclaturas e os primórdios da atividade

Conforme Natali (2004, p. 13), “o jornalismo nasceu [...] sob a forma de jornalismo internacional, com o formato de coleta e difusão de notícias produzidas em terras distantes”. A pesquisa sobre os primórdios das práticas de correspondência internacional nos levará ao início das atividades das primeiras agências de notícias na Europa. Na primeira metade do século 19, pela localização, na época, dos “principais centros de poder, economia e cultura do mundo, além dos primeiros jornais que começavam a operar de modo mais profissional e lucrativo, os correspondentes não amadores apareceram ali antes do que na América” (SILVA,



2011, p. 26). Ainda segundo Silva (2011, p. 27), “os correspondentes internacionais começaram a proliferar na Europa a partir de 1835, quando foi fundada a primeira agência de notícias, em Paris, a *Havas*, que depois se tornaria a *France-Presse*”.

Como visto, são os jornalistas que trabalham para as agências de notícias, os primeiros profissionais a atuarem no âmbito do jornalismo internacional. Contudo, em razão das diferenças entre correspondentes de veículos e correspondentes de agências de notícias, são necessárias essas e outras definições entre os tipos de profissionais que atuam no jornalismo internacional. Adotaremos nesse trabalho as observações de Silva (2011) sobre as diferenças entre correspondentes, enviados especiais e outros derivados das práticas de cobertura no exterior.

**Correspondente internacional** vai ser aqui considerado como o jornalista sediado em um país que não o seu de origem com a missão remunerada de reportar fatos e características dessa sociedade em que vive para uma audiência da sua nação materna por meio de um veículo de comunicação. O **enviado especial**, embora faça quase exatamente isso, em geral, viaja por períodos curtos e com a missão de cobrir um evento específico e, assim, não se enquadra como correspondente internacional. Já o **correspondente de guerra** entra na categoria (correspondente internacional) porque, apesar de cobrir um evento específico, permanece em campo, em geral por períodos longos (SILVA, 2011, p. 16, grifo nosso).

Como se observa na definição de Silva (2011), o correspondente internacional será um jornalista que escreve para um veículo de comunicação de sua nação. Dessa forma, seria incorreto determinar as agências de notícias como as precursoras dessa atividade, já que os jornalistas que atuam nas agências têm como objetivo produzir conteúdo noticioso do local de sua base para diferentes veículos do mundo. “As agências internacionais pensam em um cliente abstrato ao redigirem seus despachos. Esse cliente pode ser uma emissora de rádio da Tailândia, uma revista semanal da Bélgica ou um jornal diário do Brasil” (NATALI, 2004, p. 34). De acordo com os parâmetros definidos acima e os livros selecionados para as análises, podemos já concluir que esse trabalho traz, exclusivamente, relatos de correspondentes internacionais, enviados especiais e correspondentes de guerra.

Entre os pioneiros nas atividades definidas como correspondentes internacionais, Silva (2011, p. 31) destaca que “embora possa ter havido algum predecessor menos conhecido em algum veículo da Europa ou das Américas”, o patrono da profissão foi George Washburn Smalley, jornalista do periódico americano *New York Tribune*, que era remunerado especificamente para enviar notícias exclusivas para o seu veículo, além de não tratar de apenas um único

assunto ou com permanência delimitada pela dimensão dos acontecimentos, “o que constituía uma relação única com uma audiência específica, característica importante para o trabalho do correspondente” (SILVA, 2011, p. 31). O pioneirismo em manter um repórter fixo no exterior, no ano de 1867, era parte de uma estratégia do jornal para se destacar da concorrência, praticante, na época, de um jornalismo principalmente sensacionalista. A estratégia de diferenciação do Tribune contemplava ainda, por exemplo, contar com nomes importantes entre seus colaboradores, como o alemão Karl Marx. Silva aponta que alguns autores consideram na biografia de Marx atuação como correspondente internacional, contudo, “na realidade, ele [Marx] era um colunista que escrevia de fora do país-sede de seu jornal” (SILVA, 2011, p. 31).

Silva conta que o editor-chefe do Tribune, John Russel Young, demorou a se convencer da ideia de ter um jornalista longe da redação e do controle de seus editores, prevendo que “Smalley se tornaria independente demais do comando da Redação (um dos motivos básicos da tensão entre o correspondente e seus chefes)” (SILVA, 2011, p.32). Após aceitar a ida de Smalley, o editor do veículo apontou aos seus leitores a justificativa para enviar um repórter ao exterior e algumas práticas que seriam exercidas pelo correspondente no exterior. Entre as atividades de Smalley, estava a relação com autoridades e jornalistas locais. “O Sr. Smalley tem **intimidade com diversos jornalistas** e políticos britânicos, que tem sido proeminentes no apoio dos interesses dos EUA e fazem de seu escritório um local de uso frequente e familiar” (YOUNG In: SILVA, 2011, p. 32, grifo nosso). Silva conta que o trabalho de Smalley no exterior era criticado pelos editores do Tribune, que reclamavam da falta de citação de fontes nos textos do repórter e que com o passar do tempo se converteram em textos opinativos. Uma das consequências, segundo Silva, do excesso de tempo de permanência de um correspondente em um mesmo lugar de cobertura.

Esse tipo de situação não é incomum entre correspondentes que ficam por muito tempo em um só lugar e se tornam famosos em casa. O desgaste provocado pela idade, o cansaço da rotina e o excesso de autoconfiança levam muitos a deixar de passar a escrever o que a experiência e a intuição o levam a concluir (SILVA, 2011, p. 38).

Depois de 28 anos como correspondente fixo do jornal em Londres, George Smalley foi demitido do Tribune. Depois disso, o patriarca dos correspondentes passou outros 10 anos como correspondente do *The New York Times* na mesma

cidade. Já entre as mulheres que atuaram como correspondentes internacionais, Silva aponta como precursoras da atividade as repórteres Dorothy Thompson e Nelly Bly. “A exemplo de Smalley, [...] Dorothy Thompson foi a primeira mulher a viver profissionalmente do trabalho de enviar de modo sistemático e cotidiano relatos do exterior para um veículo de comunicação em seu próprio país” (SILVA, 2011, p. 45). Veremos ainda nesse capítulo algumas características que marcam a profissão das mulheres que exercem a profissão de repórter internacional.

Já entre os pioneiros dos correspondentes de guerras e enviados especiais, Silva destaca o jornalista George Wilkins Kendal, que cobriu a Guerra do México, em 1845, e Willian Howard Russel, enviado em 1854 pelo *The Times* para a cobertura da Guerra da Criméia. Entre as mulheres, Margaret Fuller, do *New York Tribune*, “foi a primeira enviada especial à Europa da história do jornalismo americano e se tornou uma estrela da imprensa no país” (SILVA, 2011, p. 31).

Há ainda, de acordo com os trabalhos que estudam as práticas da correspondência internacional, duas outras atividades: os *stringers* e os “paraquedistas”. Hannerz (2004) traz em seu trabalho um exemplo de uma dessas práticas no jornalismo internacional. Em uma das passagens, enquanto o pesquisador entrevistava um correspondente sênior baseado em Jerusalém, ocorria o encontro de líderes palestino e israelense, respectivamente, Yasser Arafat e Benjamin Netanyahu, na Faixa de Gaza. Em razão da importância daquele encontro para os acordos de paz na região, o pesquisador questionou ao correspondente como ele faria para percorrer a distância que separava o local da entrevista do encontro dos líderes em tão pouco tempo. Contudo, esse correspondente não precisava se deslocar para realizar esse tipo de cobertura. Ele se utilizava dos serviços de um *stringer*, ou seja, um segundo jornalista que, fazia a cobertura do encontro e encaminharia para o correspondente em Jerusalém. Após receber o material do *stringer*, “o correspondente telefonaria para o assessor de imprensa de Netanyahu [...]. E assim confirmaria com ele os detalhes e faria alguns questionamentos” (HANNERZ, 2004, p.8). Ou seja, o correspondente sênior de um jornal americano em Israel não precisava participar de grandes eventos, com presença de chefes de estado, por exemplo, já que para isso ele contava com um segundo profissional que cobriria determinado assunto.

Há ainda o que Silva chama de “paraquedista”. Mais frequente nos EUA em anos recentes por questões de economia, segundo Silva, “é uma espécie de *stringer*

itinerante”. Esse jornalista que fica algumas semanas num local, em função de algum acontecimento importante, e logo se desloca para outra cobertura. Silva alerta que é necessário não enquadrar esse tipo de profissional com o enviado especial “que em geral é jornalista graduado e que cobre eventos específicos apenas por alguns dias” (Silva, 2011, p. 90). Hannerz (2004, p. 39) também utiliza o termo “bombeiro”, para identificar o repórter “que é enviado para rápidas jornadas, com pouco ou nada de acontecimentos, mas que necessitem de suporte jornalístico em caso de alguma emergência”. Esse tipo de profissional foi retratado pelo cinema no filme *Salvador. O martírio de um povo*, de 1986 e dirigido por Oliver Stone. No filme, o jornalista fracassado Richard Boyle tenta desesperadamente um novo trabalho e acaba indo, por conta própria, realizar a cobertura da guerra civil em El Salvador.

### 2.1.2 As rotinas, a tradução do exterior e o desgaste da profissão

Em razão das diferentes nomenclaturas estarem ligadas diretamente ao tipo de cobertura que realizam, é de se intuir que a rotina de correspondentes internacionais, enviados, repórteres de guerra e outras categorias possuam rotinas muito diferentes. No caso do correspondente internacional, de acordo com as obras consultadas, pode-se sugerir que existe uma rotina mais regular, seja de acompanhamento de pautas ou de redação. No caso dos enviados e correspondentes de guerra, a tendência é que sua rotina fique totalmente dedicada à apuração de assuntos específicos e que aparecerá mais propriamente nos relatos contidos nos livros analisados nos dois capítulos seguintes.

No caso do correspondente internacional, que fica fixo em um determinado local, entre suas primeiras decisões está a forma de apuração da notícia, principalmente se ele é o único do seu veículo no país em que realiza a cobertura, é se deve sair da sua base, ou redação, para tentar buscar pautas exclusivas. “Vários preferem sair em busca de pautas exclusivas e importantes fora da capital. Com o risco de terem de voltar às pressas e com o trabalho inconcluso porque algo inesperado e muito relevante ocorreu [...]” (SILVA, 2011, p. 112).

Quando não está na cobertura de notícias fora da sua base, cabe a esse jornalista a rotina diária de manter-se informado sobre os acontecimentos locais ou de relevância. Silva nos conta sobre o processo de acompanhamento da mídia como prática, que envolve a leitura de jornais e revistas locais, assistir e ouvir a TV e o

rádio e manter atenção às agências de notícias. Tudo isso para escrever textos e fazer pauta com matérias que chegam pela própria imprensa.

Eu lia diariamente os jornais [...]. Lia as revistas semanais [...] as mensais, as trimestrais... Todo o tempo em que ficava no escritório (em média 12 horas por dia, exceto quando tinha entrevistas fora), estava com a internet e a CNN ligadas. Quando a MSNBC entrou no ar, dava uma olhada também nela a cada 30 minutos. Escutava ainda os noticiários das 7 da manhã e das 5h da tarde na National Public Radio (SILVA, 2011, p. 110).

Como demonstrado na citação acima, o trabalho de um correspondente pode consumir tempo integral do jornalista. Se levada para o lado pessoal, a atividade irá requerer desse profissional certa abdicção do tempo dedicado à família e ao lazer. Estar ligado 24 horas nas notícias e pronto para entrar em ação viajando o mundo é uma rotina comum para os repórteres internacionais. Ainda em uma época que a ausência de tecnologias como a internet e os telefones móveis permitiam se desligar do mundo, Silva comenta o caso do correspondente de um jornal brasileiro na Itália, que esgotado pela rotina resolveu aproveitar um feriado para descansar. “Para não ter problemas com o jornal, deixou matérias ‘frias’ para serem transmitidas por telex para sua redação diariamente no horário em que seus despachos eram enviados” (SILVA, 2011, p. 51). Ocorre que nesse intervalo, o papa João Paulo II foi vítima de um atentado e a redação tentou realizar contato com seu correspondente que, obviamente, não estava a par da situação. Para piorar a situação, a redação recebia as matérias frias no telex com assuntos completamente desconexos com a situação do local.

Quando o *New York Tribune* teve a iniciativa de constituir o primeiro correspondente internacional, a principal dúvida era quanto à independência que esse jornalista adquiriria estando longe da redação do jornal. Entre os problemas que causaram a demissão do patrono dos correspondentes, George Smalley, estava o longo período em que esteve fixo no mesmo local. Silva aponta que uma das armadilhas que os correspondentes precisam enfrentar é a de esquecerem que são estrangeiros no local em que realizam as coberturas: “[...] pensar como suas fontes, não como seus leitores. A dissociação do correspondente da maneira de seu leitor ver o mundo pode ser fatal para o seu trabalho” (SILVA, 2011, p. 33). Assim, Silva avalia o tempo necessário para a adaptação e limite para a realização de coberturas pelos correspondentes.

De fato, seis ou nove meses não são tempo suficiente para ninguém fazer um trabalho consistente como correspondente. Um ano é o período mínimo para alguém basicamente se instalar num país que lhe é novo e adquirir algum senso dele. Após dois anos de trabalho, o jornalista começa a ganhar confiança de fontes que lhe são significativas. O traquejo com as instituições somente passa de fato a contar no terceiro ano. O trabalho só rende mesmo em quatro ou cinco anos, que é o “mandato” padrão adotado pelo New York Times, por exemplo (SILVA, 2011, p. 42).

Um sistema básico de rodízio costuma ser padrão entre as empresas que possuem correspondentes internacionais, com tempo médio de três anos de permanência dos repórteres em coberturas no exterior, até serem deslocados para outros territórios (HESS, 1996). Contudo, não há uma regra clara e a permanência de correspondentes em determinados lugares pode variar por uma série de fatores como constituição de família e até por problemas de relacionamento dentro da própria redação.

Fritz Utzeri, que foi correspondente do Jornal do Brasil em Paris, reclamava que vários colegas seus viam a função de correspondente como “um prêmio” ou como solução para algum problema político interno da Redação (de fato, no caso do Brasil, isso tem sido prática recorrente: algum jornalista com cargo de chefia que se desentende com o comando da Redação acaba sendo mandando para um posto no exterior, às vezes para o lugar mais distante possível, para acomodar a situação sem traumas maiores) (SILVA, 2011, p. 33).

Outra razão que pode pesar sobre a decisão do tempo de permanência de correspondentes está na construção de uma rede de relacionamentos realizada pelo repórter.

Na cultura dos correspondentes estrangeiros, as empresas jornalísticas possuem esquemas para organizar suas forças de trabalho. [...] A razão aparente é que a atuação dos correspondentes externos são diferentes ao jornalismo nacional, ou talvez simplesmente porque seria prejudicial para as empresas substituí-los, em razão da valiosa experiência e aprendizagem que esses jornalistas adquirem (HESS, 1996, p. 53, tradução nossa).

Ainda sobre as consequências causadas pelo tempo de permanência de correspondentes internacionais em um mesmo local, Silva usa como exemplo o jornalista brasileiro Paulo Francis. Ele relata que após muitos anos como correspondente em Nova Iorque, Francis não tinha mais ânimo e saúde para ficar em “pé no frio à espera da saída de um ministro da Fazenda do Brasil que negociava com banqueiros”. Segundo Silva, o tempo de experiência e as relações cultivadas por jornalistas como Francis, por exemplo, exigia dele apenas “alguns telefonemas, ou talvez nem isso, para saber fundamentalmente o que ocorrera e já

não se preocupava com a precisão dos detalhes, que, entretanto, eram considerados essenciais pelo comando da Redação em São Paulo” (SILVA, 2011, p. 39). Ainda segundo Silva, outro problema que alguns correspondentes começam a ter com as redações é o de achar que as pautas que eles já cobriram não merecem mais ser tratados.

O correspondente pode ter a lembrança de tudo que escreveu sobre um determinado tema e, por isso, às vezes achar que seu público também se lembra de tudo. Não é bem assim. O público do correspondente está sempre ganhando novos integrantes, que nada sabem sobre aquele assunto (SILVA, 2011, p. 43).

Silva adverte que é necessário buscar um equilíbrio na função. Ao mesmo tempo em que o correspondente opera para o público de seu veículo, mais do que conhecer é necessário compreender o local em que realiza a cobertura e “se não tiver esse tipo de contato com o nacional típico da sociedade que cobre, ele não será capaz de compreender a alma do seu povo” (SILVA, 2011, p. 34). Responsável pela cobertura no caso de envolvimento do presidente dos Estados Unidos, Bill Clinton, com uma estagiária da Casa Branca, Silva conta que o diferencial no resultado de sua cobertura sobre o assunto para o público brasileiro foi conseguir entender as questões de ordem política e cultural que envolvia aquele caso e os motivos que levavam os americanos a se escandalizarem. Segundo Silva, a problemática da situação não estava apenas no moralismo americano em relação a assuntos que envolvem sexo entre pessoas mais jovens e em posição de inferioridade – o presidente dos Estados Unidos e uma estagiária –, mas as questões éticas impicantes e contidas no fato de Clinton ter mentido e supostamente realizado tais atos em um prédio como a Casa Branca, sede do governo americano.

Para o brasileiro, aquilo podia não fazer sentido. Para o americano sim. E a função do correspondente é mostrar o que pode acontecer de acordo com a perspectiva de quem toma as decisões. (...) Felizmente, para mim e para os leitores da Folha, havia na redação em São Paulo **outros jornalistas que tinham sido correspondentes nos EUA e que entendiam meus argumentos sobre que linha editorial deveríamos seguir**. Foi de particular importância nesse sentido a participação de Renata Lo Prete como editora de primeira página naquela época. Graças a ela, o jornal apontou antes de vários concorrentes a tendência pelo impeachment de Clinton (SILVA, 2011, p. 34, grifo nosso)

Por vezes, alguns problemas na redação são causados por um misto de desconhecimento do local em que o repórter internacional está e pelo rigor em atender padrões de narrativa locais adotados pelos veículos em matérias que

contam situações de culturas e sistemas de Estado diferentes. Silva relata que uma cobertura sobre o líder negro americano Malcom X teve um erro “ridículo”, como constata o autor. “O redator e o editor que o colocaram no jornal, fiéis ao Manual de Redação da Folha, que havia abolido os algarismos romanos, 'corrigiram' minha grafia e transformaram Malcom X em Malcom 10<sup>o</sup>” (SILVA, 2011, p. 36).

Silva traz um artigo do jornalista Fritz Utzeri, que compõe o livro *Imprensa ao vivo*, organizado por Lúcia Rito e escrito em 1989, em que, para Utzeri, o correspondente “tem que traduzir a realidade do país em que está e fazer o máximo possível de comparações que permitam às pessoas identificar o que está acontecendo com os referenciais que estão acostumadas a usar aqui em casa” (UTZERI, 1989, apud SILVA, 2011, p. 37). Silva conta ainda que durante a cobertura do caso em que envolveu o jogador de futebol americano O. J. Simpson, acusado pelo assassinato da esposa e de um amigo, usou como recurso de tradução aos leitores do jornal brasileiro como aquele atleta era visto pelo público americano: “acabei por dizer que Simpson estava para os americanos mais ou menos como Rivelino para os brasileiros. Fazer a tradução de um país para outro com o uso de comparações desse tipo é um dos grandes desafios para os correspondentes internacionais” (SILVA 2011, p. 38).

### 2.1.3 O ser correspondente e as relações da profissão

Segundo os resultados do estudo demográfico realizado por Hess (1996, p. 11) em 1992 com mais de 400 correspondentes baseados nos Estados Unidos, 82% dos profissionais que atuavam como correspondentes internacionais possuíam algum tipo de graduação, sendo que 30% do total de entrevistados estudaram em escolas particulares e 11% possuíam títulos de pós-graduação. Em entrevista para Hannerz (2004, p. 73), Bill Keller, editor executivo do *The New York Times*, disse que correspondentes que possuem títulos na área acadêmica, como doutorados e mestrados, “não funcionam. Conhecimento demais. Muito cheios de nuances”, diz Keller. Para ele, o correspondente “precisa ter mente aberta, estar disposto a enfrentar dificuldades, muita facilidade para adaptação e ter gosto pela reportagem de rua”.

Contudo, para Silva (2011, p. 103), “o fato de estudar em universidades, obter títulos de pós-graduação e ter inclinação para o trabalho acadêmico não



necessariamente, no entanto, exclui a capacidade de lidar com a realidade e de identificar a notícia além das teorias”. Ainda segundo Silva (2011, p. 103), jornalistas brasileiros como Caio Túlio Costa, Caio Blinder, João Batista Natali, [além do próprio autor], entre outros nomes citados no livro, “tiveram ótimo desempenho como correspondentes e que, antes, durante ou após esse trabalho, se dedicaram a estudos de pós-graduação”.

Quanto à necessidade de domínio de idiomas, ela torna-se essencial e sua falta ou dificuldade com a língua do país poderá resultar em limitação de fontes e desvios de perspectiva. Silva adverte que entre os correspondentes americanos, por exemplo, que não são capazes de se comunicar na língua nacional do país em que trabalham, eles têm grandes dificuldades para desempenhar bem o trabalho de correspondente. “Muitos americanos monoglotos enviam inconscientemente seu material porque, com frequência, limitam suas fontes a pessoas que podem conversar com eles em inglês”. Ainda segundo Silva, em países menos desenvolvidos, e que em geral as fontes com domínio do inglês são determinadas por elites, “tendem a dar ao jornalista uma visão se não distorcida ao menos parcial e possivelmente tendenciosa das questões em debate” (SILVA, 2011, p. 104).

O domínio do idioma escrito está entre as características necessárias para a profissão de repórter internacional, conforme aponta Silva (2011, p. 97). Entre outras necessidades, “pensamento lógico, curiosidade, (...) gosto pela leitura, disposição para trabalhar em condições adversas e com muito pouca folga, adaptabilidade a situações novas que mudam constantemente. E paciência muita, paciência”.

Relações cultivadas com autoridades locais, informantes e outros tipos de fontes são determinantes em qualquer atividade do jornalismo. Como já identificado por Hess e Silva, o tempo necessário para a construção de uma rede de contatos com credibilidade é um desafio para novos correspondentes e quase uma aventura para enviados especiais, que não tem tempo suficiente para localizar fontes para a produção do trabalho. Mas ao mesmo tempo, a visibilidade do trabalho produzido pelos repórteres internacionais requer cuidado por parte desses jornalistas, no sentido de seleção e contrapontos necessários às fontes com o objetivo de o repórter ser usado como divulgador de assuntos de interesse de governos ou organizações.

O ceticismo requer embasamento factual. Deve-se dar muito valor ao que diplomatas dizem e a suas avaliações, mas é preciso ter contrapontos não

só no governo local, mas também entre jornalistas nacionais, acadêmicos, membros de organizações não governamentais. Quando a associação entre jornalista e diplomata fica excessivamente íntima, há o risco de os papéis se confundirem e o correspondente se tornar agente ou instrumento do governo (SILVA, 2011, p. 114).

Já entre pessoas comuns, os correspondentes e enviados precisam recrutá-los para apoiá-los desde a contratação de serviços como transporte, tradução, segurança e até produção das suas matérias, entre outras necessidades dos repórteres, principalmente para as coberturas de conflitos. Silva (2011, p. 117) aponta como exemplo o caso do correspondente do *The New York Times*, Sidney Schanberg, que durante a cobertura da Guerra do Camboja contou com o apoio de Dith Pran<sup>9</sup>, médico e repórter que atuou como assistente de Schanberg. A história de parceria entre o correspondente e o seu assistente foi contada em uma série de reportagens escritas por Schanberg e que resultou no livro chamado *The Life and Death of Dith Pran* e que deu origem ao filme *Gritos do Silêncio*, dirigido por Roland Joffé e vencedor de três categorias do Oscar em 1985, incluindo a de melhor ator coadjuvante para Haing Nor, que interpretou Pran no cinema. Dith Pran foi prisioneiro do regime cambojano por quatro anos. Após empreender fuga dos campos de concentração, obteve asilo nos Estados Unidos e trabalhou como repórter fotográfico para o *The New York Times* até 2008, ano em que morreu em razão de um câncer. Entre os serviços prestados por Pran ao correspondente do Times e outros jornalistas, o assistente era responsável pela tradução do idioma, dos costumes locais, subornos e, segundo conta o filme, evitou que Schanberg fosse fuzilado, negociando com militares a libertação do jornalista em troca de refrigerantes.

#### 2.1.4 Repórteres internacionais mulheres

Assim como em todas as áreas do jornalismo, muitas mulheres se destacam na profissão. Como visto no início desse capítulo, a atuação de correspondentes do sexo feminino começou quase que simultaneamente aos seus colegas homens. Silva destaca em sua obra uma série de livros escritos por jornalistas mulheres desde as primeiras guerras do século 20. Silva (2011, p. 47) afirma que, além dos

---

<sup>9</sup> Mais informações sobre a carreira de Dith Pran disponível: <[http://topics.nytimes.com/topics/reference/timestopics/people/d/dith\\_pran/index.html](http://topics.nytimes.com/topics/reference/timestopics/people/d/dith_pran/index.html)>. Acesso em: 01 fev. 2012.

riscos na cobertura de guerras, a atuação de mulheres na correspondência internacional era evitada por militares e até mesmo por colegas de profissão, que segundo Silva, “convenciam os militares, também homens, a instalar os sanitários femininos à maior distância possível das barracas do comando e residenciais, o que trazia grandes prejuízos e maiores riscos às correspondentes”.

Hess aponta que com o passar do tempo, o número de mulheres em atividades de correspondência internacional teve grande expansão. Se entre os eventos da Segunda Guerra Mundial e Guerra Civil Espanhola se localizam pouquíssimas representantes do sexo feminino, esse número cresceu juntamente com a ampliação dos cargos de jornalistas fixos dos veículos americanos.

Na década de 1970, aproximadamente 16% dos correspondentes estrangeiros eram mulheres, um número que duplicou na década de 1980 (33%), o crescimento começou a estabilizar-se nos três primeiros anos da década de 1990. [...] A relação de dois homens para cada mulher entre os correspondentes estrangeiros se reflete no jornalismo dos EUA e de Washington. Entre todos os jornalistas norte-americanos, as mulheres representavam 20% da força de trabalho em 1971 e 34% em 1982-83, um número que permaneceu inalterado na próxima década (HESS, 1996, p. 16, tradução nossa).

Quanto aos riscos enfrentados por correspondentes e enviadas especiais, Hess aponta que, entre as jornalistas por ele entrevistadas, havia uma série de pontos de vista sobre se ser mulher causaria dificuldades, ajudaria ou era irrelevante no trabalho dessas jornalistas.

Robin Wright, que estava em Beirute no início de 1980, disse que se sentia menos vulnerável do que seus colegas do sexo masculino porque a maioria dos reféns seqüestrados tinham sido homens. Elaine Sciolino, que realizou cobertura no Irã, afirmou que usar o chador<sup>10</sup> deu a ela invisibilidade e, portanto, uma liberdade de se movimentar por locais de acesso impossível para os correspondentes homens. Bryna Breenan, que cobriu guerras na América Central para a Associated Press entre 1986 - 1989 comentou: "Às vezes, especialmente quando se lida com os militares, senti que havia uma vantagem de ser uma correspondente feminino. Muitos dos meus colegas do sexo masculino, que nunca haviam servido no Vietnã, sabiam tão pouco quanto eu sobre a nomenclatura militar, mas parecia que eles estavam às vezes com vergonha de pedir a um soldado ou guerrilheiro informações sobre o tipo de rifle que ele carregava" (HESS, 1996, p. 17, tradução nossa).

Os trabalhos de Hannerz, Hess e Silva tratam de outras informações sobre características específicas para o trabalho de repórteres internacionais mulheres. Esses dados vão desde as desigualdades de salários entre os sexos até os

<sup>10</sup> Vestimenta típica, por vezes obrigatória, usada por mulheres em regiões do Oriente Médio e países com maioria islâmica.

relacionamentos entre casais de correspondentes.

### 2.1.5 As hierarquias e o relacionamento com outros jornalistas e editores

Como em qualquer outra atividade profissional, os correspondentes têm hierarquias definidas a partir de fatores que envolvem desde o país de origem até a representatividade do seu veículo no local de cobertura. Silva aponta algumas características que podem diferenciar correspondentes e enviados especiais. “Estar a serviço da Rede Globo de televisão ou alguma rede de grande audiência nacional dá ao correspondente um status mais elevado do que o do que representa uma rádio de interior, por exemplo” (SILVA, 2011, p. 89). Ainda segundo o autor, jornalistas responsáveis por análises ou os quem têm artigos publicados possuem mais destaque do que aqueles que escrevem somente notícias. O tempo no local também será uma distinção entre esses jornalistas, sendo aqueles com mais tempo de vivência ou experiência no local mais importantes que os já denominados correspondentes paraquedistas. Os jornalistas de mais fama possuem privilégios, tendo preferência em coletivas mais estruturadas, além de serem “saudados em primeiro lugar por autoridades ou figuras públicas que os conhecem bem” (SILVA, 2011, p. 90). Contudo, nem sempre um veículo de repercussão mundial será mais importante que outro de referência nacional, por exemplo. Em alguns casos, essa preferência será determinada pela ocorrência dos fatos e interesses de cobertura do próprio país, como exemplifica o autor.

O correspondente do New York Times no Brasil é mais importante que o da Folha nos EUA. Mas o de um jornal importante brasileiro na Argentina pode estar similar ou até superior ao do correspondente de agências de notícias ou de um veículo americano ou europeu. Os correspondentes de países cuja nacionalidade constitui comunidades cultural ou eleitoralmente de relevo nos países onde trabalha também costuma ter status superior. No caso dos EUA, por exemplo, os correspondentes mexicanos tinham (e ainda devem ter) posição melhor do que os brasileiros, os irlandeses melhores que os eslovacos (SILVA, 2011, p. 91).

Como se irá perceber na maioria das análises de livros que estão nos capítulos seguintes, o relacionamento entre repórteres internacionais é extremamente comum e faz parte das práticas e rotinas desses profissionais. Em alguns momentos, como na correspondência de guerra, por exemplo, mesmo concorrentes, esses jornalistas precisam se ajudar para a realização de suas

coberturas. Para Silva (2011, p. 87, grifo nosso), “**agir em conjunto com os demais colegas correspondentes pode ajudar a aumentar a eficiência e adicionar valor ao trabalho de todos**”. Silva ainda apresenta os critérios do jornalista Michael Kauffman, do *The New York Times*, sobre como o correspondente deve se comportar quanto à exclusividade nas matérias.

As pautas têm importância de zero a dez e só as que são acima de nove são de fato importantes; não faz sentido brigar por causa das que não têm quase nenhuma importância, é melhor cooperar com os adversários em todas essas e reservar o esforço competitivo apenas para as que valem a pena (SILVA, 2011, p. 85).

Silva (2011, p. 86) conta que quando informações são coletivas, segundo uma regra mais ou menos básica entre correspondentes, “não faz mal passá-la a quem por algum motivo não conseguiu obtê-la diretamente”. O compartilhamento de informações com outros colegas às vezes é determinado pela prática de *pool*, recurso determinado por governos, exércitos e assessorias, para que um pequeno grupo de repórteres entre em um determinado local e depois distribuam a informação para outros jornalistas.

Silva relata que quando acompanhou um presidente do Brasil em visita ao Vaticano, após o encontro, ele e outros três jornalistas sorteados para composição do *pool* realizaram uma coletiva para os outros jornalistas que acabaram não sorteados ou selecionados para o encontro. Também é possível que correspondentes internacionais tenham acesso às redações de outros veículos como centros de suas coberturas, o que certamente deverá representar uma série de benefícios e facilidades na obtenção de informações, principalmente quando é possível ter acesso e trabalhar com jornalistas de veículos de referência na imprensa mundial.

Paulo Sotero, quando trabalhava para a Gazeta Mercantil, conseguiu um espaço para ele na sucursal do britânico Financial Times em Washington, e o manteve após ir para o Estado de S. Paulo. Isso lhe trouxe inúmeros benefícios profissionais. **Ele podia desfrutar da infraestrutura de um dos mais importantes jornais do mundo e da companhia de colegas de excelente nível que, por não serem competidores diretos, certamente lhe abriam informações e pontos de vista que devem ter enriquecido bastante sua própria perspectiva dos fatos que cobria** (SILVA, 2011, p. 58, grifo nosso).

Ginneken (1998, p. 134) considera que a relação de proximidade entre os correspondentes é necessária para manter as perspectivas de interesse do veículo e

leitores. O autor chama de “realidade alienígena” o ambiente de diferenças de ordem econômica, cultural e política ao qual atuam os repórteres internacionais. Para Ginneken, a necessidade de compreender e transcrever essa realidade amplia a necessidade dos correspondentes, principalmente se eles forem de uma mesma cultura ou espaço geográfico, se auxiliarem e manterem tão próximos, tanto em coberturas quando nas abordagens adotadas e afirma que esse contato se amplia em locais menos desenvolvidos. O autor traz ainda o relato contido no livro *The Known World of Broadcast News*, em que os jornalistas Roger Wallis and Stanley Baran citam como tratavam o compartilhamento com a *stringer* da BBC, Lindsey Hilsum.

Outros jornalistas ficam às vezes surpreendidos como colaborávamos uns com os outros. Eu acho que é vital, simplesmente porque é muito difícil obter qualquer informação. É claro que queremos receber em primeiro lugar, mas então, depois de receber [informações] você vai querer compartilhar... Obviamente, você precisa verificar as informações o máximo possível, mas aqui como em qualquer outro lugar, **você sabe quem são os bons jornalistas**. Você sabe em quem não deve confiar também. **Os jornais locais, por exemplo, são a semente de muitas histórias, mas você nunca pode tomá-los como única verdade** (WALLIS, 1990, apud GINNEKEN, 1998, p. 134, tradução nossa, grifo nosso).

Para Silva, a sociabilidade entre os correspondentes pode ser comprovada pelo tempo com que esses jornalistas trocam informações entre si durante as coberturas, mesmo que por vezes essa prática seja determinada principalmente pela necessidade do trabalho e não por lazer ou diversão. Silva comenta que o correspondente Evelyn Waugh, autor do livro *Furo!* [ficção recheada de críticas às práticas jornalísticas e principalmente as dos correspondentes internacionais], relatava nos seus livros não ficcionais sobre os tempos que ele, Waugh, atuou como correspondente: “(...) relutava em se juntar aos demais em hotéis e bares, mas sempre cedia à força centrípeta pela necessidade [...] de dividir despesas e também informações que podiam ser comuns a todos” (SILVA, 2011, p. 97).

Desde os primórdios da profissão, em que o patrono dos correspondentes, George Smalley, já era criticado pela redação do Tribune em razão dos modos de sua apuração, são inevitáveis os momentos de tensão nas relações entre correspondentes e seus editores. Tom Kent, editor da *Associated Press*, e que havia trabalhado anteriormente como correspondente, disse em entrevista à Hannerz, que “a diferenças de perspectiva entre um editor e o correspondente eram tão previsíveis quanto às perspectivas que separam motoristas e pedestres” (KENT In: HANNERZ,

2004, p. 150). Mas essa diferença entre perspectivas poderia se inverter de forma muito rápida, dependendo da situação de cobertura. Mesmo com relações tão tensas e que mudam rapidamente, Hannerz considera que o trabalho em conjunto traz bons resultados para correspondentes editores.

“Para um correspondente, ter um bom editor estrangeiro é tão importante quanto ter a família certa”, disse Roy Gutman, do New York Newsday, quando o conheci no início de meus estudos. Quando ele foi correspondente europeu, [...] Gutman ganhou o Prêmio Pulitzer com sua cobertura sobre os campos de concentração sérvios na Bósnia. Ele trabalhou muito estreitamente com Jeff Sommer, seu editor, antes dos dois decidirem que estavam prontos para ir adiante com a história. Sommer [...] disse ter sido cauteloso e enviado Gutman de volta para apurar mais detalhes e que, embora possa ter havido momentos de tensão entre eles, acima de tudo, eles respeitavam e confiavam um no outro. Sommer, como um ex correspondente na Ásia, certamente não seria um estranho para os problemas particulares da produção de reportagens estrangeiras em situações de turbulência (HANNERZ, 2004, p. 150, tradução nossa).

#### 2.1.6 As tecnologias de comunicação e o impacto nas práticas

O desenvolvimento de novas tecnologias de comunicação costuma modificar os modos de apuração e transmissão da notícia. Para as práticas dos repórteres internacionais, não foi diferente e o surgimento de equipamentos que permitiram comunicação instantânea determinaram o fluxo da notícia ao jornalismo internacional. Silva aponta que o patriarca George Smalley considerava o telégrafo como primeiro equipamento a modificar as práticas por exigir dos usuários concisão nas informações transmitidas em razão dos custos para envio das notícias. “O custo nos tempos iniciais da utilização dos serviços telegráficos era altíssimo e os donos de jornais e seus administradores exigiam dos correspondentes que escrevessem pouco, já que o preço era por palavra” (SILVA, 2011, p. 62). Natali (2004, p.19) é enfático: “No jornalismo internacional, o impacto tecnológico foi sempre incomparavelmente maior”. O autor resume em sua obra a história do pioneirismo na utilização de equipamentos de comunicação pela correspondência internacional e que logo após eram adotados pelos jornalistas locais como o telégrafo, o telefone, entre outras tecnologias.

Além de reduzir o tempo entre apuração e sua divulgação, as novas tecnologias permitiram ao correspondente reduzir a necessidade de equipamentos grandes e pesados nas coberturas internacionais. Silva (2011, p. 59) traz em sua

obra o exemplo do “kit de correspondente de guerra”, de Rischard Harding Davis, que realizou a cobertura de guerras entre o século 19 e 20. De acordo com Rischard, não poderia faltar a todo o correspondente alguns itens como cantis de água, lanternas, velas, fósforos, machado, banheira dobrável, tabaco, cachimbos, empregada doméstica, baralho, caneta tinteiro, entre outros itens curiosos que em nada se assemelham com os equipamentos utilizados atualmente pelos repórteres internacionais em suas coberturas.

De mapas, dicionários, binóculos, gravadores para essencialmente computadores, telefones e seus sucedâneos até se chegar ao minimalismo contemporâneo, em que um aparelho portátil apenas é capaz de gravar som, filmar, fotografar, ser a máquina de escrever, permitir a consulta a todos os mapas livros de referência necessários, fazer às vezes de bússola (com enormes vantagens sobre ela) com o sistema GPS (SILVA, 2011, p. 59).

Se o telefone costumava e ainda costuma, segundo Silva, ser utilizado quando outros recursos não estavam disponíveis, a internet representou uma verdadeira revolução no trabalho dos repórteres que atuam no jornalismo internacional. Para Natali, a internet permitiu que redatores passassem, de meros recebedores passivos de informações enviadas pelas agências de notícias, a produtores e verificadores do material que recebiam dessas fontes. Ainda segundo Natali, esse ato transformou o redator em algo muito próximo ao jornalista. Já como jornalista, a pesquisa, que antes poderia tomar muito tempo, agora é feita na mesa do repórter em um processo rápido, conforme aponta Natali.

Se estou escrevendo sobre a Líbia, **posso consultar em primeiro lugar o arquivo do *Guardian* ou do *Le Monde*, que têm alta sensibilidade para questões norte-africanas.** Posso, a partir dessa consulta, ter acesso à entrevista dada há meses por algum cientista político britânico ou francês. Em seguida, colocarei o nome do especialista em um programa de busca ou entrarei no website da universidade ou no centro de pesquisas em que ele trabalha. Terei acesso a textos que ele escreveu e poderei enviar para ele um e-mail com três ou quatro perguntas. Se ele responder, tenho já uma entrevista que funcionará como um texto de apoio (NATALI, 2004, p. 34, grifo nosso).

Dessa maneira, o correspondente passou a contar com um banco de dados disponível em qualquer parte do mundo por meio da internet e permitiu a ele poder escolher os materiais que irá utilizar em sua cobertura. Além disso, o correspondente pode resgatar informações já transmitidas ou publicadas e que antes determinavam ao repórter que ficasse o dia todo conectado aos meios de comunicação clássicos, como o rádio e a TV.



Lembro-me de um colega, nos tempos em que estar ligado no mundo não era tão simples como é agora – com telefones inteligentes e computadores cada vez menores -, que passava todo o tempo que estava acordado se informando: **despertava com o rádio sintonizado no noticiário, tomava banho ouvindo um transmissor dentro do chuveiro e café da manhã com a TV em frente a ele, ia para o escritório com o rádio do carro sempre nas emissoras só de jornalismo, trabalhava o tempo todo com a CNN à sua frente e fazia o trajeto todo ao inverso nas mesmas condições para dormir, com o locutor ainda lhe contando o que acontecia** (SILVA, 2011, p. 14, grifo nosso).

Silva lembra que as técnicas apuração a partir do rádio e da TV, além de criarem novos espaços de trabalho para os jornalistas no exterior, mudaram o processo dos correspondentes que atuavam na mídia impressa. A informação instantânea vinda de outros países ampliou o controle de editores sobre as informações enviadas e permitiu a ampliação de formas de verificação das informações. Quando os canais de notícias se estabeleceram, essas tendências se fortaleceram de forma expressiva.

O correspondente costuma ter grande autonomia de pauta. Como ele é quem está no local dos fatos, a redação costuma respeitar as prioridades que ele estabelece. Essa autonomia era muito maior, no entanto, antes dos canais de notícias de 24 horas, das edições eletrônicas dos jornais estrangeiros e da disseminação das informações pela internet. **Quando a sede passou a ter todos esses instrumentos à disposição para se informar sobre o que ocorre no país onde está o correspondente, começou a interferir muito mais na sua pauta** (SILVA, 2011, p. 109, grifo nosso).

Para correspondentes que atuam em grandes redes como, por exemplo, a emissora americana de notícias *Cable News Network* (CNN), o âmbito do domínio tecnológico parece ser superior a qualquer modelo ou padrão de jornalismo adotado. Conforme Hess (1996, p. 64, tradução nossa), “a CNN não criou um novo jornalismo, como alguns têm reclamado. A razão do sucesso da CNN, [...] tem sido [o fator] tecnológico, não jornalístico”. Ainda de acordo com os estudos de Hess, as modificações impostas pela tecnologia produzem efeitos nocivos às ambições do jornalismo, principalmente nas questões referentes à exatidão das informações noticiadas. Hess adverte que essa instantaneidade na comunicação entre correspondentes e editores, principalmente quando realizados entre grandes distâncias, leva à produção de informações imprecisas, causadas pelo modelo *real-time*. Ainda de acordo com Hess, essa prática determinada pela rapidez resulta em um jornalismo desenvolvido em cima de erros de informação. “Metade dos boletins

jornalísticos iniciais, sobre governos em crise, estavam errados” (Hess, 1996, p. 64, tradução nossa). Por consequência, a prática constante de um noticiário baseado em imediatismo se configuraria em uma cobertura baseada não mais em participação dos fatos, mas na retransmissão de informações já processadas.

**Os serviços das agências cada vez mais cobrem eventos assistindo TV no escritório**, de acordo com Robert Barr, da Associated Press, a tecnologia dos televisores distancia os jornalistas do que está acontecendo. Em grandes acontecimentos (breaking news), comentou Ted Koppel, ‘literalmente, não há tempo para o repórter sair e relatar a história. Ele ou ela são ligados ao ponto de transmissão pelos produtores e operadores de câmera, que saem para coletar a matéria-prima (Hess, 1996, p. 65, tradução nossa, grifo nosso).

Os usos das tecnologias não apenas alteraram o formato de transmissão das informações produzidas pelos correspondentes, mas sua relação com seus editores. Nas situações problemáticas tratadas por Hess e Hannerz, a proximidade afeta negativamente o repórter de forma a torná-lo apenas ferramenta na confirmação de informações já produzidas por outras emissoras.

O que os correspondentes freqüentemente têm observado, especialmente se eles estão nesse negócio já por um longo tempo, foi que a revolução tecnológica mudou a forma de contato entre seus escritórios e a redação. No passado, possuir uma linha de telefone, e telex era bastante difícil e, além disso, essas máquinas não operavam de forma eficaz no que se refere às questões de agilidade e segurança. As necessidades eram resolvidas enviando material por meio de colegas que estavam se deslocando para fora do país. **Mas ao mesmo tempo, as expectativas dos editores se tornaram mais comuns por contatos frequentes e cada vez mais rápidos. Os satélites de comunicações, telefones via satélite, modems, laptops e faxes mudaram muito disso.** E como disse o editor do Los Angeles Times, Simon Li, ‘quando os chefes estão mais em contato, os trabalhadores tornam-se menos independentes (HANNERZ, 2004, p. 149, tradução nossa).

De acordo com as entrevistas realizadas por Hess, as imagens transmitidas por televisores ligados dentro da redação influenciam os editores dos grandes jornais, como o *The New York Times*, determinando a seus correspondentes que adotem processos de confirmação das informações que estão sendo transmitidas pelas emissoras de televisão. Segundo Alan Cooperman, correspondente da agência de notícias *Associated Press*, “quase todos os correspondente americanos que conheço tinham que prestar retornos por telefone a seus editores, que traziam questões, ou às vezes, **pediam para reescrever (as matérias), para coincidir com a CNN**” (COOPERMAN. In: HESS, 1996, p. 65, tradução nossa, grifo nosso). Sobre a relação dos correspondentes com os editores, Hannerz aponta que entre os

jornalistas ouvidos para a produção da obra, a maioria afirmou que possui liberdade no tratamento das matérias, mas que é inevitável em seus trabalhos compreender a pré-determinação de ângulos e questões processadas pelos editores, fenômenos que alguns correspondentes tendem a interpretar como “faça a história dizer o que é para ser dito” (HANNERZ, 2004, p. 149, tradução nossa).

## **2.2 Problemáticas da profissão e das práticas**

### **2.2.1 Elementos para compreender a idealização**

A participação dos repórteres internacionais em coberturas de risco, como guerras em que os jornalistas eram companheiros de soldados e médicos; a circulação facilitada entre autoridades e celebridades, e que resultou em um certo *glamour* da profissão, podem ajudar a identificar fatores que ajudaram na idealização do repórter internacional. Como descreve Hess (1996, p. 15, tradução nossa) “durante décadas, o mundo dos correspondentes estrangeiros foi retratado por mistérios e aventuras, como uma vida de intriga, perigo e exotismo”. Entre outras ações que podem nos ajudar a identificar a origem da figura entre correspondentes e personagens de um filme de ação ou suspense, como aponta Hess, está o fato de que, segundo Silva, baseado em dados obtidos por Carl Bernstein, um dos responsáveis pelo escândalo Watergate, muitos jornalistas foram procurados por agências de serviço secreto em razão de suas práticas se enquadrarem nos interesses dessas agências.

De 1951 até 1976, cerca de 400 jornalistas [...] boa parte deles correspondentes tinham algum tipo de vínculo com a CIA. Muitos correspondentes foram recrutados como agentes ou davam assistência a agentes da CIA, que também usava veículos jornalísticos para dar cobertura às atividades de seus agentes, que posavam oficialmente para jornalistas. A função de correspondente é ideal para um espião, já que ela exige de quem a desempenha que viaje muito, faça perguntas à vontade e esteja em contato com as autoridades locais (SILVA, 2011, p. 115).

Ao mesmo tempo em que determinou *status* ao correspondente internacional, essa proximidade com as agências de inteligência e os serviços secretos pode ter influenciado de forma negativa a percepção de determinados grupos e organizações quanto às verdadeiras intenções dos repórteres internacionais em suas coberturas. Um dos exemplos dessa ligação está no desfecho do sequestro de um

correspondente americano no Paquistão. Em 2002, o correspondente do jornal *The Wall Street Journal* na Índia, Daniel Pearl, teve um fim trágico, assassinado por grupos terroristas que acreditavam ser Pearl um espião à serviço de alguma agência americana. Enviado ao Paquistão para trabalhar a relação entre a rede terrorista Al Qaeda e um radical islâmico, Pearl foi sequestrado e morto diante de câmeras de vídeo. A imagem do assassinato do correspondente foi distribuída pelos radicais e chocaram o mundo.

O filme *O preço da coragem*, de Michael Winterbottom, mostra como muitos paquistaneses consideravam Daniel Pearl, correspondente do *Wall Street Journal* no país, suspeito de ser agente da CIA. [...] O filme também alude ao incidente em que aparentemente o *Journal* entregou à CIA informações sobre Richard Reid, o integrante da Al Qaeda que foi preso quando tentava explodir um avião com uma bomba que tinha nos sapatos. Filmes e livros de ficção constantemente colocam correspondentes internacionais como espiões ou agentes disfarçados do governo. Era assim nos tempos áureos da correspondência internacional e ainda continua (SILVA, 2011, p. 115).

Outro filme que faz referência à proximidade entre repórteres internacionais e espiões a serviço de governos é *A caçada*. Lançado em 2008 e com direção de Richard Shepard, apresenta um correspondente [também fracassado como em *Salvador*] que, por traumas pessoais durante uma cobertura na Bósnia, decide capturar um criminoso de guerra. Confundido com um espião da CIA, o correspondente se utiliza da justificativa de uma entrevista para tentar capturar o vilão da história. O filme mistura uma história de ficção com detalhes baseados em fatos reais sobre a guerra dos Bálcãs. Aborda uma série de questões problemáticas entre a captura fracassada de criminosos de guerra com detalhes que a grande mídia não divulga.

Talvez pela regra clássica do jornalismo em ouvir diferentes posições diante de um fato, repórteres internacionais já tiveram participação na intermediação de conflitos e se tornaram agentes de influência em decisões políticas, como foi o caso do jornalista americano Walter Cronkite. Em visita ao Vietnã no final da década de 1960 para fazer um especial sobre a guerra, Cronkite questionou o conflito para sua audiência e sugeriu uma paz negociada ao presidente Lyndon Johnson. Cronkite relata em seu livro de memórias que um assessor do presidente contou a ele que, após o correspondente emitir sua opinião sobre a guerra, o presidente Johnson disparou: “Se eu perdi Cronkite, perdi metade da América?”<sup>11</sup>. Silva lembra ainda

---

<sup>11</sup> Disponível em: <<http://www.pbs.org/wnet/americanmasters/episodes/walter-cronkite/about-walter->

que em 1977, as entrevistas de Cronkite com o presidente do Egito e o primeiro-ministro de Israel foram fundamentais para o acordo de paz entre os dois países.

Apesar de muitos o terem saudado como o responsável pela paz entre Israel e Egito, Cronkite nunca aceitou esse papel. “Eu não acho que jornalista deva se envolver em negociações diplomáticas. Nós podemos ter sido os que catalisaram os eventos [no caso de Egito e Israel]. Mas provavelmente eles teriam chegado ao mesmo resultado de qualquer maneira” (SILVA, 2011, p. 116).

A cobertura de guerra sempre foi um assunto de grande interesse para as editoriais internacionais e compõe um espaço importante em toda a história do jornalismo. Uma grande quantidade de materiais está disponível, resultado da presença de jornalistas em lugares de convulsão social ou política, e que por vezes, levou ao conhecimento da opinião pública relatos sobre atrocidades mundialmente difundidas. Como não destacar, por exemplo, o relato de John Hersey na indiscutível *Hiroshima*, com os resultados catastróficos causados pelas bombas atômicas no Japão ao final da Segunda Guerra Mundial? Além de reportar, o jornalismo de guerra também pode ser compreendido como de influência na constituição dos conflitos. Mesmo com problemas graves na cobertura de guerras, como veremos ainda nesse capítulo, Silva (2011, p. 78) destaca o jornalismo como um “[...] freio a ações mais selvagens de quem por qualquer motivo ultrapassa os limites da humanidade”.

Se um correspondente estivesse ao lado do tenente [...] em 16 de março de 1968 no vilarejo de My Lai, no Vietnã do Sul, teriam seus soldados praticado o massacre de cerca de 500 civis, muitos deles estuprados, torturados e mutilados antes de morrer? Se um repórter estivesse “encaixado” na prisão de Abu Ghraib no Iraque em 2004, teriam os soldados [...] humilhado, torturado, ferido e matado os prisioneiros que estavam sob sua guarda como o fizeram? E quantos My Lai e Abu Ghraib não deixaram de ocorrer porque os meios de comunicação divulgaram massivamente essas atrocidades quando souberam delas e puderam comprovar sua ocorrência? (SILVA, 2011, p. 78, grifo nosso).

Contudo, esse papel de mediador nem sempre é visto com bons olhos, principalmente por aqueles que coordenam a guerra. Como alerta Ribeiro (2005, p. 106), “Guerra sem jornalista junto, sem a presença dessa testemunha às vezes tão incômoda e até soberba, é pior que a própria guerra. O homem aí, o combatente, fica liberado para ser a fera que o ser humano traz dentro de si [...]”.

Contudo, de acordo com os trabalhos consultados, o que parece ocorrer cada vez mais são os controles nas práticas. Se as dificuldades na cobertura jornalística

de uma guerra variam desde os limites estruturais das empresas que enviam jornalistas até a própria segurança dos profissionais, as organizações responsáveis pelo conflito irão engendrar uma série de recursos que permita afetar ou até manipular a perspectiva dos repórteres, como destaca Silva sobre os métodos utilizados pelos Estados Unidos para permitir a cobertura de suas guerras pela imprensa.

*Embedded.* A expressão, que pode significar “na cama com” (traduzida para o português como ‘encaixado’ ou ‘embutido’) constitui um genial golpe de relações públicas concebido por Donald Rumsfeld, o secretário de Defesa do governo George W. Bush. [...] Os jornalistas “encaixados” se comprometiam apenas com um manual de conduta formado por 19 normas, entre as quais não revelar o local exato de onde eles estavam mandando suas informações nem o número de baixas militares americanas nos combates cobertos. Apesar das poucas restrições a seu desempenho, muitos jornalistas se submeteram integralmente aos militares (SILVA, 2011, p. 68).

Observaremos melhor as formas de controle enfrentadas por repórteres internacionais durante as análises dos livros selecionados, um tema que aparecerá em todas as obras.

### 2.2.2 A desinformação na correspondência de guerra

Mas além dos controles exercidos pelos governos, Silva (2011, p.70) destaca que alguns jornalistas atuaram de forma incorreta e interferiram na decisão da opinião pública com reportagens falsas, unicamente baseadas por informações oficiais, como por exemplo, Judith Miller, respeitada repórter do *The New York Times*. Segundo Silva, Miller escreveu uma série de reportagens com alegações falsas sobre provas da existência de armas de destruição em massa no Iraque de Saddam Hussein, a partir de informações divulgadas pelo Pentágono. Erros como o de Miller são o principal tema do livro *A primeira vítima*, de Phillip Knightley, considerado uma referência nos assuntos da correspondência de guerra por diversos autores que estudam os repórteres internacionais, além de aparecer em livros escritos por esses profissionais, como veremos nas análises dos capítulos seguintes.

Ali, é extensamente relatada a conflituosa história da relação entre militares e jornalistas desde a Guerra da Criméia até a guerra do Iraque. [...] Ele mostra como, a exemplo do que ocorreu com Miller, é corriqueiro o jornalista se deixar manipular pelas fontes militares. Quando isso não foi possível,

certamente, os militares apelaram para o poder da força bruta, por meio da censura, com exceção da Guerra do Vietnã nos estágios finais. É curioso, como Knightley ressalta, que o patrono dos correspondentes de guerra, William Howard Russel, tenha deixado um exemplo de grande coragem, independência e eficácia: suas reportagens sobre a guerra da Criméia não se submetiam aos desejos dos militares ingleses, a quem ele resistiu bravamente (com o apoio de seus editores no Times) [...] Mas, como Knightley enfatiza, o espírito crítico de Russel era em relação à maneira como a guerra estava sendo conduzida, não em relação à guerra em si. A regra geral na cobertura de guerra é o jornalista mais ou menos aderir acriticamente às causas e racionalidades que seu país defende no conflito. E valorizar a coragem e bravura dos soldados, sem questionar se elas fazem sentido humano (SILVA, 2011, p. 71).

Silva também destaca em sua obra o trabalho de Leão Serva contido no livro *Jornalismo e desinformação*. Segundo Silva, a obra de Serva apresenta vícios de ordem estrutural no jornalismo praticado no ocidente e que criariam no público um estado que Serva identifica como o de “desinformação funcional” e que se tornam maiores quando o jornalismo está determinado à correspondência de guerra. Conforme Silva (2011, p. 75) “a fim de tornar os fatos algo ‘simples, claro e objetivo’, pratica-se uma redução deles que frequentemente transforma uma história complexa em algo maniqueísta”. Como exemplo de esse efeito de desinformação, Silva apresenta o trabalho de Peter Braestrup, *Big Story*. Braestrup era o chefe da sucursal do jornal americano *Washington Post* na capital do Vietnã do Sul, Saigon.

Braestrup [...] demonstra que a reação dos jornalistas aos acontecimentos foi surpreendentemente pouco acurada em relação aos fatos, como se verificaria depois, apesar de ter sido à época, saudada como arrojadamente fiel a eles. [...] A ofensiva do Tet foi descrita pelos jornalistas como uma derrota formidável para os EUA e para o Vietnã do Sul. De fato, não foi. Mas ela despertou a mídia, que concluiu ter agido muito mal nos anos anteriores em relação ao Vietnã e resolveu compensar adotando atitude de independência e até desafio do governo de Washington e dos militares em campo. [...] **A síntese do que ocorreu no Tet foi produzida com grande eloquência por Walter Cronkite, âncora do telejornal CBS Evening News e personalidade pública de grande credibilidade, que ao ler os primeiros despachos sobre a ofensiva, exclamou: “Que diabos está acontecendo? Eu achei que nós estávamos ganhando a guerra”. Ou pela manchete do Washington Daily News de 1º de fevereiro, o dia seguinte ao Tet: “Onde nós estávamos? Onde nós estamos?”** (SILVA, 2011, p. 76, grifo nosso).

Assim como os controles nas coberturas, ficará evidente em algumas das análises que veremos nos próximos capítulos, a crítica feita pelos próprios jornalistas, no modo como a guerra é narrada pela imprensa e os recursos, nem sempre éticos, para que os conflitos se tornem “simples, claros e objetivos”, usando as palavras de Silva, para poderem ser usados como matéria-prima no jornalismo internacional.

### 2.2.3 Desigualdade nos espaços de cobertura

Os velhos problemas no fluxo de informações globais, já apresentados e analisados no início da década de 1980, por um grupo de estudos liderado pela Unesco, no Relatório MacBride, que no Brasil foi publicado com o nome *Um mundo e muitas vozes* (UNESCO, 1983), também aparecem nos estudos sobre o jornalismo internacional. Ginneken aponta para o problema no equilíbrio da cobertura mundial, com alta concentração de repórteres internacionais em poucos pontos do planeta ao mesmo tempo em que existe carência desses mesmos profissionais no restante do espaço. Segundo Ginneken (1998, p. 128, tradução nossa), em algumas áreas, “a densidade pode chegar a mil correspondentes em alguns poucos quilômetros quadrados, como nas áreas metropolitanas de Washington, Nova Iorque, Londres e Paris”. Já em outras áreas menos privilegiadas técnica e economicamente, “essa densidade será de até dez repórteres internacionais em 100 mil ou 1 milhão de quilômetros quadrados, por exemplo, como no sul da África e interior da Ásia e Amazônia”.

A situação paradoxal é que eles [veículos de imprensa] mantêm a maioria de seus correspondentes nas mesmas cidades em que estão a mesma maioria dos correspondentes da concorrência. Essas cidades tem sua cobertura realizada de forma competitiva ao mesmo tempo em que outros poucos correspondentes precisam realizar a cobertura de locais extremamente distantes e com pouquíssimas chances de conseguir cobrir tudo (GINNEKEN, 1998, p.129, tradução nossa).

Ainda segundo Ginneken, o interesse por assuntos periféricos é desmobilizado pela máquina de produção de agenda de assuntos de interesse a países centrais. Fazem parte dessa estratégia, a configuração de porta-vozes, empresários, responsáveis científicos, entre outras fontes determinadas como oficiais no jornalismo. Para Ginneken, são esses agentes que acabam determinando aos correspondentes o que cobrir, sendo que, de acordo com o pensamento do autor, deveriam ser os correspondentes a definirem a sua pauta. Ainda sobre a máquina de agendamento, a lógica acabará sempre por determinar abordagens que se encaixem na perspectivas das fontes oficiais. Ginneken exemplifica essa passividade dos repórteres internacionais recorrendo ao relato de um correspondente do *Washington Post*, Ed Copy, durante a Guerra do Golfo.



Uma avalanche de informação é divulgada pelo governo dos EUA. Eles fazem isso com tanta intensidade, volume e de tal forma que, quase automaticamente, torna-se a definição do que está acontecendo. Qualquer um na Arábia Saudita, no Kuwait, ou em Bagdá, que tem a ousadia de abordar o problema de um ângulo diferente, para dizer “- Espere um minuto, esta é a situação, estou aqui, estou falando com essa pessoa”. Ou “Assim disse Mohammed, falando de como é ponto de vista dele” - **essa voz não chega a ser rejeitada, pois é simplesmente ignorada** ou “o seu volume não está no nível que pode competir com o volume de informação que sai do que é essencialmente o governo dos EUA e sua agenda” (ROSENBLUN, 1993, apud GINNEKEN, 1998, p. 130, tradução nossa, grifo nosso).

Ainda segundo Ginneken (1998, p. 130, tradução nossa) “há sempre mais jornalistas estrangeiros na mão para cobrir os pontos de vista dos principais porta-vozes ocidentais e especialistas do que jornalistas estrangeiros para cobrir os eventos reais da periferia”.

#### 2.2.4. As notícias de segunda mão

As “notícias de segunda-mão”, como Hannerz (2004, p. 163) define as notícias produzidas a partir da própria mídia e outros jornalistas, têm origem nos hábitos de leitura e relacionamentos entre correspondentes. Ela constitui uma prática fundamental dessa categoria do jornalismo e que Silva irá determinar por “vampirismo”, a partir do conceito de Fritz Utzeri.

Há um ditado entre os correspondentes americanos de que **a qualidade de seu trabalho sempre é mais ou menos igual à qualidade média da mídia local. Quer dizer: o que o correspondente faz é apenas consumir e reproduzir o que seus colegas locais fazem. Não é bem assim, mas é um pouco.** A prática do “vampirismo”, como Fritz Utzeri e outros colegas chamam o hábito de “chupar” as pautas e às vezes até informações da mídia local, que era relativamente comum na década de 1980, agora se tornou muito menos fácil (SILVA, 2011, p. 111, grifo nosso).

Hannerz (2004, p. 163) não questionava os repórteres entrevistados em suas pesquisas sobre quais eram os seus hábitos de leitura, mas ficava evidente pela observação do autor que as principais revistas semanais americanas e inglesas, como “*Time*, *Newsweek* e *The Economist* formavam pilhas nas mesas dos repórteres”. Além disso, esses repórteres tinham acesso também a relatórios e publicações específicas sobre a região que eles cobriam. Junto ao acompanhamento de periódicos, muitos correspondentes entrevistados tinham entre suas práticas a leitura frequente de livros sobre assuntos com relação aos territórios ou culturas aos

quais realizavam coberturas: “Muitos correspondentes mantêm seus olhos em biografias. Entre os correspondentes de Joanesburgo e Cidade do Cabo, provavelmente poucos não devem ter lido a biografia de Nelson Mandela” (Hannerz, 2004, p. 163, tradução nossa). Ainda de acordo com Hannerz, (2004, p. 164) entre as obras-referência escritas por repórteres internacionais, nenhuma outra obra foi tão citada pelos seus entrevistados como o livro *De Beirute a Jerusalém*, escrito pelo jornalista americano Thomas Friedmann, durante sua cobertura no Oriente Médio. A obra é uma das analisadas nos capítulos seguintes dessa pesquisa.

De acordo com Hannerz, a mídia local era também uma importante fonte de informação. Em suas observações aos correspondentes baseados em Jerusalém e Tóquio, a escuta de rádios e leitura dos jornais locais, e conseqüentemente sua tradução, era uma prática comum nos escritórios desses jornalistas. Segundo Hannerz, os correspondentes em Jerusalém geralmente eram pautados pelos três principais jornais israelenses além de terem grande conhecimento sobre os jornalistas e colunistas locais, aos quais eles utilizavam em citações de suas matérias. Em alguns casos, por exemplo, jornais locais serviam inclusive de modelo nas questões relativas à apuração jornalística. “Em Joanesburgo, os correspondentes achavam a imprensa local geralmente um pouco nebulosa, com exceção do [jornais] *Weekly Mail* e *Guardian* na África do Sul, admirados respectivamente pelo comentário e pelo jornalismo investigativo” (Hannerz, 2004, p. 167, tradução nossa).

Ginneken (1998, p. 134, tradução nossa) considera que “os correspondentes não só apreendem uma parte considerável das informações que manipulam ou de suas perspectivas por meio de outros jornalistas, mas de outras mídias também”. Ainda segundo o autor, “a imprensa nacional, o rádio e a televisão, muitas vezes fornecem matéria-prima para jornalistas estrangeiros”.

O grau em que eles [os repórteres internacionais] confiam difere em países do Terceiro e Segundo Mundo, e até mesmo dentro de países do Primeiro Mundo. **Se os jornalistas ocidentais não confiam na mídia local, eles consultarão a grande mídia internacional ou organizações coletoras de notícias para se aprofundarem.** Eles podem obter importantes jornais internacionais, ouvir os serviços de rádio da BBC World ou a Voz da América, ou receber a CNN. Na ocasião, eles também podem ter acesso ao material de agências de notícias importantes, e contar com o trabalho da equipe do veículo. **O importante a notar é que este pode, então, influenciar decisivamente as suas percepções do que está acontecendo ao redor deles, supondo que estejam ocorrendo sob seus próprios olhos** (GINNEKEN, 1998, p. 135, tradução nossa, grifo

nosso).

Ainda comentando os resultados obtidos em entrevistas com correspondentes baseados em Israel e territórios ocupados pelo exército, Hannerz menciona que na falta de programas de televisão locais os correspondentes passavam a se concentrar nos principais canais mundiais de notícias. Contudo, se CNN, BBC World, *SkyTV* também estão na cobertura, realizando transmissões muito rapidamente e ao vivo, os correspondentes entrevistados por Hannerz não viam necessidade de estarem pessoalmente nos locais e passavam a relatar o que testemunhavam a partir da edição desses veículos. Há também a possibilidade de os repórteres se utilizarem de material produzidos por agência de notícias, que teriam obrigação de comunicar rapidamente por meio de suas sedes para o mundo, muitas vezes, com as primeiras notícias sobre os acontecimentos.

A maioria dos jornais na Europa Ocidental e América do Norte que têm um compromisso sério com a cobertura estrangeira usará material de agências de notícias para, por exemplo, colunas de informações rápidas que parecem onipresentes para cobrir eventos de forma breve e que não merecem grandes espaços e que costumam ser intituladas como “notícias breves”. Algumas notícias importantes também podem ser manipuladas usando os relatórios das agências. **Mas o que os editores em suas redações fazem quando eles também têm correspondentes nos mesmos lugares a partir do qual o material das agências de notícias estão chegando?** (HANNERZ, 2004, p. 166, tradução nossa, grifo nosso).

Segundo Hannerz, algumas organizações de mídia estão mais inclinadas do que outras a usarem seus correspondentes para coberturas exclusivas. Alguns irão resumir sua atuação para compilar dados de agências e realizar rápidas notas ou boletins. De acordo com a pesquisa de Hannerz, os jornais britânicos pareciam mais confortáveis com essa prática que os jornais americanos. Já os jornais americanos costumam usar seus correspondentes em primeiro lugar para escrever grandes histórias, permitindo que eles trabalhem a informação com maior profundidade e análise.

Outros se utilizam da estratégia de ausência de concorrência, como na análise de Jeff Sommer, editor internacional do *New York Newsday*, em que relatou a Hannerz que usa seus correspondentes com a mesma lógica do beisebol, em que o objetivo do jogador é projetar a bola o mais longe possível do adversário. “Jogue-os [repórteres] em lugares impensáveis para trabalhar histórias de peso e que até os mais poderosos concorrentes não o fizeram” (SOMMER. In: HANNERZ, 2011, p. 167, tradução nossa). Hannerz destaca que essa prática deu ao jornal uma série de

prêmios *Pulitzer*.

Estar em ambiente de informação saturada e de risco é uma tentação para aparar os “cantos” da notícia, conforme descreve Hannerz. O autor conta que entre os casos consta a do repórter do jornal *Daily Mirror* que cobriu a guerra civil na Nigéria, na década de 1960, diretamente do bar do melhor hotel da ex capital, Lagos e era abastecido por outros correspondentes que voltavam da frente de batalha.

**[...] ele tinha um modo para enviar suas matérias antes mesmo que eles [outros correspondentes] o fizessem.** Tal era o seu jeito com as palavras e sua economia com a verdade que pelo tempo com que ele terminava [as matérias], era como se ele tivesse evitado as balas de Biafra e tivesse até nadado nos rios infestados de crocodilos (BELL. In. HANNERZ, 2004, p. 168, tradução nossa, grifo nosso).

Hannerz também comenta sobre a história de Anna Blundy, que em sua infância acompanhou em diversas coberturas o pai, um repórter “paraquedas” que morreu em ação na cobertura da guerra civil de El Salvador. Em um das passagens, Blundy comenta que durante uma cobertura em Jerusalém, muitos colegas do pai dela acompanhavam o desenrolar dos fatos escutando a *BBC* na piscina do hotel em que ela passava os dias. “Quando seus companheiros, ouvindo o Serviço Mundial da *BBC*, ouviam alguma coisa interessante, corriam para os quartos e produziam cópias das informações. Uma construção mínima de uma história era enviada para suas redações” (BLUNDY. In HANNERZ, 2004, p. 168, tradução nossa).

Ainda segundo Hannerz, o exagero ou idealização dos fatos que são transmitidos por repórteres, como nos exemplos relatados acima, é que tais histórias, verdadeiras ou não, complicam suas relações de confiança com os editores nas redações. Com o avanço da tecnologia, imediatismo e fluxos determinados, os editores não precisam de muito tempo para acompanhar o que outros veículos estão publicando. Essas dificuldades se intensificam quando as redações mantêm consulta não a uma, mas três ou quatro agências que distribuem notícias do mesmo lugar. Hannerz também lembra que em suas visitas a editores responsáveis por correspondentes, era comum vê-los acompanhando tanto a *CNN* e a *BBC World* de forma contínua.

Todo esse processo pode ser de grande ajuda, com telefonemas ou e-mails trocados entre correspondentes e editores sobre aquilo que eles precisam saber e que precisa ser reportado. No entanto, **um correspondente se sentirá reduzido quando seu editor só aceitar suas pautas como valiosas até que elas também estejam na cobertura de um desses grandes agentes de notícias** (HANNERZ, 2004, p. 168, tradução nossa,

grifo nosso).

Para Ginneken, entre as principais consequências dessa “reciclagem da informação”, como define o autor para a produção de informação a partir da imprensa e jornalistas, é a criação de rumores que partem de uma única fonte. Ainda entre os problemas nessa prática, é que perspectivas arbitrárias da situação poderão ser vistas como de absoluta confiança pelo público. E ainda, uma determinada visão de mundo pode vir a dominar todo o cenário, como, por exemplo, nos acontecimentos em que repórteres alegaram terem visto cenas dramáticas, mas nem estavam presentes nesses locais e acabaram gerando uma série de informações erradas.

**[...] uma série de jornalistas ocidentais relataram terem visto milhares de estudantes mortos sob os seus próprios olhos,** esmagadas pelos tanques na Praça Tiananmem, vítimas da repressão do governo na capital chinesa de Beijing. Números consideráveis, **provavelmente, foram mortos em outros lugares, antes e depois disso, mas não ocorreram assassinatos em massa lá** (GINNEKEN, 1998, p. 137, tradução nossa).

Para Ginneken quanto maior a crise e mais exótica for a sua localização, maior o risco de erros graves nessas coberturas. Ainda segundo o autor, duas causas relacionadas aos limites da infra-estrutura local e à natureza dos padrões de interação entre os jornalistas que realizam a cobertura aprofundam o problema da reciclagem de informações, conforme descreve:

Os limites da infra-estrutura local se relacionam com as necessidades dos repórteres. Eles podem ter um ou dois grandes hotéis nas proximidades, que podem acomodar grandes grupos de clientes inesperados e exigentes, portanto, **os jornalistas podem acabar em um mesmo alojamento, compartilhando a mesma comida, bebida e conversas.** Pode haver apenas um número limitado de carros para alugar, com ou sem motoristas, por isso, muitos jornalistas podem tentar dividir os custos de transportes. **Pode haver uma escassez de meios para comunicação; boatos, rumores e fofocas podem, portanto, dominar as trocas diárias de informações** (GINNEKEN, 1998, p. 135, tradução nossa, grifo nosso).

Ginneken (1998, p. 136) contextualiza ainda que os guias e tradutores dos repórteres são fortemente motivados por uma mistura que envolve “dinheiro, palpites pessoais e ideologias”. Tanto as fontes oficiais como de oposição podem estar inacessíveis ou não ser dignas de credibilidade pelos jornalistas. Outro risco é que pessoas comuns podem se declarar conhecedoras das situações, mas elas também podem possuir razões pessoais para apresentar versões distorcidas dos fatos. Para Ginneken, (1998, p. 136) “em resumo, é difícil peneirar o fato da fantasia”. Incluem-

se nesses desafios de coberturas a realização de reportagens em locais com estruturas de governo e culturas diferentes dos padrões conhecidos pelos repórteres, além da própria ideologia dos jornalistas, que de acordo com Ginneken (1998, p. 137, tradução nossa) é determinada pelo “forte sentimento sobre o passado, o presente e o futuro do sistema político local, baseado em suas percepções sobre a democracia”, conclui.

#### 2.2.5. Não tão fieis à realidade

Antes de partirmos para as análises dos livros escritos por repórteres internacionais, é necessário considerar algumas questões levantadas por pesquisas que questionam, por vezes, a veracidade dos acontecimentos contidos nos relatos de algumas coberturas realizadas por repórteres internacionais. Aqui tratamos de dois exemplos que envolvem diretamente dois dos autores com trabalhos analisados na nossa pesquisa: Reed (2002), autor de *10 dias que abalaram o mundo*, e Kapuscinski (2002, 2007a e 2007b), autor de *Ébano* e outros textos que participaram da análise.

O objetivo em apresentar essas informações não é questionar qualquer um dos 10 livros selecionados para a nossa análise, mas sim servir de alerta sobre possíveis armadilhas às quais leitores e autores do jornalismo estão suscetíveis a cair: a fronteira entre o ficcional e os fragmentos de realidade. Além de conteúdo importante, uma vez que nos dizem algo sobre o jornalismo, apresentar esses resultados também tem como objetivo do autor dessa pesquisa afirmar estar previamente “vacinado” com os relatos dos repórteres a serem analisados. Mas como já dito, não cabe a esse trabalho questionar os relatos selecionados.

De acordo com a New York University, *Dez dias que abalaram o mundo* de John Reed ocupa o sétimo lugar entre os cem melhores trabalhos do jornalismo no século 20. Conforme Silva (2011, p. 134), os relatos de Reed envolviam as perspectiva social e humana e foram precursores para aquilo que viria a ser o Novo jornalismo. O autor fez um caminho inverso a escritores famosos como Ernest Hemingway, por exemplo, que começou no jornalismo e passou posteriormente para a ficção.

[...] foi no estilo que Reed deixou sua maior contribuição para o jornalismo e para a literatura de não ficção, onde o repórter aplicava no jornalismo as

técnicas de poesia aprendidas, (...) e da construção de esboços de personagens de ficção no seu trabalho como repórter (SILVA, 2011 p. 134).

Além de registrar em caderno de notas todos os passos de suas coberturas, Reed fazia questão de guardar todo esse material. Silva (2011, p. 137) conta que o autor “trazia consigo se suas missões muitos baús com seus cadernos de anotações [...]”. E foi a partir desses relatos, nos cadernos de anotações de Reed, que o escritor e pesquisador Daniel Lehman chegou a conclusão de que a famosa obra de Reed continha uma série de desvios daquilo que o correspondente cobriu durante a Revolução Russa.

A questão da verdade, velha como Pilatos e Jesus, aparece muito nas biografias e nos textos de John Reed. O que não se sabia até a publicação de *John Reed and the Writing of the Revolution*, de Daniel W. Lehman, é que ela tem contornos mais dramáticos e contraditórios do que até então se imaginava na obra do jornalista (...) Lehman afirma haver diversas situações em que os fatos anotados por Reed para servirem de base para seu trabalho eram muito diferentes dos que ele contou ao público, às vezes de modo a aparentemente constituírem uma espécie de fraude. Lehman prova que Reed mentiu aos seus leitores sobre como teve acesso a certos lugares e pessoas, inventou personagens que não existiram de fato para preencher vazios nas histórias que escrevia (SILVA, 2011, p. 138).

Segundo Silva (2011, p. 140), os resultados da pesquisa de Lehman concluíram que “a manipulação feita por Reed de ficção e não ficção tinha como objetivo ocultar do público sua relação com um representante do lado 'mau' e reforçar a percepção de que ele contava com a confiança e a simpatia do lado 'bom' do conflito”. Ainda segundo a análise de Silva, Reed não escrevia mais na condição de observador externo, mas como participante ativo do processo da revolução. “Além disso, Lehman também evidencia que muitos dos diálogos que Reed reproduz são resultados mais de sua imaginação do que de autênticos registros feitos por ele quando ocorreram” (SILVA, 2011, p. 146).

Considerado por Gabriel García Márquez (In: KAPUSCINSKI, 2007a), como o “repórter do século” Ryszard Kapuscinski narrou uma série de acontecimentos na África e América Latina entre os anos de 1960 e 1970. Mas assim como ocorrido com Reed, estudos sobre a sua obra revelam que o jornalista ultrapassou, por vezes, a barreira entre realidade e ficção. Uma recente biografia sobre o correspondente chamada *Kapuscinski Non-fiction*, escrita pelo jornalista Artur Domoslawski, relata, entre uma série de surpresas, entre elas a de que Kapuscinski esteve ligado ao serviço secreto polonês, que o repórter se desviou de algumas

regras do jornalismo para escrever suas matérias.

Muitas vezes ele [Kapusinski] fez apurações imprecisas, alegando ter testemunhado eventos que ele não estava presente. Em outras ocasiões, Kapusinski inventou imagens para se adequar a sua história, partindo da realidade no interesse de uma verdade superior estética, comenta Domoslawski. [...] Em outra ocasião, o escritor relatou vividamente em um massacre no México em 1968. Embora ele estava viajando na América Latina, na época, Kapusinski não testemunhou que, apesar de afirmar "eu estava lá" (Domoslawski, *The Guardian*, 2010, tradução nossa<sup>12</sup>).

Logo após a publicação da biografia de Kapuscinski, o jornal *El Pais*, veículo ao qual o correspondente trabalhou por um bom período também publicou uma entrevista com o escritor da polêmica biografia. Segundo Domoslawski, suas provas sobre as invenções de Kapuscinski se basearam em um processo rigoroso de verificação dos escritos de Kapuscinski e de entrevistas com pessoas que pudessem confirmar tais informações. Mas Domoslawski nega que tenha trabalhado uma obra com o objetivo de reduzir a importância do jornalismo produzido pelo polonês Kapuscinski. Na visão do autor da biografia, Kapuscinski teria apenas "intensificado a realidade".

Verificava um a um. Por exemplo, se supõe, pelo que escreveu o próprio Kapuscinski, que ele havia se salvado de ser fuzilado em quatro ocasiões. Até onde eu sabia, ele era a única testemunha do que supostamente havia acontecido. Segundo os testemunhos que encontrei, em um desses casos, Kapuscinski não foi a única testemunha. Na biografia, não posso concluir que os outros três casos em que Kapuscinski disse que havia estado a ponto de ser fuzilado foi verdade porque nesses ele foi a única testemunha. Era um covarde para viajar para lugares perigosos? Não. Kapuscinski passou muitos anos vivendo em lugares em que arriscava a sua vida. Mas também sabia que parte da literatura são de mitos e lendas, e que o imaginário do mundo intelectual está repleto disso sobre escritores. Ele se esforçou para fabricar este mito sobre ele mesmo. Chamar isso de "mentira" inclui um juízo moral que não compartilho. A palavra "fabulação" é mais justa. **Kapusinski mesmo usava a expressão "intensificar a realidade" para contar o essencial sobre ela** (Domoslawski, *El Pais*, 2010, tradução nossa<sup>13</sup>, grifo nosso).

Veremos nos relatos analisados a seguir, produzidos por repórteres internacionais de diferentes nacionalidades, em locais, épocas e em situações de cobertura e contextos históricos contrastantes a materialização de uma série de assuntos tratados nos estudos sobre os repórteres internacionais.

<sup>12</sup> Disponível em <<http://www.guardian.co.uk/world/2010/mar/02/ryszard-kapusinski-accused-fiction-biography>>. Acesso em: 11 jan. 2012.

<sup>13</sup> Disponível em <[http://www.elpais.com/articulo/cultura/Nos/dijo/Kapusinski/toda/verdad/elpepicul/20100303elpepicul\\_1/Tes](http://www.elpais.com/articulo/cultura/Nos/dijo/Kapusinski/toda/verdad/elpepicul/20100303elpepicul_1/Tes)>. Acesso em: 20 jan. 2012.



### 3 HERÓIS, AVENTUREIROS OU REPÓRTERES INTERNACIONAIS?

O terceiro e quarto capítulos trazem a análise dos livros escritos por repórteres internacionais. Em razão desse grande número de obras, foi necessário definir critérios para seleção. O primeiro, vem ao encontro de uma questão que faz referência ao lugar de onde se produz o jornalismo desses repórteres, onde optamos em privilegiar obras que compusessem os maiores contrastes entre jornalista e local que se faz a reportagem. O objetivo era que o conjunto de relatos a serem analisados fosse produzido por repórteres internacionais de diferentes nacionalidades, em locais e em situações de cobertura e contextos históricos contrastantes. Além de permitir compreender o jornalismo internacional em diferentes contextos, seja no sentido tecnológico ou histórico, nos interessava compreender como as notícias são produzidas em meio a revoluções, guerras e outros eventos, além de identificar como se configura o uso dos recursos tecnológicos para apuração, produção e envio do material.

Ao final da seleção, 10 obras foram analisadas, ordenadas em uma evolução cronológica do relato antigo ao mais contemporâneo, e divididas entre os capítulos três e quatro. A principal razão para separar as análises em dois blocos está na perceptível implicação tecnológica da comunicação, que apresentou mudanças em toda a história da correspondência, mas teve sua forma ampliada ao final do século 20, transformando significativamente as práticas dos repórteres. Dessa forma, as análises foram separadas do seguinte modo:

Capítulo três. Relatos de coberturas entre 1917 e 1997 nos seguintes livros:

- *10 dias que abalaram o mundo*, do americano John Reed. Relato jornalístico da Revolução Russa ocorrida em 1917;
- *Repórter. Tempo de morrer*, do canadense Ernest Hemingway. Uma coletânea de reportagens do escritor e jornalista durante guerras e o período posterior a elas, 1937 a 1956;
- *O Gosto da Guerra*, do brasileiro José Hamilton Ribeiro, que narra o acidente que mutilou o jornalista durante sua cobertura da Guerra do Vietnã em 1968;
- *Ébano*<sup>14</sup>, escrito pelo polonês Ryszard Kapuscinski, em que ele narra

---

<sup>14</sup> Aliado ao livro *Ébano*, foram consultadas também outras obras que tratam da prática do

sua cobertura jornalística e vida no continente africano entre 1957 e 1997;

- *De Beirute a Jerusalém*, do americano Thomas Friedman, sobre sua jornada como correspondente nos mundos árabe e israelense entre 1979 e 1989.

### 3.1 John Reed. Dez dias que abalaram o mundo

#### 3.1.1 Um correspondente na Revolução Russa (1917)

Ler o relato de John Reed em *10 dias que abalaram o mundo*, sobre os movimentos que culminaram na revolução de novembro de 1917, na Rússia, ajuda a compreender a idealização heroica atribuída ao correspondente internacional. Militante da causa comunista, com participação em publicações que exaltavam a luta proletária nos Estados Unidos, a obra de John Reed foi recomendada por ninguém menos que Lênin, um dos participantes fundamentais na revolução que acabou com o reinado dos czares russos e levou ao poder o partido popular bolchevique.

Com imenso interesse e igual atenção, li, até o fim, o livro 10 dias que abalaram o mundo, de John Reed. Recomendo-o, sem reservas, aos trabalhadores de todos os países. É uma obra que eu gostaria de ver publicada aos milhões de exemplares e traduzida para todas as línguas, pois traça um quadro exato e extraordinariamente vivo dos acontecimentos que tão grande importância tiveram para a compreensão da Revolução Proletária e da Ditadura do Proletariado (LENIN. In: REED, 2002, p. 7).

Um posfácio contido na obra de Reed, publicado a partir de 1957, apresenta alguns detalhes que auxiliam na compreensão do processo de produção do jornalista para a confecção de sua obra. São informações que evidenciam a parcialidade na análise de Reed sobre o evento que ele participava. De acordo com o texto, pessoas importantes e definidoras dos acontecimentos, como Trotsky, já anteviam um sentimento de pessimismo sobre a revolução, informações essas não incluídas no trabalho de Reed. É esse lado das forças de oposição que parecem ter sido eliminadas pelo repórter, mas não em razão de sua compatibilidade de ideias com os movimentos revolucionários, mas simplesmente por não ter participado de alguns acontecimentos e não ter tido acesso a todos os desdobramentos da

---

repórter polonês ou que trazem artigos escritos por ele descrevendo suas técnicas de apuração *Reportero del siglo*. Selección de artículos de Le Monde Diplomatique, (2007a) e *La voz del Otro*. Barcelona: (Ex)tensiones. (2007b).

revolução, muitos deles ocorridos de forma clandestina. Mas a mesma parcialidade do jornalista em tratar de um assunto ao qual tinha aproximações ideológicas é também compreendida como a questão determinante para que um jornalista, sobretudo estrangeiro e norte-americano, conseguisse acompanhar um evento como a revolução que Reed acompanhou.

Em virtude das condições que John Reed teve que trabalhar para recolher e interpretar documentos destinados ao seu livro, não pôde ele estudar de forma suficientemente concreta e verídica a atividade dos centros bolcheviques do Partido durante a preparação da insurreição e durante a própria insurreição, pois essa atividade do Partido Bolchevique e de Lênin, até a vitória da insurreição, foi clandestina. Essa é a razão pela qual é natural que a luta encarniçada travada por Lênin e seus companheiros contra os capitulacionistas e contra a linha tática de Trotsky não se reflita suficientemente no livro de Reed, e essa é a razão por que ele não pôde discernir as contradições que se manifestavam nas intervenções de Trotsky nos primeiros dias da Revolução de Outubro. [...] John Reed foi profundamente influenciado pelas idéias de Lenin e do Partido Bolchevique, [...] e foi isso que permitiu à sua agudeza de revolucionário apaixonado e de artista de talento penetrar no seio dos segredos dos acontecimentos revolucionários que se desenvolveram diante dele, e compreender seu significado histórico profundo (CRUPSCAIA. In: REED, 2002, p. 23).

Nascido nos Estados Unidos em 1887, Reed estudou em Harvard, local onde iniciou interesse pelo jornalismo. Depois de formado, produziu reportagens no México em que retratou Pancho Villa, Zapatta e outros personagens decisivos na revoluções que ocorriam naquele país. Dali, partiu para acompanhar outros movimentos semelhantes na Europa e atuou como correspondente na França, Itália, Alemanha e Turquia. Influenciado pela efervescência política na Rússia, parte para aquele país e aguarda o início das manifestações e processos da revolução que ele narrou. Mesmo com um discurso inflamado, afinal Reed não escondia suas inclinações ideológico-políticas, suas palavras permitem reconstituir a cobertura de eventos em um local tão complexo como a Rússia no final da década de 1910. Uma passagem de Reed nos auxilia a construir o cenário em que ele registrava os acontecimentos e as dificuldades impostas ao repórter para a cobertura.

Amontoava-se a lama em todas as ruas, cobrindo-as com uma camada movediça e pegajosa. A falência completa da administração repercutiu enormemente na limpeza das cidades. Do golfo da Finlândia soprava um vento úmido, que cobria as ruas com um pesado manto de neblina gelada. Durante a noite, ao mesmo tempo e por economia e medo dos zepelins, Petrogrado ficava às escuras. Só raramente se ascendia uma lâmpada e, assim, mesmo, fraca. Nas casas, em lugar de luz elétrica, empregavam-se velas ou lampiões, de querosene das 18 horas à meia noite. Das 18 até às 10 da manhã do dia seguinte, a escuridão era tão densa nas ruas, que nada se via à distância de um passo. Os roubos e os assaltos eram

frequentes. Nos hotéis, os hóspedes revezavam-se durante a noite, rondando guarda com um fuzil na mão. Isto acontecia sob a gestão do Governo Provisório (REED, 2002, p. 50).

Uma das primeiras características que chama a atenção no relato do correspondente é a quantidade de citações à imprensa local, com o surgimento de novos jornais e panfletos quase que diariamente e com forte penetração e procura pelas massas que caracterizaram a revolução russa. Além da imprensa de caráter jornalístico, partidos e organizações trabalhistas publicavam e distribuíam suas ideias, uma verdadeira proliferação de informações que explicavam os novos e surpreendentes acontecimentos ao povo. “Cada agrupamento político, cada cidade, cada povoado, possuía seu jornal e centenas de folhetos eram distribuídos entre as pessoas por organizações” (REED, 2002, p. 53).

### 3.1.2 A imprensa local como fonte

A imprensa russa pode ser considerada, a partir do relato de Reed, um agente de profunda influência nos processos e movimentos políticos da época, com duas tendências muito definidas: a liberal, que apostava na retomada do controle por meio do governo da época e outra operária, que inflamava as massas e seus líderes sobre o momento ímpar para a realização de um movimento revolucionário e que levasse o partido bolchevique, composto pela ala mais radical de membros operários, soldados e camponeses a tomar o poder.

Na extrema direita, os órgãos dos vergonhosos monarquistas, *Narodnii Tribun* (Tribuna do Povo), de Purishkevitch, *Nova Russa* (A Nova Rússia) e *Zivoie Slova* (A Palavra da Vida), advogavam abertamente a destruição radical e imediata da democracia revolucionária [...] O *Izvestia* e o *Golos Soldata* (A Voz do Soldado), jornais publicados pelo Soviete de Petrogrado, no momento dirigidos pelo *Tsique*, atacavam furiosamente o Congresso, apoiados pela artilharia pesada do jornalismo socialista-revolucionário, ou seja, pela *Dielo Naroda* (A Causa do Povo) e a *Volia Naroda* (A Vontade do Povo) ( REED, 2002, p. 68).

De acordo com Reed (2002, p. 53), a grande circulação de folhas impressas e jornais parecia ser um reflexo da mobilização aceita pela população russa, que “absorvia livros, manifestos e jornais como a areia suga a água. [...] O ‘aluvião dos discursos franceses’, na palavra de Carlyle, era uma simples gota d’água ao lado desse oceano”. A profusão de informações que circulavam na época não se esgotava nas páginas impressas, elas estavam nos locais de relacionamento do

povo russo, nas ruas e em todos os lugares possíveis para a realização de pequenos ou grandes comícios. É nesses locais, que incluíam as trincheiras, fábricas e outros lugares de mobilização popular, que Reed anotava desde os discursos de pessoas comuns aos líderes dos movimentos revolucionários. Uma prática comum desse correspondente é a utilização de vozes das pessoas que caracterizavam a revolução russa, formada por trabalhadores das indústrias, camponeses e soldados.

Um camponês **referiu-se às** desordens a Tver, causadas, segundo disse, pelas prisões dos comitês agrários [...]. Um mecânico da fábrica Putilov **disse que** os diretores estavam fechando as seções da fábrica, uma por uma, sob o pretexto que não havia mais combustível nem matérias-primas [...]. **Outro** orador, soldado, **começou assim...** (REED, 2002, p. 80, grifo nosso).

Por meio de entrevistas realizadas com diferentes opiniões sobre a revolução russa, o repórter parece querer atender à prática da imparcialidade jornalística, como, por exemplo, com a posição de um banqueiro local, utilizando-se das citações dessa fonte para apresentar a visão do lado liberal sobre os acontecimentos.

A 15 de outubro, **entrevistei um grande capitalista** [...]. 'A revolução, disse-me ele, é uma doença. Cedo ou tarde as potências estrangeiras terão de intervir, exatamente como um médico que trata de uma criança enferma. O banqueiro estava plenamente convencido de que os fabricantes e comerciantes não poderiam, em hipótese alguma, permitir a existência dos comitês de fábrica ou tolerar o menor controle operário na indústria (REED, 2002, p. 46).

John Reed tem o hábito de manter um diário atualizado, onde além de relacionar cada um dos seus movimentos de investigação e apuração dos fatos, relaciona pequenas notas sobre as publicações da imprensa no dia. Esse método de reunir as informações em um diário é semelhante ao que desenvolverá o polonês Kapuscinski, como veremos em análise contida nesse mesmo capítulo. Talvez seja esse recurso que permita a jornalistas e autores como Reed reconstituir em suas obras desde detalhes das pessoas que ele conversou até relações entre suas posições e tendências políticas. Sobre a contextualização com a imprensa diária, um dos trechos parece identificar que Reed não escreveu o texto que deu origem ao livro durante os fatos, mas que ele foi produzido a partir das anotações.

Nos meus apontamentos, com a data de 29 de outubro, **encontro os seguintes trechos dos jornais do dia:** [...] **Tais notas dão uma ideia exata da confusão reinante nesses dias febris.** Todos sentiam que alguma coisa ia acontecer, mas ninguém sabia o que seria (REED, 2002, p.

77, grifo nosso).

De acordo com as informações disponíveis na obra, as tecnologias utilizadas por Reed podem ser consideradas como quase inexistentes. As poucas linhas de telefone disponíveis pareciam estar impossibilitadas para o uso do jornalista, em razão dos ataques realizados tanto pelo lado governista como o da frente revolucionária. O autor cita em algumas passagens a utilização de postos de correio, mas não é possível determinar que tipo de conteúdo ele buscava ou entregava a esses serviços.

### 3.1.3 Cobertura com informações publicadas nos muros

Os serviços de comunicação mais citados pelo autor na tarefa de transmissão de mensagens são os telégrafos, mas eles não atenderiam necessidades de comunicação em massa, que ficava a cargo dos folhetos e jornais que circulavam. Os telégrafos eram principalmente usados para troca de informações sobre os movimentos do exército russo.

Usei minhas próprias anotações como elementos de origem deste livro. **Recorri, também, a centenas de diversos jornais russos, formando uma série quase completa do período descrito, além de me fazer valer do jornal inglês Russian Daily News e dos dois jornais franceses, Journal de Russie e Entente.** Incomparavelmente mais precioso do que estes me foi o Bulletin de la Presse, publicado diariamente pelo Escritório Francês de informações, em Petrogrado, **que relata todos os acontecimentos importantes e cita os discursos e os comentários da imprensa russa.** [...] Além disso, possuo também quase todas as proclamações, decretos ou avisos afixados nos muros de Petrogrado, de meados de setembro de 1917 aos fins de janeiro de 1918 (REED, 2002, p. 37, grifo nosso).

Nesse trecho, além de resumir o processo de produção de sua reportagem, Reed revela que eram em muros em que as diferentes organizações operárias deixavam seus manifestos, de forma que seus agitadores não fossem vistos pelas forças do governo, que impediam qualquer forma de expressão. Muitos dos acontecimentos narrados por Reed foram embasados em sua cobertura a locais como esses.

## 3.2 Ernest Hemingway. Repórter II. Tempo de morrer

### 3.2.1 O correspondente que conduzia tropas (1937 a 1956)

A narrativa do trabalho jornalístico de Ernest Hemingway poderá deixar ao leitor uma sensação de que se está lendo um romance ficcional e não propriamente uma reportagem em razão das aventuras e ações de perigo enfrentadas pelo repórter e relatadas em seus textos. Antes de ser conhecido como o romancista nº. 1 da América (INGERSSOL. In: HEMINGWAY, 1969, p.62), Hemingway atuou como correspondente em coberturas de conflitos na guerra civil da Espanha e em países da Europa durante a Segunda Guerra Mundial. Alguns de seus relatos como correspondente, escritos para a agência NANA<sup>15</sup> e revistas como *Ken Magazine* e *Vogue*, publicações importantes e de referência do jornalismo na metade do século 20, foram reunidos no livro *Repórter II, Tempo de Morrer*, obra do autor selecionada para a nossa análise.

Hemingway nasceu nos Estados Unidos e iniciou sua carreira como jornalista aos dezessete anos. Com a entrada dos Estados Unidos na Primeira Guerra Mundial, junta-se a uma unidade de ambulância do exército. É ferido em combate e regressa aos EUA, onde atua como repórter para jornais canadenses e americanos, sendo enviado de volta à Europa para cobrir eventos como a Revolução Grega. Sua experiência como repórter durante a guerra civil na Espanha serviu como tema para o romance *Por quem os sinos dobram*, publicado em 1940<sup>16</sup>. Um trecho contido na obra analisada para esse trabalho, redigido por um editor de Hemingway, resume algumas características que permitem compreender a eloquência do repórter para assuntos de guerra.

De suficiente gabarito para distinguir-se da sua reputação como correspondente de guerra é sua reputação como especialista em assuntos militares. É um estudioso da guerra em sua totalidade - de tudo o que diga respeito à guerra, desde o embasamento de uma metralhadora às táticas e manobras, desde o moral civil até a organização industrial para a guerra. Tudo isso ele estudou durante vinte anos. (INGERSSOL. In: HEMINGWAY, 1969, p. 62).

A obra analisada para esse trabalho contempla três capítulos, divididos em coberturas da guerra civil na Espanha, de 1937 a 1939, a Segunda Guerra Mundial, de 1939 a 1945, e o último capítulo, chamado Depois das Guerras, com textos do

---

<sup>15</sup> *The North American Newspaper Alliance* (NANA) foi uma associação de veículos de mídia nos Estados Unidos que operou entre os anos de 1922 e 1980. Disponível em <[http://en.wikipedia.org/wiki/North\\_American\\_Newspaper\\_Alliance](http://en.wikipedia.org/wiki/North_American_Newspaper_Alliance)>. Acesso em: 22 nov. 2011.

<sup>16</sup> Resumo de biografia disponível em <[http://www.nobelprize.org/nobel\\_prizes/literature/laureates/1954/hemingway.html](http://www.nobelprize.org/nobel_prizes/literature/laureates/1954/hemingway.html)>. Acesso em: 17 nov. 2011.

período 1949 a 1956. Nos dois primeiros capítulos, o relato de Hemingway se baseia em uma análise pessoal dos conflitos e a narração do modo de vida e costumes das tropas. O capítulo que aborda seu período pós guerra se parece mais com relatos retirados de um diário. Quanto aos objetivos da nossa pesquisa, se destacam principalmente histórias sobre o relacionamento com outros repórteres durante as coberturas e algumas descrições de práticas de produção jornalística em meio aos conflitos e que desenvolveremos a seguir.

Entre os indícios que apontem a leitura de outros veículos de imprensa pelo repórter, algumas citações contidas no livro permitem intuir a leitura de jornais estrangeiros durante suas coberturas, como por exemplo em: “Depois de ler os jornais vindos de New York, em Madri, ainda no automóvel, que o General Franco deu ao governo um prazo de cinco dias para render-se, antes de iniciar a triunfante ofensiva final [...]” (HEMINGWAY, 1969, p. 33). Outras citações à imprensa aparecerão na parte final dessa análise, onde estão alguns comentários do autor a respeito de seus próprios obituários, publicados erroneamente pela imprensa britânica após Hemingway se envolver em um acidente aéreo durante uma de suas aventuras.

Durante a cobertura dos conflitos na Espanha, Hemingway relatou estar acompanhado de outros correspondentes e narrou em detalhes como os soldados e os repórteres eram recebidos pela população afligida pelos combates. Assim como veremos nas análises das obras de Ribeiro (2005), sobre a guerra do Vietnã, e Fino (2003), em conflitos no Afeganistão e Oriente Médio, Hemingway aponta para as mudanças, sejam elas de ordem econômica, psicológica ou nas práticas da própria imprensa, provocadas pela chegada de repórteres correspondentes em locais afetados por conflitos. No caso relatado por Hemingway, os jornalistas eram vistos como detentores de informação, procurados pela população local que, no desespero causado pela guerra, ansiava por notícias de seus familiares e amigos desaparecidos.

Em Teruel, fomos beijados pela população em peso, deram-nos vinho, perguntaram-nos se não conhecíamos o seu irmão, tio ou primo que estava em Barcelona, e tudo aquilo era muito bonito. Nunca tínhamos recebido a rendição de uma cidade em nossa vida e éramos os únicos civis no lugar. Ainda me pergunto o que pensaria aquela gente que nós éramos. **Tom Delmer, correspondente de um jornal de Londres, parece um bispo. Herbert L Matthews, do New York Times, tem o ar de Savonarola**, e eu pareço, digamos, Wallace Beery há três anos, de modo que toda aquela gente deve ter pensado que novo regime seria, para começar, um tanto



complicado (HEMINGWAY, 1969, p. 32, grifo nosso).

### 3.2.2 Um correspondente cobre a guerra do hotel

Em um dos trechos em que relata o trabalho dos correspondentes durante a cobertura da guerra civil na Espanha, Hemingway conta um caso que envolve a forma de apuração da notícia por outros jornalistas e práticas, um tanto questionáveis, que tinham por objetivo burlar a censura dos órgãos fiscalizadores militares. O repórter conta que um importante correspondente foi até Madri para investigar a ocorrência de fuzilamentos, e que estariam ocorrendo de forma rotineira naquela cidade. Hemingway aponta para o fato de que o repórter não saia de seu quarto de hotel para coberturas e que esse jornalista apenas questionava a outros repórteres como se processavam os fuzilamentos no local.

Escute aqui. Disse eu. – Você chegou a Madri a noite passada. Ainda não meteu sequer o nariz na cidade e vem dizer-nos, a nós, que vivemos e trabalhamos aqui, que existe o terror na cidade. [...] **Expliquei-lhe então que havia meia dúzia de homens da imprensa vivendo e trabalhando em Madri e cuja missão era, se existisse terror, descobri-lo e noticiá-lo** (HEMINGWAY, 1969, p. 51, grifo nosso).

Hemingway não revela o nome desse repórter ou o veículo no qual ele trabalhava. Segundo o autor, a fama desse correspondente era tão grande que havia boatos entre outros correspondentes sobre uma suposta intenção do exército nazista em exterminá-lo, resultado das revelações jornalísticas negativas ao exército alemão realizadas por esse profissional. Apenas é indicado no texto que o correspondente era de um grande jornal, pelo qual Hemingway (1969, p. 51) “tinha o maior respeito, e só por isso não o esmurrou”. Hemingway declara ainda que também não agrediu seu colega que defendia a ocorrência do terror nas ruas de Madri para evitar que seu ato de violência contra esse correspondente fornecesse “uma prova de que existisse realmente o terror”.

Na sequência do relato, Hemingway conta que uma jornalista americana estava deixando a Espanha e que o repórter que questionava sobre a violência no local entregou a essa repórter um envelope fechado. Segundo Hemingway, (1969, p. 52) “não se entregam às pessoas envelopes fechados para levar para fora de um país em tempo de guerra”, revela o autor, em razão do processo de censura aos jornalistas durante os conflitos. Conforme relata Hemingway, o correspondente

garantira à colega americana que o envelope continha apenas uma cópia a papel carbono de uma correspondência sua, já avaliada pela censura local, que ele enviava para o seu escritório como documento duplicado a fim de garantir o recebimento pelos seus editores.

A censura a qual o autor cita é o processo de análise realizada pelos exércitos durante o período em que Hemingway fez seus relatos. Todo o material informativo produzido pelos correspondentes estava sujeito a essa análise antes de serem enviados pelo correio ou telex. Além de averiguar o conteúdo das informações enviadas como, por exemplo, relatos de excessos dos combatentes, existia já nessa época a dúvida quanto à presença de espiões entre os correspondentes.

Em um dos trechos da obra, Hemingway sinaliza como a censura interferia no processo de reportagem dos fatos noticiados pelos repórteres: “Os acontecimentos de maior destaque desse período e de que me recordo [...] ainda não são publicáveis neste momento. Por vezes, acho que gostaria de poder descrever as ações do coronel, tanto de dia como de noite. Mas não posso ainda escrever a respeito” (HEMINGWAY, 1969, p. 136). Contudo, veremos nas análises das obras de correspondentes mais contemporâneos que a prática da censura, ou sua tentativa, ainda determina o trabalho dos jornalistas estrangeiros.

Voltando à história do correspondente ameaçado pelos nazistas, ocorre que com a abertura do envelope com destino ao exterior, que deveria ser apenas uma duplicação de documento já avaliado pelo departamento de censura, Hemingway revela que a correspondência tratava-se de um artigo que afirmava a carnificina na cidade de Madri.

Se uma censura não permitir a um jornalista que escreva a verdade, **o correspondente pode tentar bater a censura, sujeitando-se à pena de expulsão, se for apanhado. Ou pode sair do país e escrever suas notícias sem censura.** (...) Mas esse cidadão, numa viagem relâmpago, ia deixar que outra pessoa corresse os riscos, enquanto ele recebia os créditos de jornalista destemido. A história mais notável, nessa altura, era a inexistência de terror em Madri. Mas isso era muito monótono para ele. Teria interessado ao seu jornal, entretanto, pois, por muito estranho que pareça, acontece tratar-se de um jornal que há longos se interessa pela verdade (HEMINGWAY, 1969, p. 54, grifo nosso).

Além disso, uma ação como essa, realizada por um jornalista de grande fama na imprensa, se a ação desse correspondente se consumasse, com o envio da reportagem para fora da Espanha como ele havia pretendido, faria a todos os outros correspondentes mentirosos, além de expor outros jornalistas a uma acusação de

espionagem por subtrair do país um noticiário falso.

“Aqui em Madri lavra o terror. Milhares de cadáveres são descobertos etc.” Era uma beleza. **Convertia em mentirosos todos os correspondentes honestos em Madri.** E esse cara escrevera aquilo sem dar um passo fora do seu hotel, logo no primeiro dia em que chegou. O único detalhe realmente feio era que o colega a quem ele entregara o envelope podia, segundo as leis de guerra, ter sido fuzilada como espiã, se o artigo fosse encontrado entre os seus papéis ao sair do país. A correspondência era uma mentira e ele entregara-o a uma senhora que nele confiara para o levar do país para fora (HEMINGWAY, 1969, p. 53, grifo nosso).

Hemingway contou o ocorrido a um grupo de correspondentes que trabalhavam em Madri e negavam em seus relatos a existência de terror na capital desde que o governo assumira o controle da situação. O autor conta que muitos jornalistas foram tomados pela raiva e chegou-se a cogitar a entrega do profissional ao exército nazista, conforme a fama já relatada. Hemingway foi mais longe e disse que entregaria a cabeça do repórter: “Não seria uma cabeça muito atraente, mas teria o maior prazer em enviá-la eu próprio numa mochila – disse eu. Já não vejo vinte mil libras desde 1929” (1969, p. 53), comentando sobre a suposta recompensa oferecida pelo exército inimigo. Hemingway conta que um dos jornalistas do grupo que soube do caso dirigiu-se ao correspondente especulador e revelou que todos sabiam sobre o ocorrido e o informou sobre as sugestões das penalidades que os outros correspondentes estariam propondo.

“Eu vou perguntar-lhe”, ofereceu-se um conhecido repórter de Chicago. Encaminhou-se para a mesa do homem, falou-lhe com toda a calma e regressou. Todos nós ficamos de olhos pregados no homem. [...] - Ele diz que não há prêmio algum pela sua cabeça, - informou o repórter de Chicago, em sua voz tenuamente rítmica. – Diz que foi um negócio inventado pelos seus chefes. Assim foi como um jornalista escapou de desencadear em Madri um terror estritamente pessoal (Hemingway, p. 53, 1969).

### 3.2.3 Hemingway, segundo um de seus editores

As informações a seguir são uma compilação do texto escrito por Ralph Ingersoll, editor do jornal *PM*<sup>17</sup>, publicação a qual Hemingway colaborou com uma série de artigos. O texto abre o capítulo com a cobertura do autor na Segunda Guerra Mundial e contém desde análises sobre a situação bélica dos países

<sup>17</sup> Disponível em <[http://en.wikipedia.org/wiki/PM\\_\(newspaper\)](http://en.wikipedia.org/wiki/PM_(newspaper))>. Acesso em: 12 Nov. 2011.

asiáticos escritas por Hemingway até a invasão das tropas aliadas na Normandia, que contou com a cobertura do autor. Ingerssol entrevistou Hemingway alguns dias depois dele regressar a Nova Iorque de uma viagem ao Oriente, em 1941.

Durante sua estada na China, Hemingway analisou como se desenrolava a guerra contra o Japão e analisou até que ponto eram verdadeiras algumas notícias sobre a superioridade da tecnologia bélica chinesa. Mais do que um enviado especial, Hemingway era um especialista em guerra. Seu editor, Ingerssol advertiu que Hemingway foi para a China, não como um visitante, mas como um estudioso e um especialista “acompanhado de um prestígio que lhe tornou possível visitar frentes de batalha que não tinham sido até agora visitadas por jornalistas estrangeiros e falar, numa base excepcional, com as pessoas que estão dirigindo a guerra no Oriente” (INGERSOL. In: HEMINGWAY, 1969, p. 62). A sequência dessas informações, que revelam os diferenciais na cobertura do repórter, oferecem dados que permitem compreender a relação de trabalho adotada pelo correspondente e seus editores.

Quando Ernest Hemingway partiu para o Oriente, PM fez com ele o seguinte acordo: que se as operações fossem desencadeadas, ele permaneceria em campo para fazer sua cobertura por telegrama, mas se não registrassem ações de envergadura ele faria notas, mas não escreveria para o jornal enquanto não completasse seu estudo, quer dizer, **enquanto não tivesse na posse de todos os elementos e dispusesse de tempo e perspectiva para analisar tudo o que vira e ouvira, produzindo um relato de valor mais duradouro do que a correspondência cotidiana** (INGERSOL. In: HEMINGWAY, 1969, p. 63, grifo nosso).

Ingerssol (In: HEMINGWAY, 1969, p. 65) informa que Hemingway foi para a China acompanhado da esposa, Martha Gelhorn, também jornalista e correspondente para a revista *Collier's*. Passaram um mês cobrindo as atividades da frente de batalha, conviveram com as tropas e as acompanharam em diversas incursões a pé e a cavalo. Segundo o editor da PM, “durante 12 dias de chuva contínua, ele e a Sra. Hemingway nunca conseguiram vestir roupas secas”. Ao final da entrevista, Ingerssol confessa que a entrevista a qual ele concedeu, relatando sua cobertura, não teria o mesmo impacto proporcionado somente a partir “da reunião das várias peças que constituem o padrão completo desse tremendamente significativo relato que Hemingway elaborou” (INGERSOL. In: HEMINGWAY, 1969, p. 73).

### 3.2.4 Os próprios obituários e a visão de Hemingway sobre o jornalismo

Hemingway acompanhou soldados em uma das batalhas mais famosas da Segunda Guerra Mundial. Mais conhecido como o “Dia D”, o desembarque de tropas Aliadas nas praias da Normandia, França, em 1944. Contando a ação dos soldados nessa missão, o autor relata que seria possível escrever “durante uma semana inteira e, apesar disso, não faríamos justiça a todos os que atuaram numa frente de 1.130 metros. **A guerra real nunca é como a guerra no papel, nem os seus relatos são uma reprodução fiel de como as coisas se passam**” (HEMINGWAY, 1969, p. 118, grifo nosso). Em determinado momento da narrativa, Hemingway relata algo que poderia ser identificado como uma prática para conseguir escrever suas matérias, que precisavam contar com momentos de total reclusão em meio a um vasto cenário de acontecimentos, como os que resultam de um conflito armado.

De momento, o vosso editorialista [...] pôs fim a todas as chamadas telefônicas de qualquer espécie, com a finalidade de tentar escrever e atualizar a história, antes de alguém propor alguma coisa tão surpreendente e tão generosa ao vosso correspondente, da natureza de uma nova operação de guerra, que ele acabe por faltar o que aconteceu até esta data. Contudo, antes dos telefonemas serem interrompidos, duas ou três propostas encantadoras foram recebidas (HEMINGWAY, 1969, p. 127).

Sobre a convivência com os soldados na linha de frente das batalhas, Hemingway (1969, p. 145) conta que ele e outros jornalistas eram repreendidos por militares que os descobriam em meio às tropas em pleno combate: “Quem diabo é você e o que está fazendo aqui na nossa coluna? - Sou um correspondente de guerra, Monsieur – respondi. - Não deixem os correspondentes de guerra avançar enquanto a coluna tiver passado toda! E gritou ele: - E especialmente não deixem passar este [Hemingway]!”.

Entre outras atividades que Hemingway realizou com as tropas durante a cobertura de batalhas durante a Segunda Guerra, o jornalista cita até o comando de soldados na linha de frente: “Aos correspondentes de guerra é proibido comandarem tropas e eu conduzira, simplesmente, esses guerrilheiros ao comando do regimento de infantaria, a fim de transmitirem suas informações” (HEMINGWAY, 1969, p. 130). Já quanto à justificativa do repórter ao cobrir o conflito, um diálogo de Hemingway com um soldado aponta para objetivos que envolvem o jornalismo desempenhado pelo repórter não como uma missão pessoal pela verdade, como revelarão alguns

dos repórteres que veremos nas análises seguintes, mas unicamente como uma recompensa financeira.

Me diga uma coisa, correspondente, - interpelou um outro soldado. - Há uma coisa que não entendo. (...) O que é que você está fazendo aqui, se não precisa estar aqui? E só pelo dinheiro? - claro - respondi - dinheiro graúdo. Montes de dinheiro. - Isso para mim não faz sentido, respondeu o soldado[...] Compreendo que um cara tem que fazer aquilo que tem que fazer. Mas por dinheiro, não faz sentido (HEMINGWAY, 1969, p. 153).

Ernest Hemingway e sua esposa sofreram diversos acidentes durante a realização de suas coberturas, incluindo desastres aéreos. Após os primeiros rumores sobre um acidente a bordo de um avião e sem conseguir informações sobre o paradeiro da aeronave que carregava o casal Hemingway, veículos da imprensa noticiaram a morte do escritor e sua esposa, rendendo diversos artigos e obituários ao autor. Conforme Hemingway, mesmo com certas inexatidões, o conjunto dos textos que relatava sua vida “jamais poderia ter sido tão bem escrita por mim próprio” (1969, p. 230).

Havia depoimentos sobre nós por pessoas que se descreviam como os nossos únicos e mais íntimos amigos e que conheciam o conteúdo mais recôndito do meu coração. [...] Algumas dessas notícias necrológicas causaram-me grande surpresa. [...] Quanto aos jornais britânicos, só os li pelos recortes que me enviou um amigo e as opiniões pareciam muito divididas. [...] O que me deu maior prazer foi ler em alguns jornais, não o Times, o Observer ou o Guardian, as descrições dos meus hábitos, caráter e circunstâncias exatas em que se dera a minha morte. **Alguns desses artigos eram assinados por escritores de grande capacidade de imaginação** (HEMINGWAY, 1969, p. 234, grifo nosso).

Segundo Hemingway, entre os problemas mais graves publicados pela imprensa sobre sua morte estavam nas suposições, incorretas segundo o autor, de como o acidente se procedeu. Entre os principais equívocos dos jornalistas, segundo Hemingway, era o de que eles haviam descrito, ou sugerido as razões para o acidente, baseados em textos escritos pelo próprio Hemingway, em que relatava passagens semelhantes, mas anteriores à queda do avião. “Ao que parece, eu estava tentando pousar esse avião na companhia de Miss Mary num esforço para aproximar-se da carcaça de um leopardo **sobre cuja morte escrevera uma história em 1934**” (HEMINGWAY, 1969, p. 230, grifo nosso). Por fim, Hemingway sugere a instantaneidade do jornalismo como uma das possíveis causas para textos com tal grau de desinformação, como revela o repórter.

Contudo, é uma teoria fácil de sustentar e compreendo que **quando**

**alguém tem de escrever apressadamente um necrológio será, por certo, uma solução rápida para um assunto complicado.** O mais complicado assunto que conheço, desde que sou homem, é a vida de um homem. [...] **Ultimamente, pela minha leitura dos jornais, parece-me que a ética é um artigo em falta, mas sei que ela existe ainda nas pessoas que não perdem o seu tempo lendo os jornais [...]** (HEMINGWAY, 1969, p. 235, grifo nosso).

### 3.3 José Hamilton Ribeiro. O gosto da guerra

#### 3.3.1 O enviado especial brasileiro ferido no Vietnã (1968)

O *Gosto da Guerra* é o relato de uma guerra em que o enviado especial não apenas a assistiu, mas foi vítima. É a história de um jornalista sobrevivente. Se outros jornalistas narraram os combates desde os campos de batalha no Vietnã, no final da década de 1960, José Hamilton Ribeiro relata a agonia das enfermarias precárias e as moléstias que envolviam aqueles que, por sorte ou azar, sobreviveram às armadilhas da guerra. Além disso, Ribeiro relata sua visão sobre o jornalismo, o papel da imprensa e curiosidades surgidas a partir de sua apuração em quase 40 dias naquele país. Segundo Ribeiro, os objetivos para a reportagem da Guerra do Vietnã eram divididos em conhecer a guerra dos dois lados: o sul (americano); e o lado norte (comunista) para chegar a uma descrição imparcial, mesmo que próprio jornalista aponte no livro que desacreditava chegar a esse nível de isenção no jornalismo, principalmente na cobertura de uma guerra.

Como veremos no relato do repórter, a entrada para o lado norte nunca ocorreria, ficando o jornalista baseado unicamente no lado sul do conflito. Ribeiro recorda também que, por pouco, não entrou para uma estatística que causava medo entre os repórteres: o de ser mais um número entre as baixas. Segundo o repórter, “entre os dois mil correspondentes que passaram por lá, 66 morreram ou foram dados como desaparecidos, fazendo uma estatística de baixa fatal de 3,3%” (RIBEIRO, 2005, p. 108). Ele conta que a ideia da revista *Realidade* enviar um repórter para cobrir a Guerra do Vietnã surgiu quando a guerra aumentou seu vigor e brutalidade. Além disso, conta o repórter, a revista não achava razoável que **“a então principal revista do Brasil ou ignorasse o Vietnã ou continuasse simplesmente comprando textos amanhecidos de publicações européias e americanas”** (RIBEIRO, 2005, p. 40, grifo nosso). Mas entre as dificuldades para o envio de um jornalista estavam os gastos e riscos, que segundo Ribeiro foram pensados e

repensados dez vezes.

### 3.3.2 Preparativos e as primeiras impressões de uma cobertura de guerra

Na época, a revista *Realidade* possuía uma grande equipe de jornalistas capacitados para uma reportagem de envergadura, entre os quais o repórter acreditava ter poucas chances de competir. Porém, foi a ele que o redator-chefe ofereceu a proposta: “O Vietnã saiu. A turma diz que você tem preferência. Se quiser pode começar a tratar do passaporte. [...] Não hesitei um minuto. – Topei” (RIBEIRO, 2005, p. 40).

Segundo Ribeiro, a primeira determinação foi a providência de um seguro de vida, em razão da publicação ter enfrentado problemas meses antes quando um fotógrafo da *Realidade* sofrera fraturas durante uma cobertura na Região Nordeste do Brasil. Pela falta de seguro, a assistência ao repórter fotográfico envolvera grandes dificuldades. Mesmo assim, Ribeiro considera essencial o espírito de aventura para exercer a função de jornalista. Ele comenta que, além da aventura diante da situação de perigo, cobrir o Vietnã era também um pouco de vaidade e um pouco é ambição profissional “junto com uma pitada de falta de juízo” (RIBEIRO, 2005, p. 103). Além disso, segue o jornalista, ele queria ver com os seus próprios olhos se os comentários que envolviam a guerrilha vietcongue eram verdadeiros, perante o exército dos EUA, o mais temido do mundo.

Todo repórter é também um aventureiro. Está sempre de espírito preparado para conhecer e enfrentar situações novas e aventuras. E o Vietnã era uma grande, uma fantástica aventura. Além disso, duas outras razões me fizeram aceitar a viagem. **Uma, porque eu queria ver para crer. Estava achando muito estranha aquela história do mais poderoso exército do mundo estar atolado na lama por conta de meia dúzia de guerrilheiros esfarrapados.** Outra, porque a esta altura, falava-se que o governo brasileiro pretendia mandar para o Vietnã uma missão militar com o objetivo de avaliar se o Brasil devia embarcar naquela canoa, em socorro do “mundo livre” tão ameaçado e tão desprotegido por lá. Eu ia pôr tento nessas duas coisas (RIBEIRO, 2005, p. 41, grifo nosso).

Segundo Ribeiro, quando sua redação começou a planejar sua ida para o Vietnã, já era conhecido que outros repórteres tentavam entrar no país e que não estavam tendo sucesso nas investidas. O repórter conta que apenas conseguiu acesso ao país em razão de acordos editoriais com o exército vietnamita do lado sul, acordos esses que não foram cumpridos pelo jornalista. “O Vietnã do Sul [...] me deu



autorização para [...] fazer trabalho jornalístico junto ao padre brasileiro que se ocupa de um orfanato em Saigon. (...) Um padre brasileiro salvava o meu visto” (RIBEIRO, 2005, p. 42).

Ribeiro comenta que, chegando ao Vietnã, ficou surpreso ao identificar que a guerra não tomava as proporções de como a imprensa a relatava. Segundo o repórter, a sensação que sentiu nos primeiros dias de Saigon era de que os conflitos ocorriam muito distantes e à noite. Algo que ele confirmaria anos mais tarde, entrevistando pessoas que visitavam lugares em guerra para tratar de negócios. Lá, passavam vários dias, assinavam contratos, cumpriam compromissos e só iam saber da guerra à noite, na tevê a cabo. “A primeira impressão que tive ao chegar ao Vietnã foi a de que tinha desembarcado em país errado. Cadê a Guerra? O aeroporto funcionando, [...] - **cadê o papoco que tevê mostra todo o dia?** (RIBEIRO, 2005, p. 107, grifo nosso).

O repórter critica como a TV e o cinema traduzem a realidade de uma guerra, como, por exemplo, foi a do Vietnã. Para Ribeiro (2005, p. 107, grifo nosso), “a tevê e o filme reúnem episódios, editam, põem ritmo, enfiam música e efeitos especiais, e no fim, **o que foi uma coisa monótona e arrastada [...] acaba um espetáculo glamoroso** o suficiente (se não falso o suficiente) para ganhar estatuetas do Oscar [...]”. Ribeiro aponta ainda que no Vietnã, pela primeira vez, havia condições técnicas para a tevê operar na guerra, com câmeras mais leves e operadas por equipe reduzida, e isso foi feito abundantemente até o exagero, conta o repórter.

Ainda comentando sobre as primeiras impressões após a chegada do repórter ao país asiático, Ribeiro conta que para ser correspondente de guerra no Vietnã era preciso uma série de credenciamentos, tanto do lado vietnamita como no americano. Pelo lados dos americanos, era necessário apresentar uma carta da empresa responsável pela publicação garantindo, entre uma série de outros termos, que “o governo americano é eximido de qualquer responsabilidade em prejuízos, materiais ou pessoais, que o correspondente possa sofrer quando trabalha ao lado de tropas americanas [...] Em caso de emergência, quem deve ser avisado e a quem deve ser entregue o corpo?” (RIBEIRO, 2005, p. 47). Após esses procedimentos, o correspondente recebia grande quantidade de informações para auxiliar na cobertura.

[...] recebe-se uma papelada imensa com informações sobre a guerra, o horário e **o regulamento das entrevistas coletivas diárias, os aspectos**

**morais e jurídicos da participação americana, o regulamento e as instruções de como portar-se**, mapas da cidade e do país, situação das estradas, composição atual do governo etc, etc. [...] Recebe-se, por fim, a credencial e a informação das facilidades que ela dá para o bom desempenho do trabalho: nos **“clubes de imprensa” das bases militares há restaurante, bar, dormitório, telefone, máquina de escrever, a preços quase simbólicos** (RIBEIRO, 2005, p. 47, grifo nosso).

Além disso, Ribeiro relata sobre o “kit” oferecido aos correspondentes de guerra pelo exército americano. Entre os itens, dois intrigaram o repórter: uma pistola e um preservativo. Segundo o jornalista, o uso da arma pessoal se dava em razão de que, a partir do momento que a imprensa acompanhava uma operação do governo vietnamita ou do Exército dos EUA, ela tornava-se alvo de fogo do inimigo. “Como o vietcongue não fazia prisioneiros, mas os fuzilava [...], os correspondentes de guerra no Vietnã carregavam uma pistola para ter oportunidade de se matar, caso fossem feridos. Já quanto ao uso da camisinha [...] era boa para impedir que se molhasse: o dinheiro, o cigarro, os fósforos” (RIBEIRO, 2005, p. 128).

Entre suas primeiras atividades dentro do Vietnã, José Hamilton relata algumas curiosidades quanto às opções de lazer oferecidas aos soldados americanos, impensáveis em um território como o Vietnã, quando esses não estavam em combate. Entre os suprimentos, cerveja gelada em grandes quantidades, serviço de correspondência que não falhava e outras facilidades recreativas oferecidos aos soldados que Ribeiro acompanhou dias antes da fatalidade a qual seria submetido. “Como é bom ser soldado americano! O diabo é a guerra (...). O pessoal é simpático e a gente, como jornalista, é bem recebido e até festejado” (RIBEIRO, 2005, p. 3).

### 3.3.3 As fontes disponíveis em uma guerra e os serviços de *freelancers*

Ribeiro relata que entre as atividades de apuração estava a de conversar com os soldados. Com base nessas conversas, o repórter define um perfil para os soldados americanos no Vietnã e suas visões sobre a guerra: jovens negros que contavam não sentirem-se discriminados, sendo que alguns relatavam serem vistos como heróis por seus familiares e pessoas próximas. Já outros jovens diziam não saber o motivo de lutarem, “mas que preferem assim a ter que lutar no quintal de sua casa” (RIBEIRO, 2005, p. 8). Ribeiro relata também que tentou entrevistar vietcongues, membros da guerrilha do lado norte, ação que ele não conseguiu

realizar (2005, p. 28).

Quanto à operacionalização de suas matérias durante a guerra, Ribeiro revela que viajou sozinho para o Vietnã e lá recrutou os serviços de um fotógrafo *freelancer*.

Para vir ao front contratei um fotógrafo japonês – Kei Shimamoto -, **indicado pelo Sr. Pelou da Agência France Press de Saigon**, como boa gente e bom profissional. Parece mesmo bom, só que o desgraçado, toda vez que peço para me fotografar com água pela cintura, ele diz *No good!* Acho que ele espera que uma bomba me mande para o chão, para só então achar uma boa foto! (RIBEIRO, 2005, p. 28, grifo nosso).

O fotógrafo *freelancer* contratado por Ribeiro para fazer fotos que seriam utilizadas na revista *Realidade* teve uma função nada agradável ao final da cobertura. Ribeiro relata que um pedido do fotógrafo japonês fez com ele não retornasse à capital Saigon na data marcada e se mantivesse por mais alguns dias em uma base americana mais avançada na direção do Vietnã do Norte. Na mesma carta enviada à redação, o correspondente relata sobre sua decisão de acompanhar o fotógrafo em uma última cobertura.

Depois de quatro dias de operação com a Companhia D eu já estava pronto para ir embora, mas **acabei cedendo à argumentação do fotógrafo para ficar mais um dia. Isso porque hoje haverá dois tipos de operações altamente promissoras para fotografias**: uma na parte da manhã, que é o reconhecimento e “limpeza” numa aldeia da “Estrada sem alegria”, sabidamente controlada por vietcongue; a outra, na parte da tarde, um assalto aéreo sobre uma colina, após o bombardeio de alvos já conhecidos e fixados [...] com grande possibilidade de “contato” com o inimigo (RIBEIRO, 2005, p. 13, grifo nosso).

Ribeiro conta que um soldado convidou o repórter para acompanhá-lo até um local em que uma ação do exército teria resultado em baixas e ferimentos de soldados do vietcongue, alegando que isso renderia “boas” fotos. Como de costume, o militar foi na frente, seguido por enfermeiros e pelo repórter. Esse procedimento tinha como objetivo evitar perdas civis e médicas, caso uma bomba estivesse enterrada pelo caminho. Mesmo adotando todo o procedimento de segurança, Ribeiro caminhou poucos passos até que seu corpo fosse projetado violentamente por uma explosão e que determinaria todo o restante do relato do jornalista.

Nem bem dei uns cinco passos quando o estrondo de uma explosão povoou inteiramente meus ouvidos (...) Olhei-me de novo: abaixo do joelho, na perda esquerda, só havia tiras de pele. (...) Shimamoto, sentado ao meu lado, segurava minha cabeça, beijava os meus cabelos e repetia, chorando:

- José, ó José, ó José, como é que foi acontecer isso? (...) **Vi Shimamoto tomando distância para me fotografar**, e tive raiva: o desgraçado disse que ia arranjar fotos dramáticas e arranjou mesmo (RIBEIRO, 2005, p. 22, grifo nosso).

A partir desse momento, o relato de Ribeiro se resume ao desespero da dúvida em saber se conseguiria voltar ao Brasil, se sobreviveria ao tratamento precário que teria no Vietnã e, mais ainda, se saberiam na redação da revista o que aconteceu com ele. “Não recebi, até agora, nenhuma notícia do Brasil, e imagino que lá ninguém ficou sabendo de nada. O temor aumenta: vou morrer aqui nesta joça, serei um cadáver a mais, anônimo e não procurado, da guerra. Merda!” (RIBEIRO, 2005, p. 53).

A agonia do repórter só acalmaria dias depois, com a entrega de um telegrama. “É a primeira mensagem que me chega às mãos, do Brasil, depois que estou aqui. Diz isto: (...) Toda a corporação da Folha solidária com a coragem do grande colega, hoje transformado em símbolo da imprensa brasileira. Grande abraço – Folha de S. Paulo” (RIBEIRO, 2005, p. 53). O correspondente relata ainda que o acidente o levou a pensar se, caso conseguisse sobreviver, ele ainda teria coragem para atuar novamente em sua atual profissão. “Após cinco operações em 11 dias, quando eu não sabia se estava indo ou voltando da cirurgia toda vez que empurravam a minha cama, houve um momento em que fiquei a refletir: se eu sair dessa, **vale a pena continuar vivendo de jornalismo?**” (RIBEIRO, 2005, p. 54, grifo nosso).

### 3.3.4 Guerrilheiros infiltrados na mídia e a relação com outros jornalistas

Durante o período de tratamento dos ferimentos em território vietnamita, Ribeiro comenta questões que dizem respeito à mídia local, formada principalmente por estações de rádio e TV aparelhadas técnica e ideologicamente pelos Estados Unidos. De acordo com Ribeiro, as estações de televisão no Vietnã ajudavam a “distrair e informar” os soldados. A programação era reconhecida pelo repórter, já que os programas se resumiam às mesmas séries de aventura e ficção transmitidas no Brasil à época. “Na capital do Vietnã do Sul, Saigon, há apenas duas emissoras, que transmitem em inglês e vietnamita. Em nenhuma há propaganda comercial, mas apenas mensagens políticas e entram em cadeia quando há algum pronunciamento importante” (RIBEIRO, 2005, p. 35). Ribeiro também se utiliza do relato de outros

jornalistas e da imprensa local para constituir sua visão sobre os abusos da guerra.

Quando eu estava em Saigon, antes de vir para o front, **acompanhei pelos jornais da capital** uma batalha interessante que durou três dias. Um grupo de helicópteros americanos descobrira uma manada de elefantes na floresta e, julgando tratar-se de alguma manobra do vietcongue, incumbiu-se de acabar com ela. Ao fim do terceiro dia, tinham sido metralhados sete elefantes, entre machos, fêmeas e filhotes (RIBEIRO, 2005, p. 28, grifo nosso).

Ribeiro utiliza informações de outros jornalistas e escritores para apresentar outros dados do conflito, como o do jornalista australiano Wilfred Butchett, contando sobre um ataque americano numa região do Vietnã no Norte que despejou uma bomba para cada sete pessoas. Ou então o relato de outro jornalista, Neil Scheman, do *The New York Times*, que teorizava sobre a efetividade dos bombardeios e ainda “um jornalista me contou que [...] o vietcong distribuiu um panfleto pedindo para os americanos não levarem mulheres e crianças quando fossem comer fora: “Nossos atentados são só para os homens...” (RIBEIRO, 2005. p. 61) e “armadilhas com pontas de bambu em volta das aldeias, fossos e obstáculos na estrada e mesmo cavernas para esconder alimentações e armas – isso tudo é feito por mulheres, diz Douglas Pike em seu livro *O Vietcongue*”. (RIBEIRO, 2005 p. 75). Ribeiro conta ainda, por meio do relato do jornalista Peter Arnet, o curioso caso de guerrilheiros vietcongues que tornavam-se jornalistas.

**Peter Arnet conta** que para ganhar 15 dólares por foto – ou para infiltrar-se na imprensa – guerrilheiros vietcongues passaram a frequentar as redações de Saigon e os escritórios das agências de notícias. [...] O caso mais explícito de infiltração vietcongue na imprensa ocidental deu-se com Fam Xuan Na. **Ele era o chefe do escritório da Time no Vietnã e autor das principais matérias sobre a guerra – daquela que era a maior revista do mundo. Quando a guerra terminou, veio a notícia: Xuan era vietcongue infiltrado.** Se era bom no jornalismo, era bom também na guerrilha. Xuan era comandante de regimento. Imagine o que ele não aproveitou daqueles papos em *off*, nas entrevistas com autoridades de Saigon, oficiais do exército e da embaixada (RIBEIRO, 2005, p. 129, grifo nosso).

Mas mesmo crítico a algumas práticas do jornalismo, Ribeiro considera fundamental a presença de repórteres na cobertura de guerras, revelando questões de denúncia no trabalho dos jornalistas, principalmente pelos correspondentes internacionais. Segundo o jornalista se “guerra é ruim, guerra sem jornalista (ou escritor) por perto é pior”.

[...] foi a cobertura dos correspondentes ingleses que levou a Coroa a melhorar as condições de higiene e de assistência médica nos campos de

batalha. E foi a cobertura do Vietnã – sobretudo a dos americanos, e lá, principalmente, a de tevê – que fez com que, pela primeira vez na história, o povo dos EUA se colocasse contra o seu próprio governo, de tal forma que fez minar o apoio político com que Washington contava. A “tribo infeliz” teve a ver com isso (RIBEIRO, 2005, p. 106, grifo nosso).

Ribeiro também cita um livro que trabalha o correspondente internacional - *Iraque, a Guerra pelas mentes* - de Paula Fontenelle, em que a autora aponta como o grande problema dos correspondentes de guerra sendo a competição. Ribeiro (2005, p. 106) entende a competição mencionada por Fontenelle da seguinte forma: “cada correspondente considera a sua guerra melhor que a dos outros. Ele acha um jeito de dizer que o modo como trabalhou, as peças que imprimiu, tiveram um significado diferente, uma outra luz, que não haveria se ele não estivesse ali”.

Em uma volta ao Vietnã, 30 anos após o ocorrido, Ribeiro relata que buscou informações sobre o fotógrafo Key Shimamoto. Segundo Ribeiro, Shimamoto foi convidado a trabalhar na revista *Realidade*. Depois de 10 anos trabalhando no Vietnã, o japonês viria definitivamente para o Brasil após terminar um trabalho para uma revista japonesa. Mas em um acirramento do combate, Shimamoto estava entre as vítimas da queda de um helicóptero atingido por artilharia antiaérea e a aeronave explodiu. Nesse retorno, segundo o jornalista, o interessava saber se havia alguma memória, alguma informação sobre o acidente. Ribeiro não localizou nada dedicado ao fotógrafo Shimamoto em seu retorno ao Vietnã.

### 3.4 Ryszard Kapucinski. Ébano<sup>18</sup> (1957 a 1997<sup>19</sup>)

#### 3.4.1 O repórter do século<sup>20</sup>

Escrever sobre o correspondente polonês Ryszard Kapuscinski mereceria uma pesquisa específica sobre a sua vida e obra. Suas experiências na cobertura de eventos contemplam desde lutas com animais ferozes e peçonhentos a adversidades de risco realizadas nos deslocamentos para chegar aos

<sup>18</sup> Aliado ao livro *Ébano*, foram consultadas também outras obras que tratam da prática do repórter polonês ou que trazem artigos escritos por ele descrevendo suas técnicas de apuração *Reportero del siglo*. Selección de artículos de *Le Monde Diplomatique*, (2007a) e *La voz del Otro*. Barcelona: (Ex)tensiones. (2007b).

<sup>19</sup> Mesmo informado que o período do livro de Kapuscinski tenha quase quatro décadas, a análise se foca sobre suas coberturas nas décadas de 1960 e 1970. Uma única passagem de Kapuscinski da década de 1990 é utilizada nesse trabalho.

<sup>20</sup> Título dado por Gabriel Garcia Márquez em artigo da obra *Reportero del siglo*. In. KAPUSCINSKI, 2007a).

acontecimentos a serem noticiados. Além de presenciar e relatar fatos e conflitos em diversos países em situação de convulsão social ou política como, por exemplo, na América Latina e no continente africano, as viagens permitiram a Kapuscinski constituir uma obra rica, com textos que detalham os países e suas histórias, as culturas e as pessoas dos locais que visitou, além da sua visão sobre o papel do jornalista e os novos cenários que configuram e determinam as práticas dessa atividade.

Kapuscinski apresenta as mazelas da profissão jornalística, cada vez mais determinada pelas práticas de mercado e informação instantânea, adotando o termo *media-worker* para definir a nova geração desses “instantaneístas”, em detrimento do termo jornalista. Em uma passagem do texto fica evidente às críticas ao novo formato da profissão, em que o correspondente deixa de ser construtor da informação para apenas se enquadrar em uma pequena peça da estrutura corporativa, determinada pela empresa em que, literalmente, apenas presta serviços.

No México, um amigo trabalhava para uma emissora de tv americana. Encontrei-o na rua, filmando os confrontos entre estudantes e a polícia. "O que houve, John?" eu perguntei. "Eu não tenho idéia alguma", respondeu ele, sem parar de filmar. "Apenas gravo e me conformo com captura de imagens, em seguida, enviá-los para o canal que faz o que quiser com este material" (KAPUSCINSKI, 2007a, p. 38, tradução nossa).

Também são destacadas em sua obra as práticas de observação e que se aproximavam de estudos antropológicos sobre os locais e as pessoas aos quais ele escrevia. Para Kapuscinski, o repórter deveria estar presente nos fatos, participar dos acontecimentos e se envolver com as pessoas, dando-lhes voz.

É uma vocação e, por exemplo, no meu caso, **eu não posso escrever sobre eventos ou lugares onde eu não estive**. Eu não posso, simplesmente preciso estar lá e compartilhar tudo com as pessoas, tentar entender esses homens e mulheres que são nossos irmãos e irmãs, e só então eu posso escrever sobre eles (KAPUSCINSKI, 2007b, p. 20, tradução nossa, grifo nosso).

Mesmo estando presente nos locais, cabe ao correspondente buscar mais do que simplesmente reportar o que ele vê. O profissional deve participar, envolver-se e fazer parte do grupo de pessoas que vivem ou são vítimas dos acontecimentos para compreender as situações que noticia.

### 3.4.2 As facilidades e os riscos da proximidade com as redações

Outro ponto destacado nos relatos de Kapuscinski é a sua comunicação com as redações dos jornais em que trabalhava. Segundo o repórter, as tecnologias de informação utilizadas em excesso impedem que um correspondente que acompanha um conflito em locais pobres ou carentes consiga compreender a realidade do local telefonando e enviando e-mails para os veículos em que trabalha.

Quando acompanhei o massacre em Ruanda, em 1994, **muitos jornalistas ficavam conectados por e-mail, por telefone, eles não podiam ver o que estava acontecendo lá. Eles contatavam seus patrões, em Nova York, Londres, Madrid, que diziam a eles "é preciso confirmar isso... nós temos a notícia de que em..."**. Não havia mais independentes, **já não eram mais repórteres, pois estavam apenas seguindo ordens de seus patrões que nem sequer sabiam onde era Ruanda. [...] Meu hábito era tentar escapar dessas pessoas que não conhecem a realidade de onde eu estava** (KAPUSCINSKI, 2007a, p. 46, tradução nossa, grifo nosso).

É notável no discurso de Kapuscinski que suas práticas e seu status se diferenciam de repórteres comuns, em razão da maneira como ele trata a sua relação com a redação. “As melhores reportagens que escrevi foram quando minha redação principal não sabia o local em que eu estava” (KAPUSCINSKI, 2007a, p. 46, tradução nossa). Para o repórter, as facilidades da redação podem representar uma sensação de segurança, mas que na verdade se traduzem em um perigo causado por acreditar que o aprendizado de algo se transforma em conhecimento pleno, e a redação seria o primeiro local dessa ocorrência (KAPUSCINSKI, 2007a, p. 51). Mesmo assim, o repórter também reconhece que nem sempre é possível estar presente no local dos acontecimentos e que o caminho para a compreensão deles, nesse caso, é a leitura, muitas leituras como destacado pelo correspondente. **“Se não há possibilidade para viajar, estão disponíveis as leituras. Muitas leituras. Porque o mundo já foi descrito muitas vezes e a literatura de viagens constitui uma biblioteca enorme”** (KAPUSCINSKI, 2007b, p. 20, tradução nossa, grifo nosso).

### 3.4.3 A independência da redação

Kapuscinski chegou pela primeira vez à África em 1957 e desde então foram



mais de quarenta anos cobrindo aquele continente, que conforme o próprio repórter, “a não ser pela denominação geográfica, a África não existe” (KAPUSCINSKI, 2002, p. 7). O correspondente define assim o continente em razão de acreditar que é impossível a um jornalista ou escritor esgotar em seus relatos um local como o território africano.

Na obra em que reúne diversos ensaios sobre suas viagens e que selecionamos para essa análise, *Ébano - minha vida na África*, Kapuscinski adverte logo no início que a obra não trata de um continente, mas de algumas pessoas e suas histórias que o ajudam a compreender a realidade dos diversos países que conheceu. As leituras que o repórter recomenda para uma primeira compreensão dos locais são características evidentes na obra do autor. Entre os relatos que tratam sobre suas primeiras impressões e sensações e uma caracterização da vida dos nativos está a pesquisa histórica a respeito do local de onde ele escreve. Mesmo não havendo citações às fontes, as informações contextualizam os movimentos migratórios, políticos e econômicos do lugar.

Nenhuma informação, conhecimento, avanço tecnológico, bens materiais, mercadorias, nem experiências de outros povos conseguiu penetrar aqui. Não houve intercâmbio para que pudesse ter havido participação na cultura universal. E sem intercâmbio não há desenvolvimento. Na maioria das vezes, pequenos grupos, clãs ou povos viviam isolados, perdidos, espalhados pela região, permanentemente ameaçados pela malária, seca, calor e fome (KAPUSCINSKI, 2002, p. 26).

Parece ser uma determinante no trabalho do correspondente a escolha de trabalhar fora dos grandes centros, mesmo que para isso o jornalista fique exposto às situações perigosas. “Eu nunca pretendi ser correspondente em lugares de grande concorrência como Paris, Madri, Nova Iorque ou Roma. Ninguém queria arriscar a vida para escrever sobre a guerra em Angola, e **assim eu não possuía concorrentes**” (KAPUSCINSKI, 2007a, p. 48, tradução nossa, grifo nosso).

Nos países em que atua como correspondente, os deslocamentos do repórter pelas pequenas cidades do continente africano parecem não obedecer a nenhuma sugestão de seus superiores. De acordo com os relatos de Kapuscinski, durante os momentos em que não participava da cobertura de conflitos, o repórter costumava se deslocar entre diferentes cidades e regiões do continente africano sem qualquer predeterminação de pautas ou com objetivos especiais de cobertura. Essas explorações unicamente são movimentos que permitem uma aproximação com a

cultura e as pessoas do local. Na visão do repórter, essa exploração do desconhecido, de algo que se reconhece por meio do contato com os outros, permitiria contemplar um outro mundo, um local de descobertas.

Vim para Kumasi sem nenhum objetivo especial. Normalmente, acredita-se que ter uma meta é algo positivo, pois a pessoa pretende alguma coisa e se dirige para aquele sentido; mas isso também pode acabar colocando antolhos nas pessoas: elas não vêem nada mais que seu objetivo. No entanto, aquele algo mais pode vir a ser muito mais interessante e mais importante. Penetrar num outro mundo é adentrar num mistério - e este pode conter muitos labirintos e nichos, muitos enigmas e surpresas (KAPUSCINSKI, 2002, p. 31).

As tecnologias de comunicação utilizadas por Kapuscinski no início dos anos 1960 na África parecem se resumir aos teletipos instalados em poucos postos de correio. As informações que o repórter redigia no continente africano eram enviadas para Londres e de lá para a sede da agência de notícias na cidade de Varsóvia. De acordo com o repórter, esse modelo de envio de informações era o mais barato, o que parece indicar que mesmo com a liberdade em circular por onde quisesse, o jornalista atuava com limites quanto às despesas para o exercício da atividade. Entre as passagens que demonstram a escassez de recursos básicos na cobertura do correspondente, em uma das crises causadas pela malária e tuberculose contraídas por Kapuscinski no continente africano, o repórter passa dificuldades durante o tratamento das moléstias em razão das limitações financeiras da empresa em que trabalhava.

Disse-lhe [ao médico] que a estada na África era a chance da minha vida. Algo assim acontecia pela primeira vez, nunca antes havíamos tido um correspondente fixo na África negra, e aquilo fora obtido graças a um esforço enorme da redação, que, no entanto, era uma redação muito pobre, pois se tratava de um país onde cada dólar valia um tesouro. **Se eu informasse Varsóvia que estava doente eles não teriam como pagar meu tratamento e me mandariam voltar e, provavelmente, eu nunca mais voltaria para cá** (KAPUSCINSKI, 2002, p. 77, grifo nosso).

#### 3.4.4 As práticas de um repórter internacional na África

O repórter descreve sua passagem pela agência de notícias que permitiu muitas de suas coberturas na Ásia, África e América Latina. Segundo Kapuscinski (2007a, p. 49), o trabalho de correspondentes em agências de notícias é o mais difícil e desgastante de todos, chegando a definir como “o pior trabalho do jornalismo, sendo destinada aos escravos”. Essas dificuldades, segundo o autor, se

ampliam quando as agências têm pouco dinheiro para permitir que seus repórteres desenvolvam grandes reportagens, e mesmo quando as dificuldades não estão nas questões financeiras, elas impõem um estilo de narrativa de texto aos repórteres das agências. Mas as limitações de texto impostas a Kapuscinski permitiram ao repórter desenvolver o texto descritivo e narrativo em livros, em que poderia detalhar essas passagens.

Às agências de notícias são enviadas notícias curtas, em razão dos custos, tempo e concorrência. **Era um jornalismo muito pobre e formal de não mais de 800 palavras.** E eu, vivendo na África e na Ásia, com essa realidade tão rica, tão colorida, tão diferente a europeia. Tinha que escrever sobre isso e não cabia no espaço padrão das agências de notícias, então **me fechava em meu quarto para elaborar notas que logo se convertiam em livros, enquanto meus colegas iam ao bar tomar uísque.** Essa foi uma satisfação pessoal frente ao jornalismo atual (KAPUSCINSKI, 2007a, p. 49, tradução nossa, grifo nosso).

A manada midiática, como Kapuscinski denomina a legião de repórteres que percorrem o globo terrestre em busca de informações, já parece ser um fenômeno de grande ocorrência na década de 1960. Em uma passagem, após identificar movimentos militares em determinada região da África e recorrer aos serviços de informação de uma sucursal africana da agência de notícias Agence France-Presse, rapidamente o local foi tomado por uma dezena de correspondentes de diferentes nacionalidades com o mesmo objetivo de Kapuscinski: chegar ao local dos eventos da forma mais rápida possível, independentemente dos meios necessários. “Nesse meio tempo, todos os jornalistas remanescentes fixados em Nairóbi tinham ido a casa de Félix Naggar<sup>21</sup> Éramos quarenta. Americanos, ingleses, alemães, russos, italianos. Todos decidiram pegar o mesmo vôo”. (KAPUSCINKSI, 2002, p. 86).

Além da relação entre jornalistas que cobrem o mesmo conflito, Kapuscinski revela métodos utilizados para aproximação com as fontes e como a imprensa local tem participação fundamental, com valor superior às fontes primárias, em suas práticas de apropriação de conhecimento para a constituição dos discursos do jornalista.

<sup>21</sup> Chefe do escritório da agência France-Presse na África oriental. A descrição de Kapuscinski sobre esse editor da agência francesa permite compreender como se processa essa profissão em um local como a África. Felix era uma instituição. Sabia de tudo. Sua rede de informantes se estendia de Moçambique ao Sudão, do Congo a Madagascar. Ele mesmo saía pouco de casa. Ou estava supervisionando seus cozinheiros – tinha a melhor cozinha da África -, ou sentado no saguão, em frente à lareira, lendo romances policiais. De vez em quando o telefone tocava. Naggar levantava o fone, escrevia algo num pedaço de papel e ia para os fundos da casa, onde, sentados diante de vários aparelhos de telex, ficavam seus auxiliares. Ditava-lhes o texto da notícia na íntegra, de uma só vez e sem correções, e voltava para a cozinha. (KAPUSCINKSI, 2002, p. 86)

Logo de manhã, **comprei o jornal Ashanti Pioneer e fui procurar a redação. A experiência nos ensina que se podem descobrir mais coisas numa redação dessas do que visitando instituições e pessoas notáveis durante uma semana.** [...] Fui recebido de forma efusiva por um homem simpático e corpulento. “Eu também sou repórter”, me disse logo de saída Kwesi Amu” (KAPUSCINSKY, 2002, p. 36, grifo nosso).

Assim como veremos nos relatos do correspondente português Carlos Fino, o poder econômico dos veículos em que os correspondentes internacionais trabalham determina as práticas desses jornalistas. De acordo com Kapuscinski, enquanto colegas de grandes agências como a *Associated Press* e *Reuters* planejavam diferentes formas de se aproximar dos fatos, independentemente do valor que precisaria ser pago, jornalistas como ele, com pouco ou nenhum dinheiro para pagar os serviços de transporte, que costumam inflacionar seus valores em razão da demanda da imprensa internacional, poderiam contar apenas com a sorte para chegar aos locais dos acontecimentos.

Em ocasiões como essas, golpes, revoluções e guerras, **as grandes agências não se preocupam com custos. Pagam o que for necessário para obter informações em primeira mão.** Um correspondente (de grandes agências) aluga um avião, um navio, compra um carro de que vai precisar apenas por algumas horas, **tudo para chegar ao local dos acontecimentos** (KAPUSCINSKI, 2002, p. 87, grifo nosso).

As relações que um correspondente internacional precisa criar para conseguir transitar em locais como a África envolvem não somente a aproximação com autoridades e pessoas nativas do lugar, mas com pessoas que estão às margens de governos, leis ou códigos de conduta. Segundo Kapuscinski, (2002, p. 88) esses “fugitivos, refugiados, espiões de toda a parte do mundo” frequentam bares de hotéis e que transformam seus encontros em centros de comando, um local frequentado pelos correspondentes que visitam esses locais regularmente em busca de notícias.

Além de buscar notícias, locais como os descritos pelo repórter são também o refúgio de pessoas que se configuram em fontes importantes de informações, utilizadas pelos repórteres na confirmação de suas pistas, e, muitas vezes, abrindo portas para o andamento dos trabalhos de investigação. Mas apenas com o recolhimento e conformação de informações não se completa o trabalho de um correspondente, sendo necessário o relacionamento com pessoas influentes e que permitam o trânsito dos profissionais nos locais dos acontecimentos.

Além de haver certa proximidade com determinados contatos, parecem existir

compromissos de honra e pré-conhecimento do trabalho entre as fontes e os correspondentes. Em um dos casos narrados pelo repórter polonês, após conseguir confirmar o nome da liderança de um golpe de Estado em um país da África, Kapuscinski telefona diretamente para uma fonte confiável e influente da política local e negocia sua ida, garantindo o conteúdo das informações que seriam produzidas no local.

Quando a ligação foi completada, peguei o fone no gancho e perguntei se poderia falar com Karume. [...] Reconheci sua voz rouca e trovejante. 'Abeid', falei, 'temos um pequeno avião e somos três: um francês, um americano e eu. Gostaríamos de voar até vocês. Podemos ir? **Não vamos escrever bobagens, prometo. Juro – nenhuma mentira.** Será que você poderia garantir que não atirarão em nós quando pousarmos aí?'[...] Por fim, disse que estava de acordo (KAPUSCINSKI, 2002, p. 90, grifo nosso).

Assim como precisam chegar rapidamente a um local, o deslocamento para a cobertura de outros acontecimentos ocorre de forma emergencial e é imposta pelos veículos, principalmente os que atuam para agências de notícias ou grandes empresas de comunicação. Dias após conseguir entrar no território em conflito, Kapuscinski e outros jornalistas, que até aquele momento também tinham conseguido entrar no país, tiveram notícias por meio de um correspondente de uma agência internacional que os movimentos políticos haviam mudado de lugar. No caso do jornalista da agência, a informação que chegava não era apenas sobre o ocorrido, mas novas ordens de deixar imediatamente o país em que estava e se deslocar para o local dos novos conflitos. "A redação da United Press International (UPI) exortava John [o correspondente da agência] a partir o mais rápido possível. [...] Ouvíamos essas notícias sensacionais rangendo os dentes de raiva. Impotentes. [...] Estávamos tão desesperados que agarraríamos qualquer oportunidade" (KAPUSCINSKI, 2002, p. 107).

#### 3.4.5 Padrões e pressões impostas aos correspondentes

As pressões e os controles realizados pelos superiores aos jornalistas, principalmente entre os que atuam como correspondentes, são destacados por Kapuscinski. De acordo com o repórter, existe um jogo de forças que luta entre as decisões pessoais dos correspondentes e as que são impostas pelas empresas em que trabalham. Essas forças dizem respeito desde aos riscos que os jornalistas

enfrentam em suas práticas como nas questões que determinam a sua forma de atuação no jornalismo. A intensidade dessas forças se determinaria também pelas diferenças entre jovens e repórteres mais experientes.

O jornalista de hoje está entre duas forças, a que lhe adverte sobre os cuidados, sobre as responsabilidades e as forças dos chefes que pressionam para que os jornalistas sejam determinados. Se não, lhes punem. Isso é normal em toda a imprensa. Já não existem regras fixas e tudo depende da situação. **Não podemos esquecer que a situação de um jornalista mais jovem, que está começando, é frágil frente a um jornalista com mais experiência e com uma posição que se possa permitir maior liberdade de opinião e de comportamento.** O importante em todos os casos é não apenas a responsabilidade social, mas sim cidadã (KAPUSCINSKI, 2002a, p. 50, tradução nossa, grifo nosso).

A responsabilidade cidadã a qual o repórter se refere parece fazer relação com um dos seus mais destacados princípios na realização de suas incursões pelos lugares e pessoas que escreveu a respeito. Para Kapuscinski, a atuação do jornalista não deve ser compreendida simplesmente como um trabalho, mas como um modo de viver e de pensar. De acordo com os relatos do correspondente, entre suas principais práticas de aproximação com pessoas do local, está o tratamento e respeito com os outros, já que, segundo o próprio Kapuscinski, o repórter desempenha uma atividade que depende absolutamente da ajuda e da vontade de outras pessoas para conseguir atender seus objetivos de trabalho. **“Às vezes estamos em um lugar durante 15 minutos ou meia hora e dentro desse tempo se decide toda a nossa carreira, porque nesses minutos algum chofer pode nos levar a um local de combate ou se negar”** (KAPUSCINSKI, 2007a, p. 45, tradução nossa, grifo nosso).

### **3.5. Thomas Friedman - De Beirute a Jerusalém (1979 a 1989)**

#### **3.5.1 Nos dois lados de uma mesma guerra**

A obra de Thomas Friedman, *De Beirute a Jerusalém*, apresenta o relato de um observador das tensões ocorridas no Oriente Médio entre 1979 e 1989. Como correspondente de uma agência de notícias, e posteriormente para o jornal *The New York Times*, o repórter realizou as coberturas da guerra civil libanesa e os movimentos de ocupação em terras palestinas pelo exército de Israel. Em seus relatos, é notável o grande conhecimento histórico sobre a região a partir de uma

narrativa focada na contextualização política da época. Como já mencionado no capítulo 2 e que aborda os estudos que tratam sobre o repórter do jornalismo internacional, a obra de Friedman é de grande reconhecimento e importância não só como obra literária que trata do conflito árabe-israelense, mas também como um documento de consulta a outros correspondentes internacionais.

Uma viagem familiar com destino a Israel em 1968 foi o ponto de partida para a carreira do jornalista especializado em Oriente Médio. Uma mistura de fascínio cultural e interesse pelos conflitos que se conflagravam no local nos últimos 500 anos induziram o autor, como ele mesmo relata, a “ler tudo o que caía às mãos sobre Israel” (FRIEDMAN, 1991, p. 16). O interesse em estudar o local o aproximou da Agência Judaica de Propaganda, órgão em que Friedman logo se tornaria colaborador, organizando exposições e eventos que foram o aproximando cada vez mais do Oriente Médio, mas principalmente dos movimentos políticos realizados pelo Estado israelense. Sua primeira participação no jornalismo se dá a partir de um texto que relatava a palestra de um “obscuro general israelense que desempenhara importante papel na guerra de 1967. Seu nome era Ariel Sharon” (FRIEDMAN, 1991, p. 16).

A inquietação causada a partir de uma matéria em um jornal que tratava de maneira superficial questões políticas envolvendo os Estados Unidos e autoridades israelenses levou Friedman a escrever um artigo explicando o assunto. O material seria o primeiro de uma série e que levaria o jornalista a ser contratado pela agência de notícias *United Press International* (UPI) e que renderia a ele seu primeiro trabalho como correspondente no Oriente Médio em razão de um acidente com um repórter da mesma agência baseado em Beirute, capital do Líbano.

[...] de repente abriu uma vaga no escritório da UPI em Beirute. O correspondente número dois resolvera, após ter tido a orelha arrancada por uma bala disparada por um homem que estava assaltando uma joalheria, que o Líbano não era o lugar dele. A oferta do cargo foi acompanhada por palavras com o seguinte teor: “Bem, Tom, o cara estava lá antes, foi alvejado por pequeno estilhaço de bala, mas não ligue para isso. Achemos você perfeito para esse trabalho” (FRIEDMAN, 1991, p. 19).

Dois anos após chegar a Beirute como correspondente da agência UPI, Friedman aceitou uma proposta para ser correspondente do *The New York Times*.

### 3.5.2 Um novo olhar para acontecimentos cotidianos

Nesse cenário de violência e riscos constantes, o repórter precisou se adaptar para conseguir encarar as rotinas da reportagem. Assim como os moradores do local, que precisavam encarar uma guerra civil, Friedman adotou “bloqueios” aos acontecimentos “comuns” a sua volta, sobre os quais não exercia controle algum, como atentados, por exemplo, evitando por “sofrer de sobrecarga do sistema”, como diz o próprio jornalista.

Eu estava datilografando uma reportagem no escritório da Reuters quando o crepitar do fogo de metralhadora irrompeu no parque. [...] Outro repórter americano que estava presente precipitou-se para a janela a fim de ver o que estava ocorrendo. [...] Por fim, ele [...] correu em minha direção e falou [...] Você viu? **Eu me limitei a levantar os olhos da máquina de escrever e encarar o companheiro e perguntar: Estava atirando em você? Então, por favor, me deixe em paz, sim?** (FRIEDMAN, 1991, p. 49, grifo nosso).

Friedman conta que essa prática de não se abalar com coisas do cotidiano da cidade acabou por transformar o seu olhar. Segundo o repórter, depois de cobrir mais de uma dezena de explosões de carros-bomba, ele estava treinado para deixar de ver seus aspectos horripilantes:

Parei de reparar os pedestres estupefatos, sangue escorrendo pela face [...] carcaças carbonizadas e fumegantes [...] **percebi que estava focalizando inteiramente as incongruências:** deliciosos frangos assados espalhados pela calçada, cheiro de álcool de uma prateleira cheia de garrafas de Johnnie Walquer quebradas (FRIEDMAN, 1991, p. 50).

Além do controle de suas reações para se adaptar ao local, Friedman aponta que, após um incidente envolvendo um guarda local, compreendeu a primeira regra para fazer jornalismo em Beirute: “Se você não suporta brincadeira, não deveria ter vindo.” Ainda segundo o jornalista, “para não enlouquecer [...] um repórter nunca deve perder o senso de humor numa cidade como Beirute. Até nos períodos mais sombrios, ou talvez por causa deles, esse povo jamais deixou de rir” (FRIEDMAN, 1991, p. 60).

### 3.5.3 Auxiliares, “ajeitadores” e hotéis para correspondentes

Em um local com tamanha dificuldade para se trabalhar, é necessário que os



correspondentes estrangeiros tenham apoio de pessoas nativas do local com facilidade de acessar as pessoas e serviços nem sempre disponíveis diretamente aos jornalistas internacionais. No caso de Friedman, Mohammed Kasrawi, motorista do escritório do *The New York Times* em Beirute “fazia de tudo: desde escalar postes telefônicos para consertar nossas linhas quando eram danificadas num combate de rua até negociar com o proprietário do edifício vizinho que ameaçava cortar o cabo do nosso telex” (FRIEDMAN, 1991, p. 70).

Mas quando nem os assessores diretos dos jornalistas conseguiam ter acesso às informações, pessoas ou serviços especiais, entravam em campo os chamados “ajeitadores”, libaneses responsáveis em resolver qualquer necessidade da imprensa internacional. Por vezes, os ajeitadores tinham mais do que papel de simples prestadores de serviços e chegavam a atuar na produção das notícias em substituição aos próprios correspondentes. Alguns desses jornalistas locais pareciam ter fama e reconhecimento entre os correspondentes internacionais.

Se existisse uma galeria dos quebradores de galhos mais famosos, Abdul Wadud Hajjaj ocuparia o pedestal central. Na minha época ele era o “ajeitador” tanto para a Newsweek como para a UPI Television News, e era o operador mais encantador e adorável que conheci. [...] Em troca de seus serviços, tudo o que pedia a seus amigos era lealdade e uma reportagem ocasional. **Detestava escrever, e quando o correspondente da Newsweek se encontrava fora da cidade e lhe pediam para fazer reportagem, nós da UPI, entrávamos no circuito e elaborávamos uma história para a revista, em nome de Abdul** (FRIEDMAN, 1991, p. 71, grifo nosso).

Segundo o repórter, a localização de bons ajeitadores se dava ao natural, já que os hotéis eram os pontos de encontro e das ofertas de serviços. Para Friedman (1991, p. 72) “toda guerra tem seu hotel, e as libanesas adotaram o Comodore, [...] lar de todo bom quebrador de galhos em Beirute – sem mencionar todos os repórteres competentes e motoristas de táxi corruptos”. O Comodore Hotel era também o local onde maior parte do corpo da imprensa estrangeira estava alojada em Beirute. Do ponto de vista do autor, um hotel torna-se centro de imprensa não somente pela oferta de boa comida ou quartos confortáveis, mas que permitam aos repórteres fácil acesso aos meios de comunicação. No caso da cobertura realizada por Friedman no final dos anos 1970, elas se resumiam ao telefone e ao telex, também oferecidos no Comodore Hotel<sup>22</sup>.

<sup>22</sup> Segundo Friedman (1991, p. 36), por vezes seus textos eram enviados aos editores por meio de telex, se utilizando das tecnologias da agência britânica de notícias Reuters.

Por que um jornalista não se hospedaria no Comodore? [...] **Compreendi que há apenas uma coisa que eles [jornalistas] apreciam mais do que luxo: equipamento de comunicação em funcionamento, para registrar suas reportagens ou enviar seus informes televisivos.** [...] Pagando volumosos serviços, Yousef [administrador do hotel] conseguia manter um telex internacional e linhas de telefone funcionando, independentemente da gravidade que os combates assumissem (FRIEDMAN, 1991, p. 74, grifo nosso).

Friedman (1991, p. 74), aponta ainda que o hotel permitia aos jornalistas que não quisessem se arriscar na frente de batalha, ou que “no caso de estar cansado de visitar o fronte de combate, era só acomodar-se no saguão do hotel e esperar que o fronte chegasse até ali”, uma possível referência do jornalista em apontar que a cobertura da guerra poderia ser feita por meio das informações que chegavam ao hotel e que posteriormente eram editadas por cada um dos jornalistas. Mas quando as linhas de telex e telefone do Comodore não eram suficientes para as matérias dos repórteres e era necessário visitar a frente de combate, Friedman aponta prática interessante utilizada pelos correspondentes em um local com inúmeras frentes de liderança e interesses incomuns.

[...] era sempre aconselhável, e frequentemente necessário, obter credenciais de imprensa da milícia em cujo lado se assistiria à ação. Todas [facções] forneciam suas próprias credenciais. [...] Já que jornalistas se locomoviam frequentemente entre diversos fronts durante uma mesma jornada, alguns carregavam seus papéis de identidade das milícias “esquerdistas” em seus bolsos esquerdos, e os da “direitistas” nos bolsos direitos, a fim de não misturá-los e apresentar credenciais falangistas num controle da OLP, por exemplo, o que seria considerado, no mínimo, como falta de educação (FRIEDMAN, 1991, p. 62).

#### 3.5.4 Quem entrevistar em um local sem fontes oficiais?

As facilidades oferecidas pela cobertura direta do hotel Comodore parecem se ampliar com a falta de instituições oficiais que permitissem aos repórteres confirmar dados e informações em geral para as suas reportagens. Segundo Friedman (1991, p. 59), “era uma cidade sem fontes oficiais”. O repórter cita também as palavras do correspondente Bill Farrel, de que “Não há verdade em Beirute, somente versões”. “Era necessário, ao repórter, aprender a extrair um pouco de raio de luz vermelha daqui, um pouco de azul dali, e então, **traduzir em forma de reportagem o retrato que julgasse mais próximo da realidade**” (FRIEDMAN, 1991, p. 60, grifo nosso). Mas se não havia uma fonte oficial do Estado, as milícias mantinham verdadeiras operações de relações públicas, que disponibilizavam porta-vozes e alguns

assistentes, “verdadeira salvação dos jornalistas em Beirute”.

[...] Para obter entrevista com o chefe, era necessário manter boas relações com o porta-voz. [...] Naturalmente, nenhum repórter que se autorrespeitasse se limitava a aceitar a versão dos porta-vozes como verdades divinas [...] Era apenas uma entre as muitas fontes (não oficiais) existentes (FRIEDMAN, p. 75, 1991).

Mais do que organizadas, as fontes milicianas compreendiam muito bem o papel dos repórteres internacionais para a difusão de notícias para o mundo e faziam questão de colocar seus líderes em evidência. Friedman descreve um caso envolvendo a maior milícia muçulmana de Beirute ocidental e como ele precisou atuar quando os serviços de relações públicas “solicitaram” uma cobertura de um dos líderes libaneses em visita a um país da Europa.

[...] uma bonita jovem trabalhava como relações públicas [...] me procurou com a seguinte afirmação: “Evidentemente, a sua filial em Roma **deve cobrir** a próxima visita do Sr. [...] à Itália.” Assim que ela se retirou, enviei mensagem ao escritório de Roma, pedindo-lhes para escreverem uma história tola sobre as andanças [do líder miliciano] na cidade, a não ser que quisessem me obrigar a conviver com os peixes no Mediterrâneo. Com efeito, a visita aconteceu, e **o escritório local elaborou uma matéria, só que, em vez de enviá-la por um telex de notícias gerais lido por todos os jornais, mandaram-na num canal de mensagens secundárias, lidas apenas por nossa filial, já que não havia maneira de misturar tal bobagem com noticiário verdadeiro.** Os agentes [...] fotocopiaram para ser distribuída a todos os jornais de Beirute ocidental, fazendo, para sua publicação [nos jornais libaneses], ofertas impossíveis de serem recusadas. **Essa história tola apareceu em quase todos os jornais de Beirute.** Os [...] ficaram felizes e livramos nossas caras (FRIEDMAN, 1991, p. 80, grifo nosso).

Friedman adverte em sua narrativa que qualquer jornalista que afirmasse não ter sido intimidado ou afetado pelo ambiente era louco ou mentiroso. Parafraseando um outro correspondente em Beirute, John Kifner, “os repórteres carregavam medo juntamente com seus cadernos de anotações e canetas” (KIFNER. In: FRIEDMAN, 1991, p. 78).

Movimentos que tinham por objetivo evitar problemas com as milícias e resguardar a segurança dos correspondentes eram comuns. Por vezes, os repórteres precisavam se utilizar de métodos que envolviam desde a omissão de seus nomes nas reportagens, a alteração do local desde onde a notícia era produzida e uma série de outras ações não sugeridas pela ética jornalística, mas que se tornavam necessárias para enviar matérias que tratavam de assuntos delicados e que pudessem custar a vida dos repórteres.

Segundo Friedman, textos eram publicados sem mencionar o nome do autor e, por vezes, a imprensa local era citada, erroneamente, como fonte, mesmo que as informações fossem inéditas para os jornalistas, contanto que evitasse problemas aos correspondentes estrangeiros.

Às vezes publicávamos textos sem mencionar o nome do autor, como no caso das denúncias de que os sírios estavam assassinando jornalistas. Outras vezes para esconder nosso paradeiro, editávamos matérias com o cabeçalho alterado para Nova Iorque ou Chipre. **Acontecia de citarmos estações de rádio da milícia local para temas delicados que sabíamos serem verídicos, mas que não desejávamos ser os primeiros a noticiar.** Ocorria com todas as notícias, o tempo inteiro? Não. Tratava-se de uma situação ideal? Não. Seria uma maneira de encobrir os fatos? Também não (FRIEDMAN, 1991, p. 81, grifo nosso).

Mas mesmo correndo risco, Friedman (1991, p. 83) adapta uma citação de Groucho Marx, “de que não quer se agregar a qualquer clube que o queria como membro” para definir as entrevistas as quais possui interesse em realizar. O repórter considera que apenas teria valor legítimo conversar com aqueles que não tivessem interesse em dialogar com o repórter: “minha versão é a de que qualquer protagonista do Oriente Médio que esteja pronto a falar comigo não vale a entrevista, não pode estar no centro dos acontecimentos. São os que não querem falar comigo que eu realmente desejo encontrar” (FRIEDMAN, 1991, p. 83).

### 3.5.5 O uso de material publicado na mídia

Thomas Friedman não cita em seu texto outras utilizações tão claras da imprensa local na prática de redação de suas matérias durante o período em que trabalhou como correspondente em Beirute. As citações aos veículos locais aparecerão mais frequentemente na sequência de sua cobertura, já em território israelense. Os motivos dessa pouca participação da imprensa libanesa podem estar relacionados aos controles dos veículos pelas milícias e, conseqüentemente, pela frágil credibilidade jornalística desses jornais.

Mas se a imprensa local não pode ser considerada pelo jornalista, inúmeras são as citações de entrevistas realizadas por veículos internacionalmente conhecidos, como as entrevistas de autoridades palestinas à revista masculina *Playboy*. Thomas Friedman conta nunca ter conseguido uma entrevista exclusiva com o líder máximo da causa palestina, Yasir Arafat. Contudo, seu livro contempla

detalhes sobre o líder da OLP, desde sua história até na descrição do temperamento e jeito de ser de Arafat. Todas elas retiradas de entrevistas da revista *Playboy*.

*Playboy*: “Seu rosto e seu turbante palestino podem ser reconhecidos instantaneamente. Um dia as pessoas poderão se esquecer do aspecto de Jimmy Carter ou até de Ronald Reagan, mas não de sua fisionomia”. Yasir Arafat: (Com largo sorriso:) “Obrigado. É uma boa idéia, não?” – Entrevista com Yasir Arafat na revista *Playboy* de setembro de 1988 (FRIEDMAN, 1991, p. 113).

“Fiquei muito desencorajado [...] quando todos nos tornamos refugiados”, ele (Y. Arafat) revelou numa entrevista publicada na *Playboy*, em setembro de 1988 (FRIEDMAN, 1991, p. 116.).

Além da utilização de informações obtidos por meio de outros veículos de imprensa para dar embasamento em suas declarações, é comum na escrita do repórter informações que chegaram a Friedman por meio de outros correspondentes. “Meu colega Bill Barrett, então correspondente do Oriente Médio pelo *Times Herald*, entrevistou Arafat [...] “Perguntei ao presidente se já ouvira falar do Álamo, ele recordava” (FRIEDMAN, 1991, p. 175). Ou, “Zeev Posner, operador de câmera da Cable News Network (CNN), contou-me um caso que testemunhara na aldeia de Halhul”<sup>23</sup> (FRIEDMAN, 1991, p. 386) ou “De acordo com um jornalista palestino que eu conhecia...” (FRIEDMAN, 1991, p. 372) e Jonathan Broder, meu colega, era repórter da *Associated Press* [...] contou-me (FRIEDMAN, 1991, p. 326), por exemplo.

Mas também por várias vezes Friedman aponta que suas apurações se basearam em entrevistas, como por exemplo no trecho “após ter entrevistado várias pessoas no local por cerca de uma hora, alguém mencionou que ouvira dizer que os fuzileiros...” (FRIEDMAN, 1991, p. 202). Já pelas entrevistas realizadas por Friedman com autoridades do exército israelense é possível compreender a forma de atuação dos correspondentes durante as coberturas, que por vezes levavam mais jornalistas do que soldados para o conflito.

“Eu dispunha de aproximadamente 15 homens, incluindo os que haviam vindo comigo, e devia haver pelo menos 25 jornalistas, fotógrafos e operadores de câmeras de vídeo. Inicialmente, ignorei os repórteres e ordenei aos meus soldados que corressem comigo para separarmos os manifestantes. Assim, comecei a correr, Tão logo de passei, porém encontrei-me cercado por fotógrafos pelo lado direito e operadores de câmeras pelo esquerdo. [...] Assim parei e propus aos jornalistas: 'olhem deixem-me agir primeiro, e prometo que voltarei e contarei tudo para vocês'. [...] Então um dos jornalistas – era americano – retrucou [...] Que coisa

<sup>23</sup> Sobre uma revolta de crianças palestinas contra generais israelenses.

louca. Era o comandante [...] e tinha que pedir licença para poder passar pelos jornalistas a fim de entrar em combate” (MITZNA. In: FRIEDMAN, 1991, p. 420).

Segundo Friedman, esta não foi a primeira vez que os jornalistas haviam sido mais numerosos do que os soldados israelenses durante confrontações, “já que Israel, em tempos de paz, abrigara um dos maiores contingentes da imprensa estrangeira do mundo, com cerca de 350 organizações de imprensa permanentemente credenciadas estacionadas em Jerusalém e Tel-Aviv” (FRIEDMAN, 1991, p.420).

### 3.5.6 A busca impossível pela neutralidade

Friedman, (1991, p. 69) conta que por mais que tentasse desempenhar objetivamente o papel de jornalista, era afetado quando lembrava da brutalidade do conflito, e que por ser judeu, obrigatoriamente ele fazia parte de uma dessas tribos. Entre as formas de confirmar sua imparcialidade com os fatos, o repórter relata os motivos que o levaram a escrever uma reportagem delicada e que resultou no afastamento de militares israelenses e apresentou as atrocidades que o exército praticava contra alvos palestinos.

Segundo Friedman, as ações realizadas nas cidades de Sabra e Shatila<sup>24</sup> foram “manchas sobre Israel e o povo judeu” e que resultaram em um artigo com uma reconstrução quase cronometrada de um massacre, publicada em quatro páginas inteiras do *The New York Times*, em 26 de setembro de 1982, e que valeram a Friedman o prêmio *Pulitzer* para reportagem internacional. O repórter afirma ainda que, diferentemente do que se costuma associar ao jornalismo à neutralidade, foram as emoções subjetivas que o tornaram um jornalista melhor.

**Fervi de raiva – indignação que extravasei ao cobrir, com toda a habilidade de que eu era capaz, o que ocorrera exatamente naqueles campos.** Trabalhei dia e noite sobre esse assunto, mal conseguindo dormir entre as sessões de datilografia. Era guiado, agora percebo, por dois impulsos conflitantes: uma parte de mim queria crucificar Begin e Sharon (generais israelenses) – provando sem dúvida que o exército deles fora envolvido no massacre. [...] **a despeito do fato de um jornalista “objetivo” não poder se entregar a tais emoções, a verdade é que elas me tornaram um repórter melhor** (FRIEDMAN, 1991, p. 167, grifo nosso).

<sup>24</sup> Massacre realizado pelas forças armadas de Israel em territórios palestinos. Disponível em <[http://pt.wikipedia.org/wiki/Massacre\\_de\\_Sabra\\_e\\_Chatila](http://pt.wikipedia.org/wiki/Massacre_de_Sabra_e_Chatila)>. Acesso em: 28 dez. 2011.

O correspondente aponta que acessos provocados por emoções durante suas coberturas não eram tão raros de acontecer. Friedman relata que por várias vezes seus esgotamentos de paciência interferiram na realização de entrevistas e na relação com seus editores. Assim como membro de uma das “tribos” envolvidas no combate, Friedman aponta a própria decepção durante entrevistas com autoridades envolvidas em atrocidades de guerra, atitudes que o afastavam do ideal construído pelo repórter à causa israelense.

Dei um soco na mesa [...], entretanto, o que eu realmente queria dizer, de modo muito egoísta, era: como puderam fazer isso comigo? Sempre pensei que fôssemos diferentes. O que digo para mim mesmo? Voltei ao Comodore Hotel e **telefonei ao editor estrangeiro do Time. – “O cara não apresentou respostas. Realmente, não quero mais mexer com essa merda. Deixe outra pessoa escrever a reportagem.”** – “Vamos”. Ele respondeu suavemente -, “Você esteve lá. Terá que escrever.” Evidentemente, eu tinha que publicá-la, e sabia disso. Então, **na manhã seguinte, enterrei Amir Drori [militar israelense] na primeira página do The New York Times; e junto com ele todas as ilusões que eu alimentara um dia sobre o Estado judeu** (FRIEDMAN, 1991, p. 168, grifo nosso).

Se o trabalho de Friedman continha um sabor de vingança em relação às ações que ele abominava, por outro lado elas tinham um resultado negativo por parte de leitores do jornal ao qual enviava as matérias. Segundo o jornalista, ele era

[...] o homem mais odiado em Nova Iorque. [...] Enquanto chefe do escritório do Times em Beirute, ajudara a informar os judeus de Nova Iorque sobre o comportamento não exatamente heróico do exército israelense no Líbano, o massacre de Sabra e Shatila e várias outras histórias perturbadoras (FRIEDMAN, 1991, p 471).

Após cinco anos cobrindo a guerra civil libanesa da capital Beirute, Friedman entende que era hora de partir. Entre os critérios que o decidiram por deixar seu antigo posto de cobertura, estava a redução do interesse da mídia na guerra do Líbano.

[...] uma coisa era sofrer e ser notícia de primeira página do The New York Times; outra, distinta, era sofrer e ocupar um espaço de dois parágrafos na página 28C, ao lado de uma notícia sobre a queda de um ônibus de uma ponte de Calcutá. [...] **Há somente uma coisa pior que ser bombardeado: é sofrer um bombardeio, ligar a BBC na manhã seguinte e não ouvir notícia a respeito** (FRIEDMAN, 1991, p. 226, grifo nosso).

O relato de Friedman sobre os motivos que o impediram de publicar sua última matéria em solo libanês resumem a dependência que o jornalista internacional possui das tecnologias de comunicação e a angústia que deve tomar conta de um

repórter internacional na impossibilidade de transmitir informações inéditas. Como conta o repórter, elas nunca chegaram a ser publicadas e se transformaram em memórias exclusivas daqueles que a viveram. Um conteúdo que acabou não preenchendo nem as páginas do livro que Friedman escreveria depois sobre sua jornada em solo libanês. Sua despedida foi marcada por um dia de combates intensos, resultando na paralisação de todas as linhas de comunicação entre Beirute ocidental e o resto do mundo, até mesmo as comunicações seguras e confiáveis do hotel Comodore.

Ali estava eu, de posse do capítulo final [...] sem meios de enviá-lo para Nova Iorque. [...] Os operadores de telex da Reuters transpuseram toda a minha reportagem para a fita telex, e passei a noite toda acordado ao lado do terminal de telex do Comodore, na expectativa de o aparelho voltar à vida e eu poder transmitir minha história para o Times. Entretanto, tal fato não ocorreu. **The New York Times utilizou uma reportagem da Associated Press que havia sido enviada no mesmo dia mais cedo, antes da interrupção das comunicações.** Fiquei com um souvenir: minha despedida da OLP [...] que ninguém jamais lerá. Ainda guardo esta matéria numa caixa de sapatos, mas, **o que é mais importante, guardei o momento, que sempre guardarei com mais carinho do que o recorte de jornal amarelado** ( FRIEDMAN, 1991, p. 245, grifo nosso).

### 3.5.7 A cobertura do outro lado da guerra

Já transferido para o lado israelense, as rotinas de Friedman parecem mudar completamente. Se antes havia falta de autoridades legítimas a esclarecer fatos, como narrou Friedman durante a cobertura em Beirute, agora em Jerusalém sua posição se invertia em questões de acesso, mas também aumentavam os controles exercidos não só pelos militares, mas pela população.

Por ser correspondente do New York Times, eu era tanto beneficiário quanto vítima da obsessão israelense com a mídia americana. [...] O aspecto positivo era que todas as autoridades israelenses atendiam a meus telefonemas [...] já o lado negativo era que as pessoas liam tudo que eu escrevia com o rigor de revisores que estivessem examinando rolos de pergaminho à procura de erros (FRIEDMAN, 1991, p. 434).

Se em Beirute os serviços de atendimento à imprensa se resumiam em assessores que quase obrigavam os jornalistas internacionais a escreverem sobre seus assessorados, os serviços especializados de atendimento à imprensa em Jerusalém garantiam aos correspondentes informações a respeito de todas as notícias, positivas e negativas sobre o governo. “Traduções diárias para o inglês, dos principais artigos e editoriais de toda a imprensa israelense, eram distribuídas



diretamente para terminais de computador utilizados pelos correspondentes” (FRIEDMAN, 1991, p.435).

É notável que a partir do início dos relatos da cobertura desde Jerusalém, Friedman se utiliza muito de comentários que tem por origem a mídia local. São inúmeras frases e inícios de parágrafo com citações do tipo “Jerusalém Post noticiou...” (FRIEDMAN, 1991, p. 267) ou então “O Jerusalem Post, no dia seguinte, 26 de maio, noticiava que um “inventor de meia idade autoditada ofereceu ontem ao Exército três de suas patentes: um raio cósmico.” (FRIEDMAN, 1991, p. 276) ou então “Um dia eu li um artigo no jornal Davar sobre como um israelense de 17 anos de idade se preparava para servir o Exército” (FRIEDMAN, 1991, p. 277). A importância de citar a imprensa local não está somente na citação do nome dos jornais, mas em diversos inícios de capítulo, abertos por trechos retirados de jornais locais israelenses.

De acordo com Friedman (1991, p. 293), uma de suas reportagens teve origem a partir de uma pequena notícia no *Jerusalem Post*. Ela relatava que um grupo de radicais locais resolveu eliminar todas as bancas do bairro que vendiam jornais israelenses pró-sionistas. Friedman achou esse caso perturbador, no que dizia respeito ao crescimento do poder dos elementos extremistas, baseando-se nela para escrever uma longa reportagem para o *Times* sobre a luta travada em Israel. “Pouco depois de ter redigido este artigo, recebi uma volumosa correspondência carregada de ódio.” (FRIEDMAN, 1991, p. 293). Por fim, Friedman apresenta algumas considerações a respeito de sua opinião sobre grande parte da cobertura jornalística realizada e a participação de editores, por vezes de maneira infeliz no tratamento do assunto do conflito entre palestinos e israelenses.

[...] Em outras palavras, o fato jornalístico era tão insignificante que merecera somente uma nota de dois parágrafos. [...] Por que será que este fato foi o único a ser fotografado e tratado como notícia de primeira página? Uma falta de proporção semelhante podia ser encontrada em alguns dos editoriais que versavam sobre o modo de Israel lidar com a insurreição palestina (FRIEDMAN, 1991, p.425).

e ainda

(...) meu colega Bill Barret, então correspondente do Dallas Times Herald, recebeu um telex de seu editor estrangeiro no Texas, perguntando: “Por que os palestinos não podem voltar à Palestina?” Há algum problema com seus documentos, ou algo parecido? - Eu fiquei um pouco surpreso – observou ele – que um editor estrangeiro não soubesse nada a este respeito, apesar de eu acreditar que sua ignorância simplesmente espelha a do povo americano. Alguns meses depois, o editor saiu do jornal, abandonou o jornalismo e se tornou corretor de imóveis. (FRIEDMAN, 1991, p. 440)

## 4 A REVOLUÇÃO DAS TECNOLOGIAS SOBRE AS PRÁTICAS

### 4.1 Marcelo Rech. Enviado especial. Passageiro da história (1989 a 1995)

#### 4.1.1 Determinantes para as práticas do enviado especial

A carreira do jornalista brasileiro Marcelo Rech foi construída ao longo de diversas etapas que constituem a profissão de repórter. Foi repórter de rádio, pauteiro, chefe de reportagem, repórter, repórter especial e enviado especial. Atualmente, ocupa um cargo executivo no principal jornal do estado do Rio Grande do Sul, Brasil, o Zero Hora (ZH). Em seu livro, *Enviado especial. Passageiro da história*, ele relata um conjunto de histórias e reportagens publicadas entre 1989 e 1995. As aberturas dos capítulos contam com os testemunhos do repórter sobre as coberturas, seguidos pela reprodução das matérias. Adotamos como procedimento dessa análise apenas os relatos de experiências e desconsideramos a reprodução das matérias. Rech resume o que diferencia o enviado especial de outros jornalistas:

O enviado especial é um tipo curioso de jornalista. Ele não domina nenhum assunto e domina todos ao mesmo tempo. Sem a condição do correspondente fixo, o enviado não tem ao seu lado o tempo necessário para criar fontes e assimilar progressivamente as vicissitudes de um território (RECH, 1997, p.11)

Ainda na sua abordagem sobre a constituição do jornalista, Rech descreve algumas características que considera necessárias para um enviado especial, e que algumas dessas características são obtidas por meio da percepção de problemas comuns das cidades em que os jornalistas estão.

Inerentes à vida de repórter, os buracos da rua servem como recarregador das baterias da percepção, da sensibilidade e da criatividade jornalísticas. Do ponto de vista da obtenção de material para reportagens, cobrir a Guerra dos Bálcãs é simples: para onde quer que se olhe, algo está acontecendo, um drama está se desenrolando, um tema está brotando do chão. Os repórteres não se revelam nas grandes coberturas: eles despontam nos assuntos supostamente mezinhas do dia-a-dia que, na ponta dos dedos de um jornalista puro-sangue, se transformam em textos irretocáveis e inesquecíveis. **Em todas as coberturas internacionais, por mais complexas, extensas e longínquas, sempre adotei a filosofia do repórter do buraco de rua que não se contenta em descrever a buraqueira, mas investiga a origem da cratera e alinha com os fatos do cotidiano – o descaso da manutenção, [...] (RECH, 1997, p. 12, grifo nosso).**

Rech (1997, p. 16). aponta como determinantes para as atividades do repórter internacional as equipes responsáveis pelo apoio nas coberturas. “O enviado especial é apenas a ponta-de-lança de um meio de comunicação, o escalão avançado de uma cobertura”. Contudo, conforme Rech, após sair da redação para a viagem e cobertura, caberá ao enviado especial decidir o momento certo, ou mais seguro, para entrar em um território. “Ninguém melhor do que o correspondente para avaliar globalmente uma situação. Ele também é pago para isso e, supostamente, está credenciado a fazê-lo” (RECH, 1997, p. 16).

Rech destaca também alguns critérios que determinam as decisões de um enviado especial, como a experiência, a informação, a intuição, ousadia e bom senso. Além disso, cabe ao enviado especial tomar algumas precauções, entre elas a de “driblar” as agências de notícias tanto na cobertura com em semelhanças de narrativas.

Ao contrário de repórteres de agências, o enviado não deve se ocupar da notícia crua, factual, destituída de emoção e travestida de isenção. **Sua primeira missão é colher uma visão exclusiva e, se possível, surpreendente para fornecer ao leitor uma informação única e singular.** Nos elementos essenciais de uma notícia (o que, quem, como, quando, onde e por que), seu **esforço deve ser concentrado no porque e no como.** Somente assim ele poderá mais do que relatar, **interpretar sinteticamente** um quadro que, quase sempre, é vasto, confuso e complexo (RECH, 1997, p. 18, grifo nosso).

#### 4.1.2 A primeira cobertura como enviado especial

Mesmo que no início do texto o jornalista conte que o enviado especial acaba sabendo um pouco de tudo, mas sem se especializar em um único assunto, Rech considera essencial no planejamento de uma cobertura jornalística no exterior o domínio sobre aquilo que se pretende apurar. Ele conta que em sua primeira reportagem como enviado especial, realizada na Antártica, sua preparação contou com leituras de tudo o que o Brasil já havia produzido sobre o polo Sul da Terra. A ida do jornalista brasileiro para a Antártica inaugurou também o início do sistema de comunicação via satélite no país. Conta Rech que mesmo em solenidade de inauguração, os custos para transmissão acabaram determinando uma reduzida e controlada quantidade dos envios de textos e fotos por meio na nova tecnologia.

Cada minuto de comunicação custava US\$ 2, uma fortuna na época. O sinal saía do navio para o satélite, era captado por uma estação rastreadora na Noruega e voltada para o Brasil. [...] Mas o custo quase abortou a cobertura. Uma semana depois da partida, ainda longe da Antártica, recebemos a bordo a ordem de só transmitir de três em três dias o essencial – a conta, especialmente das demoradas telefotos, estava estourando o orçamento da EBN (RECH, 1997, p. 24).

Na viagem à Antártica, Rech foi acompanhado de militares responsáveis por pesquisas no local. O repórter revela que a convivência com os oficiais do exército foi tranquila, com exceção de algumas inconveniências causadas por questionamentos dos militares: “E aí, quando vais me colocar numa reportagem? Perguntava alguém de vez em quando’. São os tipos loucos por aparecer, sobretudo quando se está numa missão que pode impulsionar ou fazer naufragar uma carreira” (RECH, 1997, p. 25). O repórter conta também como era rotina da cobertura em um lugar como a Antártica e revela que já havia uma angulação determinada para produção das matérias que atendessem veículos impressos, o rádio e a TV.

Um dia padrão relatava, por exemplo, o misto de euforia e apreensão do primeiro encontro com um iceberg e apresentava o perfil da mais jovem cientista a bordo. **Com essa angulação, era possível abastecer com noticiários rádios e TVs e atender aos jornais brasileiros com matérias um pouco mais profundas e interessantes.** Como costuma ocorrer com enviados especiais, trabalhava em voo cego: não tinha a menor ideia da repercussão da cobertura no Brasil e nem qualquer retorno sobre a qualidade do material (RECH, 1997, p. 25, grifo nosso).

A oportunidade de conhecer um lugar em que pouquíssimas pessoas tivessem visitado, aliada à sensação de risco em um local inóspito como a Antártica levava repórteres a certos exageros em suas coberturas. Rech reconhecia esse fenômeno nas práticas de alguns colegas jornalistas, principalmente aqueles que trabalhavam na produção de imagens para a televisão. Segundo o repórter, o objetivo desses jornalistas era esquentar matérias que abordavam um imenso perigo na exploração do local, algo que Rech identificava como improvável a partir do comportamento de turistas comuns que visitavam o local.

Embora na primeira expedição houvesse o caráter de pioneirismo, percebi num amanhecer como o continente já havia sido dominado. [...] divisei em meio à neblina, pencas de botes infláveis, maiores e mais velozes que o Barão de Teffé, lotados de entusiasmados velinhos e velinhas milionários, zunirem para a terra partindo de um transatlântico que chegara de madrugada à mesma enseada. Era algo assim como Pero Vaz de Caminha descobrir que, depois da primeira missa no Brasil, o cacique só vai falar se for numa entrevista coletiva (RECH, 1997, p. 28).

#### 4.1.3 Agilidade do repórter X serviços de comunicação

Em fevereiro de 1989, na véspera do carnaval, Rech foi enviado de emergência ao Paraguai para cobrir o fim das três décadas de ditadura do general Alfredo Stroessner. Como já mencionado, entrar em território conflagrado exige uma série de cuidados. Esses detalhes consomem tempo e Rech contou com uma equipe responsável por providenciar vistos, marcar passagens e acertar diárias para que ele estivesse o mais rápido possível em direção ao país vizinho. Segundo o repórter, não houve muito tempo para preparações, além de separar algumas roupas e uma consulta ao banco de dados do jornal, recurso utilizado em um período sem internet.

A bordo, levava uma sacola com roupas, uma máquina de escrever portátil e todo o material sobre o Paraguai que havia conseguido recolher do Banco de Dados de ZH horas antes. **Não era muita coisa, mas bastava para que, durante o voo, tivesse uma ideia de por onde deveria começar a trabalhar** (RECH, 1997, p. 54, grifo nosso).

Assim que desembarcou do avião, o repórter conta que pediu a um taxista que o levasse para a residência de Domingos Laíno, o principal líder da oposição paraguaia. Quando chegou ao local, invadiu os jardins, e angustiado pelo horário de fechamento do jornal, afinal ele deveria encaminhar alguma informação sobre o ocorrido, perguntou à primeira pessoa que encontrou pela frente quem era Domingos Laíno. Apresentado ao opositor de Stroessner, Rech revela que a conversa entre os dois não demorou mais de cinco minutos. Mesmo assim, as informações foram suficientes para redigir uma matéria com “um quadro razoável do ambiente em Assunção na noite do golpe”, conforme relata Rech, Contudo, mesmo com toda a rapidez na área administrativa, agilidade do enviado em descobrir o que se passava no local e redação, a matéria ficou presa para o envio, em razão da ausência de meios para transmitir as informações. “Pedi uma ligação para o Brasil e aguardei. Nada. Insisti com a telefonista. Nada. Mais uma vez e exigi falar com o gerente. A justificativa era razoável. - Senhor, a telefônica foi bombardeada – desculpou-se” (RECH, 1997, p. 56).

Rech revela que, desde a cobertura no Paraguai, adaptou em sua rotina a prática de acordar cedo, em razão de que isso apresentava diferenciais no resultado do seu trabalho. Ele conta que, juntamente com o fotógrafo que o acompanhava, eram os primeiros jornalistas a visitar a casa de um casal de idosos que moravam ao

lado de um quartel. O repórter conta que uma explosão havia atingido o local e que conseguiu, antes de outros jornalistas, ouvir das moradoras do local suas histórias sobre o ocorrido. Uma informação que ajudaria a constituir o clima do golpe, que chegou a afetar a casa e a vida de civis, caso verificado pelo repórter, mas que não teve a mesma sorte de outros jornalistas.

Sem entender o que se passava, as duas tinham sido pegas no fogo cruzado entre um ditador e um golpista. Horas mais tarde, de volta ao local, constatamos que a casa estava trancada. **Diante do assédio de repórteres e curiosos, as irmãs tinham evaporado** (RECH, 1997, p. 57, grifo nosso).

Mas a grande dúvida na cobertura sobre o ex-ditador paraguaio era onde ele se refugiaria. Rech conta que uma série de boatos davam conta de que Stroessner já teria deixado o Paraguai; em outra ele estaria se preparando para entrar nos Estados Unidos ou na Suíça. Rech conta que pegou um táxi e durante a corrida uma informação mudou os rumos da cobertura.

“Que coincidência. O senhor é o segundo brasileiro que eu apanho hoje. Há pouco peguei dois senhores que falavam sobre a ida de Stroessner para o Brasil. Deixei os dois na embaixada brasileira” – contou o motorista, para meu espanto: o Brasil não estava nas cogitações como destino de Stroessner. Mudei o rumo para a embaixada e arranquei a confirmação. Tinha uma bomba de repercussão mundial nas mãos e que em poucas horas iria explodir em comunicado oficial. Desesperado para divulgar a notícia, fiz uma ligação para a Rádio Gaúcha [...] e entrei no ar em edição extra. No jornal do dia seguinte, tratei de contar os bastidores do xadrez diplomático que levaria Stroessner para o desterro em solo brasileiro. **Entre as fontes paraguaias, tive uma colaboração inestimável: o proprietário do jornal ABC Color, Aldo Zucollilo. [...] Com seu jornal fechado pela ditadura, Zucollilo estava ansioso em poder narrar os bastidores do golpe que acompanhara pessoalmente** (RECH, 1997, p. 58, grifo nosso).

No relato acima, ficam evidentes uma série de probabilidades na cobertura, como a informação que chega de forma inesperada e a participação de outros agentes na construção da abordagem, no caso, a imprensa local.

#### 4.1.4 O monitoramento da mídia na redação pelas antenas parabólicas

Antes das TVs a cabo dominarem as redações, Rech conta que era pelas antenas parabólicas que os repórteres conseguiam acompanhar as televisões de alguns canais de países vizinhos. Por vezes, esses monitoramentos determinavam de imediato o deslocamento do jornalista. No caso relatado a seguir, destacamos um

trecho em que Rech conta sua cobertura na Argentina para acompanhar os conflitos entre militares rebelados e leais ao presidente daquele país. Mas dessa vez, a chegada atrasada ao local resultou em levantes controlados. Mesmo assim, Rech conta que para o enviado especial isso não deverá ser algum empecilho, desde que ele apure de forma planejada, em densidade e que permita contextualizar os fatos ocorridos.

A menos que já se esteja no epicentro do conflito, as chances de se ver obrigado a acompanhar o rescaldo de um confronto localizado são grandes. [...] Como consolo, engajei-me na apuração dos bastidores do levante, chefiado à distância pelo coronel Mohamed Ali Seineldín. No dia seguinte, além de vistoriar os focos da rebelião, **procurei recompor as informações esparsas quem, nestas ocasiões, acabam sendo transmitidas aos retalhos pelas agências de notícias. Boas histórias, aprende-se com o tempo, podem ser contadas até séculos depois, desde que haja densidade no levantamento de dados e visão histórica para contextualizar os acontecimentos** (RECH, 1997, p. 86, grifo nosso).

#### 4.1.5 Códigos em textos de correspondentes de guerra

Como enviado especial, Marcelo Rech acompanhou uma série de acontecimentos em razão de guerras e conflitos armados. O repórter conta que nesse tipo de cobertura havia um pouco mais de tempo para planejar a viagem, principalmente em razão da necessidade de obter documentos necessários para a circulação do repórter em territórios de risco. No caso da cobertura da Guerra do Golfo, em 1991, ele conta que teve 10 dias para se preparar, período gasto com a compra de livros sobre armamentos e leitura de material sobre o Oriente Médio. Rech conta que, além disso, providenciou duas cartas de apresentação:

**Uma de representantes da Organização para a Libertação da Palestina no Brasil e outra do consulado norte americano em Porto Alegre.** Com a carta da OLP, pretendia abrir as portas no conturbado e desconfiado mundo árabe. Com a carta do consulado dos EUA, ganhava um salvo-conduto em caso de evacuação de emergência – não importa em que parte do mundo ou a densidade do conflito, os norte americanos sempre dão um jeito de resgatar seus civis e alguns ungidos de outras nacionalidades. **Guardei-os em bolsos diferentes da jaqueta** (RECH, 1997, p. 100, grifo nosso).

O envio de jornalistas ao fronte de combate deve considerar o planejamento do veículo e do próprio enviado especial, como já apresentado nessa análise quando o repórter revela sobre a liberdade na tomada de decisões pelo próprio

repórter encarregado de realizar tal cobertura. Mesmo com os riscos, Marcelo Rech revela algumas situações internas entre editores e enviados. Rech conta, por exemplo, que um de seus editores desenvolveu na redação, em tom de brincadeira, graus que indicavam o estado de alerta dos correspondentes que eram enviados para realizar a cobertura de guerras. Segundo Rech, esse editor identificava o desespero de correspondentes em senhas camufladas nos textos enviados para a redação.

No primeiro estágio, desorientado em terra estranha, o repórter cita como fonte um motorista de táxi – provavelmente a primeira e, às vezes, a única pessoa com quem conseguiu falar. No segundo degrau, surge o relato de que começa a escassear comida nos hotéis. No terceiro – e inevitavelmente dramático – patamar, a matéria do correspondente trata exclusivamente dos riscos a que estão submetidos os jornalistas (RECH, 1997, p. 14).

#### 4.1.6 Coberturas realizadas à distância

Rech conta que na cobertura da guerra do golfo, houve a necessidade de se deslocar para países próximos ao Kuwait e Iraque, e de lá tentar entrar no território. “Apesar dos esforços, nenhum brasileiro conseguiu chegar à Bagdá durante a guerra – a **prioridade dos iraquianos eram os jornalistas de grandes redes internacionais, com poder de influenciar a opinião pública mundial**” (RECH, 1997, p. 106, grifo nosso). O visto foi negado ao jornalista, que decidiu então buscar um outro local, com maior facilidade de comunicações e estrutura técnica que permitisse cobrir uma guerra à distância.

Rech conta que a Jordânia não estava entre os países envolvidos no conflito, mas acabara se tornando “uma caixa de ressonância de tudo o que acontece na região”. A decisão de Rech foi a mesma de cerca de 400 jornalistas, que foram para Amã, capital do país, realizar a cobertura da guerra. A manada dos correspondentes e enviados especiais foi o estopim para lotar quartos de hotéis, transformar a economia de tradutores e botar em colapso os sistemas de telefonia dos hotéis procurados pela imprensa internacional. Sem recursos de comunicação, Rech foi obrigado a buscar uma nova base de operações, o que acabou o impossibilitando de acessar as grandes redes de notícias. “Sinto que sou a única pessoa do mundo a não acompanhar a guerra pela CNN: as transmissões da rede norte americana são censuradas na Jordânia, aliada dos iraquianos. Tento captar a BBC num rádio de



ondas curtas de péssima qualidade [...]” (RECH, 1997, p. 103). Na sequência, Rech comenta sobre os problemas de dramatização da guerra pela mídia. Além de repetir o discurso já identificado em outros relatos que criticam a edição da imprensa, Rech conta também sobre referências localizadas em obras que já estudaram o correspondente internacional e suas responsabilidades em locais de conflito.

A guerra é um campo fértil para mentiras e minha primeira obrigação era separar as sandices da realidade. **A cada noite, ia para a cama com a bíblia dos correspondentes – "A primeira vítima", do inglês Phillip Knightley [...].** Lia umas poucas páginas para economizar o livro, cujo alerta básico se transformou em síntese da manipulação da informação em áreas de conflito: na guerra a primeira vítima é a verdade. No Golfo, ela vinha sendo exterminada sem compaixão (RECH, 1997, p. 104, grifo nosso).

Rech relata como repórteres procuravam evitar problemas em ambientes hostis, como em Amã, fazendo os repórteres a usar lenços palestinos. No caso do jornalista brasileiro, ele se utilizava de um “escudo” para conquistar os habitantes locais. “Meu habeas-corpore era um distintivo com a bandeirinha do Brasil preso à jaqueta” (RECH, 1997, p. 105). O enviado relata também sua visão sobre a prática de *pool*. Segundo Rech, “os *pools* eram o terror dos correspondentes”.

Dos 1.500 jornalistas baseados na Arábia Saudita, apenas 160 (quase exclusivamente americanos, ingleses e franceses) conseguem ser selecionados. **O restante se descabelava em torno do hotel e pagava US\$ 600 mensais, para ter acesso, em segunda mão, ao material dos colegas que estavam sob fogo. Os mais angustiados eram fotógrafos e cinegrafistas.** Repórteres de texto ainda davam um jeito: levantavam informações aqui e ali, mas não eram poucos os que dependiam de imagens que jogavam tudo para o alto e, frustrados, voltavam para casa (RECH, 1997, p. 109, grifo nosso).

#### 4.1.7 Fontes não oficiais para descrever a União Soviética

Rech foi deslocado também para cobrir a fase derradeira da União Soviética, no início da década de 1990. O repórter conta que traçou um plano de ação antes do embarque. O plano consistia em três ações de cobertura. A primeira seria evitar o Kremlin, Palácio do Governo, e seus oficiais, já que esse assunto seria melhor “coberto com muito mais eficácia pelos correspondentes de agências internacionais baseados em Moscou”. Em segundo lugar, planejava não consumir tempo com tentativas de entrevistas com pessoas importantes do regime, já que pouco “poderiam interessar aos leitores do Brasil”. E por fim, em terceiro lugar, procurar

fugir dos lugares-comuns e dos “chavões que definem a URSS” (RECH, 1997, p. 153). O que parece se destacar nesse relato é a precaução em atender interesses de seus leitores durante a cobertura das matérias.

A solução é **agir como um extraterrestre** que chega pela primeira vez a um lugar. **Em tese, tudo o que chamasse a minha atenção chamaria também a do leitor e resolvo investir nas faces anônimas da URSS**, nas contradições, no cotidiano sobressaltado pelo progressivo desmoronamento de um modo de vida, sem descuidar da contextualização histórica e geopolítica. **Tudo isso é balizado por um dogma: o combate à chatice e à mesmice que frequentemente dominam os assuntos políticos e econômicos distantes do leitor** (RECH, 1997, p. 154, grifo nosso).

Rech destaca nessa cobertura a importância de intérpretes para o trabalho de correspondentes e enviados, concluindo que o bom trabalho desses profissionais é fundamental para a apuração jornalística, principalmente quando envolve questões de significado e emoção nos relatos. Segundo o repórter, “depende dele [o tradutor] o contato com o mundo exterior e uma frase mal traduzida pode tirar o impacto e a emoção de uma situação” (RECH, 1997, p. 155).

#### 4.1.8 O espetáculo da guerra e os seus perigos

Na cobertura da guerra na ex Iugoslávia, Rech (1997, p. 179) optou por acompanhar a guerra a partir do solo croata, “[...] porque, sem a censura e a fiscalização sobre correspondentes estrangeiros exercidas na Sérvia, teria chance de me deslocar livremente e impor meu desejo – e não o do regime de Belgrado – nas entrevistas e contatos”. Contudo, mesmo em um terreno de grande risco, já que “apenas nos seis primeiros meses de guerra, quase três dezenas de jornalistas – metade do número de correspondentes mortos em 10 anos de Vietnã – já tinham tombado no solo da Eslovênia e da Croácia” (RECH, 1997, p. 182), os jornalistas recebiam uma série de informações pelos lados envolvidos no combate e contavam com serviços especiais oferecidos pela população local.

Da estação de Zagreb, segui diretamente para o confortável hotel Inter-Continental, também na Croácia **o paradeiro favorito dos correspondentes** de guerra, praticamente os únicos clientes do lugar. [...] – Na recepção, um funcionário pergunta: - o senhor deseja um quarto para jornalista? Subi ao 15º andar **imaginando o que seria um quarto de jornalista**. Ao entrar, encontrei a resposta: num andar alto, o quarto tinha vista para dois lados, um dos quais para a linha de frente, a pouco mais de 30 quilômetros de distância. Durante a noite, era possível divisar clarões e

ouvir o eco das explosões ao longe. **Nada mal cobrir uma guerra em país organizado** (RECH, 1997, p.180).

Assim como veremos no trabalho de Fino (2003) e já tratado por Ribeiro (2005) sobre o Vietnã, em que eles comentam terem participado de guerras em que pouco se viu cenas de ação ou movimentação de tropas, Rech destaca que, por vezes, a Guerra da Iugoslávia, assim como outras parecidas eram transmitidas pelo cinema e telejornais de forma incessante.

Nunca é assim. Nas telas, os combates são condensados, mas na realidade há longos períodos de calma e os conflitos costumam estourar em pontos isolados. [...], **um correspondente mal localizado poderia passar meses sem tomar conhecimento dos combates** (RECH, 1997, p. 182, grifo nosso).

Rech apresenta em seu texto diversas passagens que contam o processo de planejamento que o repórter realiza com o objetivo de se resguardar durante a cobertura. Porém, é durante a cobertura da guerra na ex Iugoslávia que o jornalista faz comentários sobre erros dele e que por pouco não colocaram em risco tanto a sua vida como a de sua tradutora.

[...] refleti sobre o que havia falhado no meu arsenal de precaução. Erro 1: desdenhar o perigo camuflado. **Depois de apenas uma semana, já me considerava um expert nas armadilhas dos Bálcãs.** Erro 2: entrar num vilarejo como quem vai fazer compras num shopping. Não tinha a menor informação sobre quem controlava o que no lugar e qual era a situação no momento. Erro 3: não procurar imediatamente abrigo ao chegar ao vilarejo, antes de tomar pé no cenário dos combates no local (RECH, 1997, p. 185).

#### 4.1.9 Ética nas práticas de apuração e ameaças em resultado das práticas

Durante o período que antecedeu o pedido de renúncia do presidente do Brasil, Fernando Collor de Melo, em 1992, Rech foi até o Uruguai acompanhar o desenrolar de fatos que envolviam empréstimos e movimentações financeiras suspeitas naquele país e que faziam relação com o caso do presidente brasileiro. Rech conta que, depois de descobrir o endereço e ir até um dos escritórios de empresas envolvidas no escândalo que derrubou Collor, obteve com um porteiro do prédio a descrição do dono da corretora.

Juntamente com um fotógrafo, Marcelo Rech revela que notou quando um carteiro depositou nas caixas de correspondência contas telefônicas de todas as salas comerciais. Mesmo questionando sua posição ética, não teve dúvidas.

Em certo momento, o porteiro comentou que precisaria sair para trocar uma lâmpada no quinto andar e, confesso, não resisti: seqüestrei a conta da corretora. Imediatamente, acendeu-se uma lâmpada ética. Mesmo se fosse para ajudar a derrubar um presidente corrupto, não poderia surrupiar um documento. Devolvi o papelucho para a caixinha, mas recorremos a um expediente no meio termo: **Genaro fotografou todas as páginas da conta para uma eventualidade** (RECH, 1997, p. 202, grifo nosso).

Marcelo Rech (1997, p. 243) conta que recebeu um misto de missão e desafio de um de seus editores sobre uma cobertura especial de Cuba: “Você consegue mostrar o que está ocorrendo, de verdade, em Cuba? ’ A resposta foi imediata: Desde que eu não entre como jornalista”, concluiu o repórter. Segundo ele, entrar em Cuba como repórter significaria ser vigiado. Porém, entrar na ilha dessa maneira descumpria um código do regime cubano. O repórter conta que acabou infiltrado com uma excursão de turistas na ilha. Sua proposta era realizar o mesmo que tinha feito na Rússia: “conversar – livremente – com o povo cubano, entrar nas suas casas, recolher angústias e sonhos, conhecer seus dramas e suas aspirações” (RECH, 1997, p. 244).

Segundo Rech, por exemplo, o tão aclamado sistema de saúde funcionava para estrangeiros que compravam tratamentos sofisticados em dólares. Entre as fontes que o levaram a concluir essa situação de Cuba “um obstetra de um dos maiores hospitais de Havana confidenciou-nos que fabricava sabão em casa, porque no hospital não tinha com o que lavar suas mãos antes de entrar na sala de parto” (RECH, 1997, p. 246).

Cumprindo o desafio, a série publicada em Zero Hora retratou, sem preconceitos, o quadro que encontramos na Cuba de 1993, mas a verdade incomodou muita gente. **Por meses a fio, a embaixada em Brasília sonegou vistos de entrada para repórteres de ZH** (em 1997, o banimento já havia sido levantado). Nenhuma outra reportagem internacional provocou também tanta indignação entre uma parcela dos leitores. **Cheguei a receber três ameaças de morte por escrito e acusações que variavam de “traidor” a “agente da CIA”** (RECH, 1997, p. 246, grifo nosso).

## 4.2 Carlos Fino. Guerra Ao Vivo (2001 a 2003)

### 4.2.1 Um repórter dependente de tecnologias

O jornalista português Carlos Fino da *Rádio e Televisão de Portugal* (RTP) ficou mundialmente conhecido por transmitir o primeiro boletim ao vivo sobre os bombardeios norte-americanos no Iraque, em março de 2003. Antes da participação histórica no Iraque, o correspondente já atuava por mais de 30 anos no jornalismo como correspondente internacional, acompanhando revoluções surgidas com o fim do comunismo em todo o Leste Europeu. Registrou conflitos graves, como os massacres na Chechênia, convulsões sociais na Geórgia e outros países que deflagraram guerras após a queda do regime comunista na antiga União Soviética. Além disso, participou da cobertura de diversas movimentações políticas e sociais na Europa durante o processo de unificação de uma moeda única em quase todo o continente, o Euro, partindo dali para o acompanhamento de mobilizações contra a globalização no início dos anos 2000 nos Estados Unidos. A breve biografia de Fino o enquadra como um legítimo correspondente do século 21, profissional dependente da utilização de recursos eletrônicos e tecnologia avançada para que suas reportagens ou notícias consigam ser entregues de forma instantânea não apenas para o seu país de origem, mas para o mundo inteiro.

Em seu livro *Guerra Ao Vivo*, Carlos Fino narra sua participação em conflitos no Oriente Médio entre 2001 e 2003, período que compreende a primeira investida americana no Afeganistão, a retomada de territórios palestinos pelo exército de Israel, até culminar com o início da guerra que levaria à queda do ditador iraquiano Saddam Hussein. A obra de Fino e suas reflexões a respeito do momento atual do jornalismo internacional, mais voltado ao espetáculo do que propriamente ao caráter informativo, por vezes lembra alguns dos apontamentos contidos na obra do polonês Kapuscinski. Contudo, o trabalho de Fino se distingue pela fina análise crítica sobre práticas, dele e de outros correspondentes internacionais. É visível, de acordo com o discurso desse correspondente, a fragilidade com que as informações internacionais são produzidas, principalmente em locais de conflito. É necessário produzir informação, mesmo que para isso sejam construídos os acontecimentos, principalmente pelas emissoras de televisão.

#### 4.2.2 A cobertura no Afeganistão e a primeira guerra do século 21

O Afeganistão, um dos países mais pobres e subdesenvolvidos do mundo, foi o lugar em que, segundo Fino, enfrentou as mais complexas dificuldades em toda a sua carreira de repórter; não pela falta de segurança, escassa de fato, mas pelas dificuldades em realizar o básico da profissão, como obter informações, entrevistar fontes e se locomover pelo território em que ocorriam os acontecimentos. Além da angústia em realizar coberturas delicadas e que ficavam sob a própria responsabilidade e risco do jornalista, Fino comenta as dificuldades causadas pelas burocracias em se conseguir autorização dos governos para a entrada nos territórios estrangeiros. No caso do Afeganistão, não poderia ser diferente. “Todos os dias vamos até o Ministério da Informação, e todos os dias a cena se repete, é preciso esperar. Resignados, ali ficamos horas e horas a fio [...] para no fim do dia receber a mesma resposta: ‘não vai ser hoje, tem que voltar amanhã’” (FINO, 2003, p. 44).

Na chegada ao território afegão, a cobertura parece já estar determinada desde a localização em que um jornalista internacional poderá ficar e produzir conteúdo. Normalmente, são locais situados em territórios próximos às bases militares, o que tenderá a afetar toda a abordagem do jornalista, impedindo-o de explorar questões do lado da trincheira do inimigo, por exemplo. Carlos Fino sempre atuou com equipes, mas na viagem ao Afeganistão teve que ir sozinho, em razão das limitações de custos, sem inclusive poder levar uma câmera em razão de problemas técnicos no equipamento. Dentro do território teria que buscar auxílio com outras emissoras para gravar e transmitir suas matérias por meio de equipamentos emprestados. “Perante tanta coisa interessante e importante, que gostaria de filmar e não posso, acentua-se o meu desespero. **Já estou aqui a quase uma semana e ainda não consegui a prometida câmera**” (FINO, 2003, p. 68, grifo nosso).

O convívio com outras colegas também é um ponto de destaque nos relatos do jornalista, fundamental tanto em suas práticas como no trânsito dentro do território afegão. Entre as diversas passagens, constam negociações com outras equipes em busca de redução de despesas com alimentação e transporte, mas mais do que isso, ficar próximo de outros jornalistas não significa apenas redução de despesas, mas, segundo Fino (2003, p. 45) “no fundo, ao decidir ir com eles nestas condições estou indiretamente comprando deles maior proteção”. Basicamente a relação entre os correspondentes ocorre por meio de afinidades entre

correspondentes de um mesmo país, raça ou idioma.

**A tendência é para o agrupamento por países ou afinidades culturais.** Em princípio alemães com alemães, ingleses com americanos, canadenses, australianos, neozelandeses e sul-africanos, nórdicos com nórdicos, árabes com árabes, latinos com latinos e mediterrânicos... Todos, de vez em quando, com japoneses e russos e, mais recentemente, também, com chineses... **Eternos ausentes, os africanos. A tribo reproduz a geopolítica do mundo – o predomínio ocidental. Por vezes até as alianças a nível de governos...** (FINO, 2003, p. 39, grifo nosso).

Na visão de Fino, os correspondentes internacionais fazem parte de uma máquina: a “máquina de informação global”. O jornalista apresenta sua visão a respeito do significado da presença desses profissionais em países ou regiões que estejam participando de conflitos. Ter correspondentes internacionais cobrindo esses acontecimentos não apenas é uma prática da imprensa, mas indícios de transformações do local. É como se a presença de jornalistas estrangeiros representasse uma “aviso” a nativos do lugar de que a história está sendo feita e que mudanças estruturais de impacto estão a caminho, anunciadas pela chegada e presença desses repórteres.

Quando, por qualquer motivo – normalmente razões pouco felizes – um país se encontra em nossa rota, já é tarde para poder recuar. A nossa presença é um indício claro de que esse Estado está a recuar. A nossa presença é um indício claro de que esse Estado está na rede e não pode escapar. Melhor ou pior, passará, também ele, a estar integrado, se não em termos econômicos, pelo menos em termos de conhecimento universal. Qual bando de térmitas, nada será igual depois da nossa passagem (FINO, 2003, p. 36).

Ao mesmo tempo em que chegam jornalistas aos locais de cobertura, outros estão retornando aos seus países de origem e isso desencadeia uma série de relacionamentos entre os profissionais, que buscam informações sobre o local que estão se preparando para cobrir, o que é necessário levar, se há comida disponível e como se deslocar pelo território.

A chegada dos correspondentes não só avisa aos moradores do local que haverá mudanças estruturais, mas também evidencia mudanças nas questões econômicas. Como já relatado em outras análises desse trabalho, as relações entre nativos e correspondentes se tornam mais complexas, principalmente nos assuntos que se referem ao câmbio de moeda e atividades de tradução que chegam a causar até uma superinflação em preços cobrados por tradutores e guias, sempre baseando seus valores baseados no poder financeira das grandes agências e emissoras, que

não se preocupam em tentar negociar valores.

A presença maciça de estrangeiros com os bolsos cheios de dinheiro está agitando a cidade. Todos os dias ocorrem à entrada do hotel dezenas de pessoas oferecendo seus serviços: tradução, alimentação, transporte. [...]. **Como sempre costuma acontecer, as grandes emissoras americanas, inglesas e japonesas não regateiam preços e rapidamente inflacionam o mercado.** [...] As pequenas companhias dos pequenos países tem que acompanhar ou contentar-se... com os restos (FINO, 2003, p. 42, grifo nosso).

As diferenças econômicas entre as emissoras configuram também práticas diferenciadas entre os jornalistas. Os vistos de entrada, por exemplo, precisam ser batalhados pelos próprios correspondentes de pequenas emissoras, enquanto para as grandes máquinas de informação os vistos são provienciados por equipes estruturadas e pessoal específico para a tarefa. "Outros tem sorte - trazem com eles produtores que se encarregam de tudo e, com uns contatos aqui e ali e uns dólares correndo de mão em mão, ficam rapidamente com os problemas resolvidos" (FINO, 2003, p. 42).

#### 4.2.3 "Os mesmos olhos a ver a guerra"

Fino (2003, p. 39) revela que independentemente do lugar "são sempre os mesmos olhos a ver a guerra", fazendo relação aos mesmos profissionais que cobrem os acontecimentos em diferentes locais do mundo. Ainda de acordo com o jornalista, os comportamentos são os mesmos para todos, **"lêem as mesmas revistas – Time, Newsweek, Economist, Foreign Affairs. Consultamos os mesmos sites da internet. Bebemos enfim as mesmas fontes"** (FINO, 2003, p. 40, grifo nosso). Abastecidos da mesma fonte em tudo, parece existir um padrão não só de operação dos processos, mas de abordagem, sempre determinadas por grandes emissoras mundiais de televisão, como a CNN e a BBC.

Muitas vezes, até, vemo-nos e ouvimo-nos uns aos outros, em circuito fechado. É justamente o que está acontecendo agora. Todos parados religiosamente no átrio do hotel para assistir, entre conversas entrecortadas a um copo ocasional, ao que têm a dizer, sobre a guerra que se avizinha, a CNN e a BBC. São elas que servem de padrão e assim formatam, por si e através de nós, a opinião mundial (FINO, 2003, p. 40).

Também presente em outros relatos analisados da pesquisa, o jornalista narra em diversas passagens que uma das principais ferramentas para se manter



atualizado foi o rádio de ondas curtas. Por meio do aparelho, Fino sintonizava emissoras como BBC e a Rádio Moscou. (2003, p. 62). A escassez de informações revelava ao jornalista a única função permitida aos jornalistas que cobriam o conflito “traçar um quadro, avançar hipóteses e, no máximo, arriscar uma previsão” (2003, p. 64). A necessidade de informação é uma constante nas práticas, mesmo que para isso seja necessário transformar a lógica da apuração. A falta de informações e condições de cobertura determinadas pela autorização do exército americano somam dúvidas novamente ao jornalista, que questiona a função da mídia no conflito.

Será que alguma coisa nos distingue, a nós, jornalistas de hoje, daquela “cavalgada eloquente de correspondentes de jornais” de que nos fala Eça de Queiroz, que – em meados do século XIX – acompanhavam os exércitos imperiais ingleses ajudados pelos indianos, em operações de conquista aqui, neste mesmo Afeganistão, e cujo fim último era justificar a proeza, “telegrafar a vitória”? (FINO, 2003, p. 63).

O repórter comenta ainda sobre as práticas equivocadas de outros jornalistas que cobriam as batalhas e como se configurava a necessidade do imediatismo, a falta de participação nos fatos narrados e dúvidas quanto à função real dos jornalistas no conflito.

A falta de câmera acentuou, por outro lado, o caráter de especulação, de que se reveste hoje em dia muita da informação veiculada. O importante é “estar lá”, para assegurar a explicação instantânea, nem que seja só para “alimentar o sistema”, numa lógica de puro espetáculo. [...] Fica, de qualquer modo, uma interrogação sobre nosso papel – estávamos ali como repórteres com estatuto de independência, ou parte de um corpo, de um organismo ideológico destinado, em última instância, a justificar perante as diferentes opiniões públicas, a “guerra contra o terrorismo”? (FINO, 2003, p. 94).

Carlos Fino, tentando o empréstimo de uma câmera para poder gravar seus boletins transita entre equipes de diferentes locais do mundo em busca de recursos que permitam seu trabalho. Em uma das tentativas, repara que mesmo em terreno e situação inóspita, a equipe da BBC mantém seus costumes, como o ritual do famoso chá britânico, tomado por todos da equipe de reportagem. Após regressar sem sucesso de sua tentativa em conseguir equipamento, ao buscar novamente informações pelo rádio se depara com as informações fornecidas por repórteres da própria BBC.

Um dos correspondentes que há **momentos surpreendera ali ao lado desfrutando o seu *five o'clock tea*...a** intervir debitando informação de

**agência - certamente fornecida pela redação em Londres - como se ele fosse o pólo, a origem daquelas notícias, quando na realidade está, como eu, a centenas de quilômetros do verdadeiro teatro de operações.** Também você, minha querida BBC? **Não é fácil resistir a estas tentações de criar uma ilusão de presença, só porque se tem um repórter “no local”** (FINO, 2003, p. 85, grifo nosso).

#### 4.2.4 A “guerra de ficção”

Em outro relato, Fino (2003, p. 61) apresenta o que ele chama de “guerra de ficção”, e que talvez seja a consequência da falta de informações disponíveis aos correspondentes. É incompreensível ao público, em um local que se prepara para um conflito, que não existam novas notícias. As emissoras de televisão trabalham com rotinas a serem cumpridas e entre elas estão os agendamentos prévios de boletins dos seus correspondentes. Assim, as tropas realizam movimentos militares sem a presença de qualquer ameaça, unicamente com o objetivo de permitir aos cinegrafistas captar imagens para, posteriormente, serem transformadas em notícias e imagens verídicas de tropas em combate.

**Habitados nas ultimas semanas a estas visitas guiadas de jornalistas, os combatentes prestam-se, entretanto, a uma corrida pelas trincheiras, distribuem-se pelas posições e... abrem fogo! As câmeras registram tudo, parece tudo real – é bom material para qualquer crônica.** *Good stuff* – na gíria da tribo, que usa o inglês como língua de relação e referência. Interrogo-me muitas vezes sobre a legitimidade destes procedimentos. No limite, por razões éticas, deveríamos revelar aos espectadores as condições em que foram obtidas as imagens, dizer-lhes que se trata - quando é o caso - de uma encenação para ilustrar uma dada situação (FINO, 2003, p. 79, grifo nosso).

O relato de Fino parece descrever as práticas jornalísticas como previamente determinadas desde a chegada dos jornalistas a frente de batalha, seguindo as orientações dos responsáveis pela ocupação e determinando sua abordagem sobre o assunto. O que menos parece ocorrer são práticas de cobertura, como a realização de entrevistas, deslocamentos aos locais atingidos pelos conflitos. Em resumo, como o próprio repórter afirma e sintetiza em seu livro (2003 p. 90), os conflitos no Afeganistão resultaram em “uma guerra que ele não viu”.

#### 4.2.5 Contatos, auxiliares e equipe para a produção jornalística

Em 2002, Carlos Fino foi até Jerusalém e a Palestina para acompanhar as

ações do exército israelense em retomar territórios palestinos. O desenvolver da ocupação desses locais resultou em uma série de atentados suicidas cometidos pelos radicais palestinos. Em local tão perigoso, Fino alerta para entre as primeiras necessidades do correspondente, localizar pessoas de confiança que revelem e auxiliem no trânsito dos jornalistas.

Em reportagem, este é sempre um aspecto crucial. **Ninguém se movimenta sem ajuda em país que não conhece, muito menos em zona de conflito. Sei por experiência própria que um bom contato pode fazer a diferença entre o êxito e o fracasso do trabalho.** Consegui-lo era por isso a minha grande preocupação desde a saída [...] de Lisboa [...] para acompanhar os últimos desenvolvimentos do conflito no Oriente Médio: a reocupação dos territórios árabes pelo exército israelense (FINO, 2003, p. 107, grifo nosso).

Após assegurar um acompanhante local para a equipe de reportagem, é a vez de montar ou locar uma base de operações para edição das imagens. No caso de Jerusalém, cidade que concentra da mais alta tecnologia, os serviços disponíveis aos correspondentes se distinguem de qualquer outro lugar que receba jornalistas que cobrem conflitos, relata Fino. O repórter conta que havia disponível o que fosse necessário: salas de edição de vídeo, acesso aos materiais de agências, possibilidade de envios diários de materiais editados até disponibilidade para transmissões ao vivo via satélite. “Atraindo dezenas de correspondentes de todo o mundo, os períodos de crise – aqui como em outras partes do globo – são uma excelente oportunidade para as companhias de mídia fazerem o seu negócio” (FINO, 2003, p. 110).

Porém, mesmo com todo o aparato tecnológico disponível para produção e envio de material jornalístico, o cerceamento às atividades de imprensa era rigoroso. Para Fino, ações como essa não tinham como objetivo senão o de permitir atrocidades em um território sem alguém para observar.

[...] só estão os poucos jornalistas que já lá se encontravam quando os tanques entraram, incluindo uma equipe de televisão da agência Reuters, que – graças aos contatos locais – tem conseguido transmitir imagens. Todos os outros, como nós, não podem passar. (...) “Para a própria segurança de vocês não podemos deixá-los passar”. **Enfim, a costumeira explicação dada por todos os exércitos quando pretendem ter mãos livres para levar até o fim, longe de olhares indiscretos, qualquer expedição** (FINO, 2003, p. 120, grifo nosso).

Carlos Fino considera fundamental a parceria entre o repórter e o seu cinegrafista. Segundo o jornalista é necessário “ter em conta que é sobre os

câmeras que recaem as tarefas mais pesadas. A câmera, só por si, oscila entre os oito ou dez quilos; o tripé, que muitas vezes é necessário movimentar acoplado, [...] são os câmeras que quase sempre vão mais longe, mais se expõem, mais se arriscam” (FINO, 2003, p. 129). Essas relações se aproximam com o enfrentamento de situações de grande tensão na equipe. Fino relata como era necessário controle tanto dele como do câmera quando se deparavam com tropas do exército israelense.

[...] Uma última surpresa – ao nosso encontro, sem que possamos evitá-los, [...] vêm agora três tanques de Israel. [...] **E não nos escondemos, para não levantar suspeitas – pelo contrário é preciso expor-se, avançar, esperar que eles vejam as letras que pregamos com fita branca nos coletes – TV-Press.** [...] Mas essa é agora nossa única defesa – fazer valer o estatuto da profissão. São momentos de grande tensão, com as pulsações a subirem rapidamente (FINO, 2003, p. 130, grifo nosso).

As rotinas de reportagem ao final de um dia não se encerram antes de editar o material produzido e assistir pela TV a cabo as informações que as agências de notícias e grandes redes de TV têm a oferecer aos repórteres. “[...] **há ainda fôlego para conferir as notícias do dia. No hotel – estamos em Israel! Há televisão via satélite e temos por isso acesso às grandes cadeias internacionais – BBC, CNN... Centenas de tanques israelenses, afirmam as agências**” (...) (FINO, 2003, p. 132, grifo nosso).

Assim como Hemingway relatava o impacto que os correspondentes exerciam à população fragilizada pela guerra e que encontrava nesses jornalistas um modo de se informar sobre o que ocorria no resto do mundo, Fino relata um caso que parece o inverso da compreensão do papel do correspondente. Se nos relatos de Hemingway o correspondente era um meio que apenas carregava a informação, hoje o correspondente é um meio que irá propagar algo.

Percebemos então que o homem, na sua ingenuidade, acreditava que a televisão estrangeira – fosse ela qual fosse, neste caso a nossa era que estava à mão – podia operar o milagre: mostrar ao mundo a verdadeira situação da Palestina. (...) Não quisemos desiludi-lo na sua crença sobre o poder miraculoso da informação, como se a verdade dos fatos se impusessem por si própria, como se o jornalismo fosse o discurso da realidade e não um discurso sobre a realidade (FINO, 2003, p. 156).

#### 4.2.6 O enviado especial que furou a CNN e a BBC

O relato de Carlos Fino sobre os primeiros dias da guerra no Iraque, em março de 2003, apresenta muitas informações que veremos no trabalho do americano Jon Lee Anderson (2004) em *A Queda de Bagdá*. Fino narra também o problema enfrentado pelos correspondentes para a obtenção de vistos, a prática livre dos subornos operada pelo governo iraquiano para tudo o que fosse necessário e as limitações de comunicação impostas pelo Ministério da Informação. Contudo, Fino revela como o desconhecimento de uma nova tecnologia, pelo próprio Ministério da Informação iraquiano, permitiu que o jornalista entrasse no país com um equipamento que mudaria o formato de transmissão pelos correspondentes internacionais.

O repórter conta que após entrar no país e passar por uma fiscalização em que os telefones celulares eram selados para controle do órgão de censura, os repórteres poderiam passar com todo o equipamento necessário. Incluindo o videofone, equipamento usado por Fino na divulgação, ao vivo, do início dos combates. “[...] já nos fecham as malas e tudo o que é essencial para o nosso trabalho [...] sobretudo videofone – **que os guardas não parecem ter entendido bem o que é, confundindo-o com um simples computador – passa sem mais problemas**” (FINO, 2003, p. 171, grifo nosso). Fino resume o formato de operação dos repórteres e a verdadeira função, na visão do correspondente, como os jornalistas eram vistos pelo governo iraquiano.

Os jornalistas, mais uma vez, estão na fronteira, tendo que navegar entre a informação e propaganda. Nos Estados Unidos, alguns já seguem preparação militar específica para poderem acompanhar as tropas na situação de “embedded”. Outros, como nós, vão ficar do lado oposto, de alguma forma também “embedded” e certamente sobre o olhar atento do Ministério da Informação do Iraque. (...) **À medida que se agudiza o confronto com os Estados Unidos, o regime de Saddam mostra-se cada vez mais interessado em ter por perto televisões ocidentais que possam – minimamente que seja – veicular alguns de seus pontos de vista** (FINO, 2003, p. 175, grifo nosso).

Se repete também no relato de Fino a agitação dos jornalistas em busca de hotéis para instalar suas bases de operação e como os repórteres de veículos menores e fora das grandes redes de televisão se orientavam pela movimentação dos correspondentes da BBC e CNN.

Todos procuram saber onde estão ou onde tencionam ficar [...] para a eles se juntarem, na presunção de que esse será o local mais seguro [...] - **um autêntico movimento de manada, com a grande massa atrás dos líderes [...] procuramos saber onde estão a CNN e a BBC, onde**

**reservaram quartos e seguimos-lhes os passos** (FINO, 2003, p. 195, grifo nosso).

Fino também conta que durante a preparação para cobertura e durante o conflito, sua emissora, a RTP, atuou ao lado de emissora concorrente de Portugal, em razão da equipe da SIC não ter conseguido local adequado para suas transmissões. Segundo Fino, falou mais alto nessa parceria sua condição de cidadão e de solidariedade aos colegas e que segundo o repórter rendeu aprendizado a ambas as equipes. “Mas a própria proximidade, como entre dois vizinhos, levava à colaboração – hoje éramos nós pedindo um cabo que nos faltava, amanhã eles que vinham procurar uma ferramenta que se haviam esquecido ou vice-versa” (FINO, 2003, p. 198).

O correspondente português relata os momentos de apreensão dos repórteres com o fim do prazo do governo americano e os momentos que se sucederam após o primeiro estrondo, seguido por uma série intermitente de avisos sonoros e explosões que irrompiam o céu de Bagdá. Carlos Fino, por meio do videofone e ao vivo, era o primeiro correspondente a narrar os acontecimentos; um depoimento histórico do jornalismo.

O prazo do ultimato dado por Bush a Saddam termina à meia noite e a partir daí as hostilidades podem ter início a qualquer momento. [...] eu e o cinegrafista Nuno Patrício, damos início aos preparativos: enquanto ele estabelece as ligações do videofone, **confiro no meu caderno as últimas informações disponíveis e ligo o rádio de ondas curtas à procura de mais notícias.** [...] As vinte horas de Lisboa, vinte e três em Bagdá, entramos ao vivo no Telejornal. [...] Estamos no pequeno “estúdio” que improvisamos na apertada varanda [...] do hotel Palestina. [...] dizem-nos de Portugal que são horas de terminar. O programa está chegando ao fim – já tudo foi dito e redito – e não se justifica prolongar mais o debate. Depois de uma última intervenção, despedimo-nos, recolhemo-nos ao quarto. [...] Ainda estamos buscando descontrair-nos – ganhando forças para ir dormir-quando, pouco depois, ouvimos um estrondo [...] e logo em seguida sentimos o hotel vacilar nos alicerces. Precipito-me para o telefone para avisar Lisboa enquanto Nuno restabelece as ligações. Por sorte, o programa ainda está no ar e é possível, sem mais complicações, voltar a entrar ao vivo. **Mas temos que vencer algumas excitações... - acha que vale a pena? A guerra está mesmo começando? Temos aqui no estúdio as emissões da CNN e da BCC e eles não estão dando nada... Eles podem não estar informando nada, mas ouvimos uma explosão e o hotel tremeu... Acho que isso vai começar... São cinco e meia da manhã em Bagdá e ouve-se a primeira vez o grito lancinante das sirenes. Era o início da Segunda Guerra do Golfo. O momento que esperávamos há 53 dias** (FINO, 2003, p. 169, grifo nosso).

Fino comenta que após esse boletim, ele e seu colega ficaram os dois primeiros dias de guerra sem conseguir dormir, produzindo e distribuindo

informações para uma série de programas da RTP. E durante o horário em que era madrugada em Portugal, era a vez de atender os telefonemas de rádios e televisões de todo o Brasil. Segundo do repórter, “**A TV Cultura estava fazendo com a RTP o que a RTP costumava fazer com a CNN – usar as nossas emissões.** [...] Como nessa altura os meios de comunicação brasileiros não tinham ninguém em Bagdá, as atenções voltaram-se para a RTP Internacional e para o trabalho que estávamos realizando” (FINO, 2003, p. 207, grifo nosso).

### 4.3 Jon Lee Anderson. A queda de Bagdá. (2003)

#### 4.3.1 O “fenômeno Saddam Hussein” na pauta

O repórter americano Jon Lee Anderson realizou uma série de viagens a Bagdá, a capital do Iraque, durante diferentes fases da história daquele país. Segundo o próprio repórter revela no livro escolhido para essa análise, *A queda de Bagdá*, “fui pela primeira vez ao Iraque por causa do fenômeno Saddam Hussein” (ANDERSON, 2004, p. XI). Segundo Anderson, o objetivo dele era testemunhar “a tirania de Saddam e compreender o que a fazia funcionar.” (2004, Anderson, p. XI). Ainda segundo Anderson, sua obra é uma versão da guerra, dos motivos que o levaram a vivê-la e as consequências ao Iraque desde o início dos conflitos, em março de 2003. Jon Lee Anderson realizou a cobertura da guerra no Iraque para a revista americana *The New Yorker*.

Segundo o repórter, o regime de Saddam “era sem a menor dúvida a mais assustadora tirania que eu [Anderson] vira de perto. As únicas provas reais que eu tinha desses crimes **eram as que lera em livros, relatos de jornal e relatórios de direitos humanos**” (ANDERSON, 2004, p. 7, grifo nosso). É esse formato de governo, regido pelo totalitarismo, e o risco de início de uma grande guerra no século 21 que leva o repórter e outros correspondentes ao Iraque. Vimos nesse mesmo capítulo o relato do português Carlos Fino, que também estava em Bagdá no dia do início dos combates.

Anderson explica alguns dos passos necessários para o envio de um correspondente internacional que irá cobrir guerras. Mas antes de embarcar para um terreno tão perigoso, era indicado e necessário que redes e os veículos de comunicação investissem em segurança e capacitação de suas equipes de

reportagem.

Aos jornalistas que planejavam cobrir o conflito, parecia sensato estar preparado para qualquer contingência. As agências de notícias começaram a comprar estoques de equipamentos protetores para seus correspondentes e despachá-los para cursos sobre “ambientes hostis”. A revista *The New Yorker* enviou-me um conjunto de roupas protetoras de guerra química e biológica, uma máscara de gás, ampolas de atropina, seringas, mas capacetes à prova de balas e colete com placas à prova de balas na frente e nas costas (ANDERSON, 2004, p. 31).

Anderson conta que até outubro de 2002, entrar no Iraque era um assunto complicado. Até essa data, as agências de notícias estrangeiras com autorização para atuar no país não possuíam seus próprios correspondentes, mas contratavam jornalistas iraquianos ou árabes ou então empregados do Ministério da Informação e que atuavam em coberturas para diferentes órgãos de mídia estrangeira. Contudo, a “CNN acabara conseguindo um acordo especial para si mesma anos antes. Era, havia muito tempo, a única rede importante de televisão americana com permissão para ter um escritório permanente em Bagdá e manter um correspondente lá” (ANDERSON, 2004, p. 61).

Mas com a instabilidade e iminência de uma guerra, um referendo de Saddam, que tinha como objetivo transformar jornalistas em uma espécie de escudo humano, talvez impactando a opinião pública mundial contra a invasão do Iraque, o referendo permitiu que uma centena de jornalistas entrasse no Iraque para acompanhar o desenrolar dos fatos. Segundo Anderson, muitos jornalistas aproveitaram a ocasião para posicionar-se para o conflito próximo, sendo esse um modo de se antecipar e evitar dificuldades na entrada do país em caso do início da guerra.

A essa altura, repórteres que esperavam cobrir a guerra tinham três alternativas possíveis. Uma era viajar para o Curdistão iraquiano pelo Irã, e esperar lá até a guerra começar. A outra era ser contratado pelo Pentágono como um repórter que trabalharia permanentemente ligado às tropas americanas, acompanhando-as. A terceira opção, e a mais arriscada, era tentar ficar em Bagdá. O problema nisso, para começar, era a dificuldade de conseguir vistos, e o fato de que só eram válidos por dez dias. Como ninguém sabia quando a guerra iria começar, isso significava encontrar um jeito de renovar constantemente o visto, e não havia garantia alguma de que isso seria possível (ANDERSON, 2004, p. 62).

O correspondente revela também que durante o período do referendo, grandes órgãos da imprensa ocidental pagaram subornos às autoridades iraquianas para que fossem disponibilizados escritórios oficiais para seus veículos e garantir



uma base segura para operar em Bagdá. Anderson revela também que as grandes redes contrataram, quase na totalidade, acompanhantes-tradutores para serem seus quebra-galhos. Anderson (2004, p. 62) afirma que “os melhores acompanhantes receberam milhares de dólares como adiantamento de salário”.

Como já identificamos em trabalhos anteriores, como no caso do relato de Friedman e dos estudos sobre os correspondentes internacionais, alguns desses ajudantes encarregados de atender os jornalistas eram reconhecidos pelos correspondentes como mais do que apenas funcionários. “O elo que Sabah [auxiliar] criara com tanta tenacidade entre nós tornava quase impossível em pensar outro motorista em Bagdá” (ANDERSON, 2004, p. 57). Mais do que isso, Anderson revela que foi por meio de seus auxiliares que ele foi explorando e reconhecendo o local ao qual ele era estranho, e assim permitindo circular entre fontes oficiais e reconhecer os métodos necessários para se conseguir trabalhar em Bagdá, mesmo que para isso o ajudante tivesse que se utilizar de meios não tão éticos, mas necessários para a realização das práticas dos repórteres.

Logo de início, ele [auxiliar] também me mostrou os macetes do Ministério da Informação, onde todos os jornalistas eram obrigados a se registrar e tinham acompanhantes oficialmente designados para solicitar entrevistas, conseguir permissões de viagem e obter extensões de visto. Com raras exceções, os vistos de jornalistas eram de dez dias apenas, e assim, parte de toda visita envolvia maquinação, suborno e agradados a funcionários do ministério a fim de obter extensões. Sabah muito se empenhara para que eu mesmo nunca tivesse de pagar subornos em dinheiro, sugerindo, porém, por exemplo, no final de minha primeira viagem, que eu comprasse três engradados de Pepsi para o chefe do escritório da imprensa estrangeira, e dois engradados de 7-Up para seu subchefe (ANDERSON, 2004, p. 60).

Além das pessoas encarregadas de resolver problemas para os correspondentes, o escritório de imprensa iraquiano designava nativos com o objetivo de serem tradutores para os jornalistas. Anderson relata que a maioria deles eram de diplomados por universidades iraquianas que por acaso falavam um dos vários idiomas estrangeiros. Mas ao mesmo tempo, “**eram [...] obrigados a ficar de olho em nós e preencher relatórios sobre com quem e sobre o que conversávamos e o que nos diziam**” (ANDERSON, 2004, p. 62, grifo nosso).

#### 4.3.2 A corrida ao ouro dos jornalistas

A manada midiática, termo do correspondente polonês Kapuscinski, se revela

muito evidente na sequência do trabalho de Anderson quando ele relata os movimentos de migração de repórteres para o Iraque dias antes do fim do prazo concedido pelos Estados Unidos para o início dos combates. A “corrida ao ouro” dos jornalistas, como Anderson compara a confusão que se transformou Bagdá com chegada em massa de jornalistas, alterou a economia do local. Tradutores sumiram do mercado a preço de ouro e o mesmo processo se estendeu para hotéis, que aumentaram o preço de suas diárias e funcionavam na base de subornos em troca de benefícios. Os subornos envolviam, inclusive, a preferência na escolha de quartos de hotel voltados para locais com melhor recepção dos telefones por satélite dos repórteres. A localização do próprio hotel também é importante para os correspondentes, pois além de base de operações é necessário garantir que os movimentos de guerra não o isolem. Além disso, ter quartos disponíveis em outros hotéis facilita o trabalho dos correspondentes.

Muitos também especulavam que, assim que começasse a guerra, a parte ocidental da cidade, onde ficava o [hotel] Al-Rasheed, talvez fosse logo desligada da do leste e isolada, sobretudo se as pontes sobre o Tigre fossem bombardeadas. Em consequência, seria sensato ter quartos em diversos hotéis diferentes da cidade para servir de garantia. **Lideradas pela CNN, que reservou vários andares superiores do Hotel Palestine, voltado para os palácios de Saddam, do outro lado do Tigre, muitas outras equipes da mídia também começaram a pegar quartos ali e no vizinho Sheraton** (ANDERSON, 2004, p. 81. grifo nosso).

Anderson revela que outra necessidade na escolha dos hotéis pelos correspondentes, além da segurança, era o acesso à internet. No caso o hotel Al-Rasheed, um cybercafé 24 horas o tornava um diferencial em 2003. Contudo, o local era supervisionado por agentes de segurança do Estado, já que o acesso à população era proibido. Mesmo sendo uma operação controlada de perto pelo governo, que bloqueava a maioria dos websites orientais e examinava os e-mails recebidos e enviados, “era uma maneira conveniente de manter-me a par das notícias que surgiam, e também, com discrição, enviar e receber alguns e-mails” (ANDERSON, 2004, p. 82).

#### 4.3.3 Práticas de comunicação e de suborno

Além de acesso à internet monitorado, todos os correspondentes que levaram telefones por satélite eram informados de que só poderiam usá-lo no Ministério da

Informação e em razão dessa obrigação o local se tornara “um enxame de atividades caóticas e onde todas as organizações de TV tinham suas antenas parabólicas e faziam suas transmissões ao vivo” (ANDERSON, 2004, p. 82). Mas segundo o correspondente, nem todos da imprensa atendia às regras do governo iraquiano, já que a visita ao Ministério da Informação poderia render questionamentos aos repórteres sobre a validade de seus vistos. Anderson revela que os jornalistas que conseguiam negociar quartos de hotéis voltados para o lado sul conseguiam se comunicar sem controles, mas corriam risco em razão das advertências dadas pelo governo aos repórteres que infringissem o acordo, incluindo a pena de expulsão do país.

[...] Aqueles dentre nós que haviam negociado com jeitinho a hospedagem em quartos [do hotel] voltados para o sul, que nos davam acesso ao satélite Inmarsat no oceano Índico, começaram a usar clandestinamente seus telefones por satélite dali. Era assim que eu em geral enviava e recebia e-mails, através de meu computador portátil, pois não confiava no cybercafé do térreo. Corria-se um verdadeiro risco fazendo isso, porque tínhamos sido advertidos que se fôssemos pegos poderíamos ser expulsos do país. [...] Para não arriscar comecei a carregar meu telefone e meu computador comigo numa pequena bolsa a tiracolo sempre que deixava o Al-Rasheed, guardava-a no porta-malas do carro de Sabah (ANDERSON, 2004, p. 82).

Com estrutura deficitária, jornalistas e equipes precisavam ingressar no Iraque com grandes somas de dinheiro, já que não havia outra forma de pagamento a não ser em dinheiro vivo, principalmente em casos de subornos aos militares iraquianos. “Paul [repórter] trouxe [...] 40 mil dólares americanos em dinheiro vivo, que mantinha escondidos em várias partes do corpo. Vendo meu choque, ponderou que o dinheiro era a verdadeira chave para sobreviver em Bagdá durante uma guerra, como sabia pela experiência passada” (ANDERSON, 2004, p. 83). Contudo, por vezes os subornos geravam problemas aos jornalistas que não o operacionalizavam de maneira correta.

Num incidente que logo se transformou em piada de repreensão para os demais, um jornalista da televisão coreana, à espera da extensão de seu visto, ofereceu um maço de notas de 100 dólares ao vice-ministro da Informação, Udai al-Taiee. Depois que o coreano lhe estendeu o dinheiro, consta que al-Taiee teve um furioso ataque de gritos, atirou os dólares de volta ao infeliz correspondente e ordenou que ele fosse imediatamente retirado do Iraque. O erro do coreano, é evidente, fora apresentar o dinheiro na presença do assistente de al-Taiee. Ele não se enganara ao achar que al-Taiee receberia um suborno, mas não havia respeitado o protocolo (ANDERSON, 2004, p. 63).

A guerra do Iraque levou todos os tipos de jornalistas para sua cobertura,

desde os *freelancers*, “que se arriscavam entrando no país sem vistos de imprensa e chegavam sob falsos pretextos de escudos humanos” (ANDERSON, 2004, p. 84), até os mais experientes e famosos jornalistas das principais redes mundiais de comunicação. A obra de Anderson traz uma série de menções do repórter a outros colegas de profissão que assim como ele decidiram realizar a cobertura da guerra no Iraque. Assim como visto em um trecho da análise de Ernest Hemingway, em que o repórter descreve outros correspondentes pelas suas características físicas ou fama profissional, isso se repete no trabalho de Anderson, principalmente pelos traços pouco conhecidos de famosos correspondentes de guerra e que só são revelados pelo olhar de outros jornalistas.

Haviam aparecido algumas personalidades famosas da mídia, entre elas o ilustre **Peter Arnett, que demitido pela CNN anos antes depois de transmitir uma matéria falsa**, havia se recuperado. [...] **Jim Nachtwey, rei do fotojornalismo de guerra internacional**, já estava lá com sua marca registrada, camisa branca e jeans, assim como **Jon Swain, fotógrafo que ficara famoso depois de ter sua história contada no filme Os Gritos do Silêncio**, que sempre usava um cachecol cambojano quadriculado vermelho e branco enrolado no pescoço. **Ross Benson, o simpático e vesgo correspondente do tablóide britânico The Daily Express**, com sua coifa de cabelos brancos e o eterno cigarro aceso em uma das mãos [...]. E por fim, a **inconfundível figura de John Fisher Burns, veterano repórter do The New York Times**, premiado duas vezes com o Pulitzer, que, com seu quase 1,90m de altura e sua revolta mecha de cabelos grisalhos, elevava-se acima de todo mundo (ANDERSON, 2004, p. 72).

#### 4.3.4 Editores e a decisão de permanecer em locais de risco

O fim do prazo dado pelo exército americano ao governo iraquiano chegou ao fim e junto a incerteza quanto à segurança dos correspondentes no Iraque provocava agora um êxodo de volta dos correspondentes. Segundo Anderson (2004, p. 85), “Todos temíamos a possibilidade de Saddam nos usar como reféns, [...] ficava cada vez mais óbvio que não havia nenhuma maneira de garantir nossa própria segurança. Compreendendo isso, algumas pessoas já haviam começado a se retirar”.

Anderson afirma que a atmosfera de ansiedade transformou o convívio entre os jornalistas, e a pergunta central entre a tribo era “Vai ficar ou vai embora?”. Pesava sobre essa decisão a pressão das famílias e dos chefes em seus países de origem para partir. Em uma coletiva de imprensa no dia 7 de março pelo presidente George Bush aconselhara os jornalistas a deixarem o Iraque.

**[...] jornais e redes de televisão britânicos e americanos começaram a dizer a seus correspondentes em Bagdá que se preparassem para partir.** Alguns eram advertidos que sua cobertura de seguro seria revogada se eles desobedecessem; outros eram informados de que seriam demitidos (ANDERSON, 2004, p.128, grifo nosso).

Anderson afirma que não sofreu pressão de seus editores, mas alega que circulava entre as organizações de comunicação que o Pentágono informara que a saída de seus repórteres do local era indicada, já que seus correspondentes eram alvos possíveis de assassinato ou sequestro pelo regime de Saddam, para usá-los como escudos humanos, sendo o hotel base da imprensa internacional um provável alvo de bombardeio.

Meus editores ficaram preocupados, como era natural, e me pediram que mantivesse contato diário com eles, e também que aceitasse sua decisão final sobre o que eu deveria fazer em último caso. Concordei, mas informei-os das precauções que tomara, e também que estava cético quanto às advertências do Pentágono (ANDERSON, 2004, p. 128).

O ceticismo de Anderson, segundo o próprio repórter, era resultado de um processo de alarmismo desencadeado e planejado pelo Pentágono para tirar a imprensa de cena no Iraque. Segundo Anderson, um dos meios desse plano consistia era influenciar as grandes redes de comunicação, já que suas decisões serviriam como modelo a outros veículos de imprensa.

**Sua tendência [o governo] é ir primeiro às redes, que se revelam ser as mais suscetíveis a esse tipo de coisa, e de lá, se propaga pelo corpo da imprensa como um incêndio na mata.** Não necessariamente para fins de censura, mas só para abrir caminho – isto é, trata-se na certa de um estorvo ter de se preocupar em não atingir jornalistas quando quiserem bombardear uma cidade. [...] Em 1998, durante a operação Raposa do Deserto, havia jornalistas aqui e o hotel não foi atingido. O Pentágono arriscaria matar até duzentos membros da mídia de todo o mundo visando o Al-Rasheed – para não falar nas dezenas de empregados civis do hotel que trabalham aqui? Acho que não (ANDERSON, 2004, p. 128).

Porém, a decisão de Anderson não foi a mesma de grande parte da imprensa. Segundo Anderson (2004, p. 136, grifo nosso), **“o pinga-pinga de jornalistas ocidentais que deixavam Bagdá transformou-se num êxodo completo. A evacuação americana foi encabeçada pelas redes de televisão NBC e ABC”**. Essa ação em massa da mídia em sair do Iraque levou os editores de Anderson a pedirem que ele também deixasse o local. Anderson argumentou com seus editores que outros repórteres permaneceriam lá.

Por volta das quatro da tarde, recebi um telefonema do editor-chefe da The New Yorker, David Remnick, pedindo-me que deixasse o Iraque o mais rápido possível. **Ele citou as decisões de última hora de seus colegas do The Washington Post e do The New York Times de retirarem correspondentes.** Vários dias antes, eu prometera a David que obedeceria à sua palavra final de ficar ou não, **mas pedi mais tempo, citando o fato de que John Burns, correspondente do The Times (e indiscutível decano dos correspondentes no exterior, com trinta anos de experiência de terreno e dois Pulitzers faturados pelas reportagens em Sarajevo e no Afeganistão), também estava determinado a ficar.** David concordou, relutante, em esperar para ver como as coisas se desenvolveriam [...] (ANDERSON, 2004, p. 145, grifo nosso).

Anderson comenta que em meio ao caos, era impossível fazer uma contagem de repórteres que resolveram ficar. Tempos depois, o repórter obteve a informação que teriam ficado cerca de 200 jornalistas de aproximadamente 30 nacionalidades diferentes, com participação de repórteres espanhóis, franceses e gregos. Já entre os americanos, eram 15 profissionais e entre eles...

[...] o baixinho Peter Arnett também ainda estava por lá, gabando-se para quem quisesse ouvir de sua cobertura sozinha de Bagdá durante a Guerra do Golfo de 1991. **Era encarado como um paria pela maioria de seus colegas ocidentais, mas redes de televisão asiáticas e árabes claramente o consideravam uma celebridade.** Eu o via com frequência dando entrevistas no saguão do hotel, a voz ribombando portentosa (ANDERSON, 2004, p. 150, grifo nosso).

Mesmo alegando aos seus editores que deixaria o Iraque, Anderson, assim como outros repórteres, se manteve no local e acompanhou o início dos conflitos, que desencadearia uma nova fase na cobertura do repórter.

#### 4.3.5 O início da guerra e as “máquinas de desinformação”

Se as decisões das grandes redes de imprensa eram determinantes para a permanência dos repórteres até o início dos conflitos, com o início do conflito a mídia internacional e estatal, passou a atuar como operadora da agenda dos repórteres que ficaram para acompanhar o início dos bombardeios em Bagdá. Além da ampliação dos riscos para a segurança dos repórteres e cerceamento da informação, essa fase da cobertura de Anderson traz uma série de apontamentos para movimentos de desinformação realizados pelo governo iraquiano em querer se utilizar dos correspondentes em suas estratégias de comunicação, com informações erradas e abusos de recursos de propaganda com o objetivo de influência na opinião

pública internacional.

Com o início da guerra, Anderson (2004, p. 158, grifo nosso) informa que usou seu laptop **“para entrar na Internet em busca de notícias do mundo exterior [...] Parecia que autoridades e jornalistas americanos já especulavam que o ditador talvez houvesse sido morto nos ataques”**. As formas encontradas pelo repórter para se informar dos acontecimentos são por meio da própria mídia iraquiana e por informações que chegam pelos editores. A veracidade da informação de que Saddam estava vivo, chegava por meio de imagens na TV. “Um grupo de pessoas em volta de uma TV. Eu me meti no meio delas e vi que ouviam Saddam, numa imagem ruim de vídeo, falando para a câmera. Pelo que pude deduzir, ele dizia coisas que deixavam claro que o vídeo fora feito naquele dia” (ANDERSON, 2004, p. 158).

Anderson também soube, a partir de uma mensagem por e-mail de sua editora em Nova Iorque, que o Pentágono avisava anteriormente a imprensa internacional, em *“off”*, sobre ações táticas, sugerindo cuidado em determinadas áreas de Bagdá e recomendavam ao repórter para ficar “[...] pelo menos 3 quilômetros ao sul da rua 14 de julho e da estação ferroviária” (ANDERSON, 2004, p.159) Junto com os bombardeios, que já eram de conhecimento antecipado pela imprensa, Anderson revela também a violência do governo iraquiano contra os repórteres, especialmente contra os de redes como a CNN, que haviam noticiado, ao vivo, o início dos conflitos.

Alguns minutos depois, alguém batia em nossa porta para nos advertir que os homens da segurança haviam maltratado alguns câmeras e fotógrafos que se esgueiraram até o telhado do Palestine. [...] Isso coincidia com as notícias de que a CNN estava sendo expulsa do Iraque, imediatamente, como vingança pela radiodifusão dos bombardeios da noite ao vivo do Palestine. Lideradas pela CNN, as redes vinham discutindo em vão havia vários dias com Uday al-Taiee para obter permissão de transmitir do Palestine, citando risco mortal de continuarem a operar no Ministério da Informação. [...] Logo depois das notícias sobre a CNN, fomos advertidos que Mukhabarat estava efetuando uma varredura de nosso hotel andar por andar, em busca de telefones por satélite (ANDERSON, 2004, p. 160).

A CNN foi expulsa e os chefes do ministério da informação iraquiano anunciaram em coletiva aos jornalistas que “se descobrisse alguém dando entrevistas por telefone à CNN, que fora posta à força para fora do país, seria expulso do Iraque.” Mesmo com risco, os repórteres desenvolveram rapidamente um processo que permitia a comunicação com outros repórteres. “[...] **tínhamos**

montado um serviço de transmissão de recados com vários outros repórteres [...] mais ou menos como fazem os presidiários para passar mensagens de que vai haver revista e depois que está tudo limpo” (ANDERSON, 2004, p. 177, grifo nosso). Com a saída da CNN, a rede de TV árabe Al Jazeera amplia sua participação no noticiário internacional e domina a atenção dos correspondentes.

De volta ao [hotel] Palestine, encontrei uma grande multidão que continuava assistindo à TV no saguão. **Mostrava algumas imagens nítidas, feitas pela Al Jazeera, de soldados americanos mortos. [...] As imagens coincidiam com boletins de notícias que confirmavam parte do que disseram [...] que os americanos estavam atolados em combate em vários lugares no sul, e sofrendo baixas. Também chegavam por vias secretas informações de que jornalistas estavam sendo mortos no norte e sul do Iraque** (ANDERSON, 2004, p. 181, grifo nosso).

A rotina de coletivas de imprensa realizadas pelo governo iraquiano não foi alterada, mesmo com os combates em curso.

À noite, jornalistas foram convocados a um salão de um banquete no andar térreo do Sheraton para ouvir o ministro de Defesa do Iraque [...] dar sua versão sobre o progresso guerra. [...] Disse-nos que no sul, por exemplo, os americanos estavam apanhando e só haviam conseguido garantir uma frágil posição nos arredores do aeroporto de Basra (ANDERSON, 2004, p. 181).

Com a dificuldade em conseguir informações, os correspondentes tiveram que retomar suas apurações por meio das bases montadas no Ministério da Informação. Segundo Anderson (2004, p. 188), “algumas equipes de televisão continuavam indo para lá para obter as notícias diárias”. A situação começou a ficar complicada para a cobertura do repórter quando os bombardeios atingiram o prédio da Corporação Iraquiana de Rádio e Televisão. Anderson que relata que ficou sabendo quando o repórter John Burns telefonou para ele questionando se seu aparelho de televisão estava funcionando.

Verifiquei, e só encontrei estática na tela. **Ele [outro correspondente] disse que acabara de saber do ataque por Dan Rather [editor] em Nova York, que lhe telefonara para fazer comentários para a transmissão para o noticiário da noite CBS Evening News, e aguardava a confirmação dele em sua linha telefônica por satélite.** Lá pelo meio da manhã, um amontoado de pessoas se formara em torno de um aparelho de televisão no saguão de entrada do hotel, vendo a imagem de um locutor de notícias iraquiano uniformizado falando na tela chuviscada. Disseram-me que a transmissão vinha de um transmissor substituto de emergência ativado nas últimas horas (ANDERSON, 2004, p. 189, grifo nosso).

Com as dificuldades em se informar por meio de qualquer aparelho de comunicação, coube aos jornalistas partirem em busca de notícias sugeridas pelo



governo iraquiano. Anderson comenta que mesmo sem saber o motivo que levava outros jornalistas a embarcarem em ônibus, ele acompanha a excursão sem saber o destino, mas já insinuava o objetivo dos oficiais do ministério da informação, que não desistiam de tentar influenciar o trabalho dos jornalistas com imagens fortes dos bombardeios dos americanos. “Eram excursões de inspeção a locais recém-bombardeados envolvendo alvos civis; aquilo se tornara um ritual para a imprensa estrangeira [...] Nunca nos mostravam qualquer estrago causado em instalações militares ou nos edifícios do complexo presidencial” (ANDERSON, 2004, p. 191). Se por um lado o governo iraquiano trabalhava em tentar reduzir o impacto dos ataques americanos em alvos civis, o ceticismo de Anderson também se volta à própria grande imprensa. O ceticismo quanto à veracidade das informações que recebia aparecem mais claramente no diálogo entre Anderson e um auxiliar do repórter que o pergunta sobre a situação de seu país.

Mais tarde, ouvi notícias da BBC num rádio de ondas curtas, informando que Karbala caíra para as forças de coalizão, que também atacavam a cidade de Kut. A BBC dizia que a batalha por Bagdá era iminente. Salaar, meu antigo acompanhante oficial, apareceu e me perguntou se eu sabia o que estava acontecendo. **Eu lhe disse o que ouvira na BBC [...] Eles a tomaram? Assenti, explicando que não eram notícias confirmadas, mas o quê a BBC estava divulgando** (ANDERSON, 2004, p. 223, grifo nosso).

#### 4.3.6 A decisão de deixar o local da cobertura

O Ministério da Informação voltou sua atenção para a Al Jazeera quando a rede árabe começou a transmitir o conflito. Anderson (2004, p. 233), revela que um dos chefes do ministério iraquiano de informação “fez então um pequeno sermão para a mídia sobre a necessidade de exatidão e verdade em seus relatos das notícias, e destacou jornalistas, sobretudo da Al Jazeera, por dizerem mentiras sobre o que viam”. Segundo o repórter, essa represália se devia ao fato da rede árabe ter transmitindo notícias ao vivo do combate de sua própria mansão situada na margem oposta do Tigre.

Juntamente com a ampliação do cerceamento à informação promovido pelo governo iraquiano, a falta de segurança para trabalho dos repórteres foi um dos motivos que forçou a saída de Anderson do Iraque. Uma série de ações contra jornalistas são narradas pelo repórter, inclusive uma situação que por pouco não o

levou a morte, não fosse a intervenção de um nativo. Entre os fatos mais expressivos, Anderson conta o incidente ocorrido contra jornalistas, dessa vez pelo próprio exército americano, e que rendeu uma série de questões da imprensa internacional quanto aos objetivos dos Estados Unidos na guerra.

Fiquei sabendo que o quarto da Reuters [...] havia sido atingido por alguma coisa, ninguém sabia o que, e que três repórteres sofreram graves ferimentos. [...] **A maioria dos repórteres com quem falei achava que fora um ataque iraquiano e estava preocupada com o que isso poderia significar para nossa segurança.** [...] Em todo caso, eu não concebia que os americanos houvessem disparado contra um hotel onde sabiam que o corpo de imprensa internacional se achava congregado. [...] Eu estava errado. Mais tarde, soubemos que de fato o hotel fora atingido por um projétil disparado por um dos tanques [...]. Os americanos confundiram os repórteres e acreditavam que estivessem sendo atacados por franco-atiradores (ANDERSON, 2004, p. 241).

Anderson retornou ao Iraque meses depois com o objetivo de localizar antigos amigos e avaliar a situação local. Segundo o repórter, “localizei vários dos nossos antigos acompanhantes oficiais [...]. Alguns haviam permanecido e se empregado com jornalistas como guias e tradutores *freelancer*” (ANDERSON, 2004, p. 310). Já os repórteres, agora não mais cogitavam trabalhar fora de locais que não tivessem a segurança militar americana.

O Iraque era um lugar muito mais perigoso do que fora um ano antes. Os iraquianos haviam sido libertados da ditadura pela Operação Liberdade do Iraque, mas sua recém-obtida liberdade não era algo que pudessem apreciar facilmente. Podiam agora manifestar opiniões, surfar na web e ver televisão por satélite, ler todos os jornais que quisessem e entrar no partido político de sua escolha (com exceção do Baath); mas agora, também, os terroristas e criminosos estavam livres para atacar à vontade, aparentemente a quem quisessem, quando e onde quisessem (ANDERSON, 2004, p. 351).

“As únicas pessoas em Bagdá que vivem sem tal proteção são os iraquianos comuns, e para eles a vida se tornou igualmente arriscada” (ANDERSON, 2004, p. 352).

#### **4.4 Larry Rohter. Deu no New York Times (2004)**

##### **4.4.1 O correspondente que quase foi expulso do Brasil**

Entre as matérias escritas por correspondentes internacionais baseados no Brasil, uma publicada pelo jornal americano *The New York Times* estará entre as

mais polêmicas. Além da mobilização da imprensa local e internacional, seu impacto resultou no livro *Deu no New York Times*, escrito pelo correspondente do jornal na época, Larry Rohter, e selecionado para essa análise. O livro de Rohter contém uma compilação de matérias escritas pelo repórter antecidas por capítulos que abordam desde os problemas ambientais na Amazônia até a riqueza da cultura nordestina. Quanto às dúvidas que podem surgir com uma publicação feita por um jornalista norte-americano sobre o Brasil, Rohter é enfático em advertir na obra que se trata da visão do repórter.

Seria uma insensatez para qualquer estrangeiro ter pretensão de “conhecer” o Brasil bem o suficiente para explicá-lo com autoridade para estrangeiros, que dirá para brasileiros. Espero ter evitado essa armadilha, e escrito um livro que não é sobre o Brasil, mas simplesmente sobre o meu Brasil (ROHTER, 2007, p. 19).

Correspondente no Brasil para diversos veículos de imprensa entre 1997 e 2007, o jornalista chegou ao país pela primeira vez em 1972 a serviço da emissora brasileira Globo, incumbido em auxiliar na cobertura no 7º Festival Internacional da Canção. Segundo o jornalista, entre as atividades que desempenhou para compreender o Brasil, estava de o “colher café a cana-de-açúcar, apenas para ser capaz de entender melhor a natureza desses trabalhos – o que me levou a concluir que cortar cana deve ser o pior trabalho do mundo” (ROHTER, 2007, p. 163).

Entre as características que levaram o repórter a se interessar pelo país, Rohter (2007, p. 29), revela que o Brasil “era um prato cheio para qualquer jornalista”, devido à enorme, variada, e de alta qualidade, produção cultural do país, “o que por si só é suficiente para justificar a cobertura”, para Rohter. A experiência e vontade de ampliar a cobertura em solo brasileiro aumentaram quando Rohter se casou com uma brasileira, também jornalista, e acabou contratado pela emissora de TV Globo para participar da construção de programas.

**Trabalhar na Globo não apenas propiciou *insight* sobre o Brasil e os brasileiros e me ajudou a melhorar meu português, como também proporcionou minha primeira experiência real de reportagem.** Durante a convenção do Partido Republicano de 1972, trabalhei como assistente de produção, e também, ajudei a produzir alguns dos primeiros segmentos americanos para um programa dominical no horário noturno que, nos disseram, devia ser uma variação brasileira do antológico noticiário *60 minutes* que acabava de se tornar popular na rede CBS nos Estados Unidos. Estou falando, é claro, do Fantástico, que, no melhor estilo antropofágico brasileiro, acabou evoluindo para algo inteiramente diferente (ROHTER, 2007, p. 15, grifo nosso).

Como já mencionado, o livro de Rohter traz uma série de matérias antecedidas por comentários que revelam suas opiniões sobre uma série de assuntos. Contudo, é facilmente identificável que o livro possui uma razão de existir: apresentar a versão do correspondente para contar os processos que o levaram a escrever a polêmica matéria sobre o principal líder político brasileiro. Em razão da abrangência de informações que contam mais do que as práticas do repórter, mas suas opiniões políticas sobre vários assuntos brasileiros e outros detalhes que poderiam desviar os objetivos do trabalho, nossa análise acabou focada nos relatos do repórter que comentam o processo de produção da polêmica reportagem já citada.

No dia 9 de maio de 2004 o jornal publicou uma extensa matéria, "*Brazilian Leader's Tippling Becomes National Concern*"<sup>25</sup>, acompanhada de foto no topo da página, sobre problemas de gestão no governo brasileiro em razão do suposto consumo em excesso de bebidas alcoólicas pelo presidente da República, Luis Inácio Lula da Silva. Dias após a publicação da matéria, o governo brasileiro emitia uma ordem de expulsão do jornalista americano, baseado em uma lei do Governo Militar da década de 1980. A ação desastrada do governo piorou a situação, e se antes Lula era visto como um governante embriagado, agora era um opressor da liberdade de imprensa, com repercussão sobre o fato da expulsão em todo o mundo.

Como o próprio Rohter diz no livro, a imprensa brasileira em peso e outras instituições criticaram a atitude do governo, que acabou desistindo de expulsar o correspondente do *The New York Times*. Mais do que relatar os passos para a produção da matéria, Rohter apresenta as razões de sua abordagem do assunto e os motivos que levaram o governo a cogitar sua saída do Brasil. Segundo ele, a matéria sobre Lula seria apenas um motivo do governo para afastar um correspondente que escrevia sobre assuntos que importunavam o governo federal e o partido da situação.

Qualquer reportagem sobre o PT, por outro lado, seguramente produziria uma chiadeira e cartas exaltadas ao editor. Quando o New York Times publicou uma matéria escrita por mim sobre Marta Suplicy e como o rompimento de seu casamento com o senador Eduardo Suplicy estava afetando a política em São Paulo, por exemplo, o PT protestou com veemência, argumentando em uma carta que o tema era impróprio e que eu

---

<sup>25</sup> Tradução do jornal Folha de S. Paulo: Hábito de bebericar do presidente vira preocupação nacional. Disponível em <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/brasil/fc0905200405.htm>> Acesso em: 9 jan. 2012.

estava sendo desrespeitoso. Isso simplesmente contrariava a lógica. Marta Suplicy afirma ser feminista, e uma das bandeiras desse movimento sempre foi que “o pessoal é político e o político é pessoal”. Esse é o padrão pelo qual ela deve ser julgada, e foi ele que eu apliquei. Nada que reflita sobre as crenças, políticas popularidade e eficiência no cargo de qualquer representante eleito deve jamais ser considerado inaceitável ou irrelevante (ROHTER, 2007, p. 167).

Rohter alega que mesmo antes do início de mandato como presidente, o repórter tinha muita dificuldade em escrever sobre Lula e que isso resultava de reações extremas causadas pelo Partido dos Trabalhadores (PT). O correspondente revela que durante a campanha de 2002 seus editores em Nova Iorque pediram um perfil do então candidato e que os pedidos de uma entrevista com Lula para a produção do material eram sempre respondidos pelos assessores com respostas vagas, como “o assunto está sendo estudado ou há conflitos de agenda” (ROHTER, 2007, p. 168). Mas depois que o perfil foi publicado, o correspondente comenta que assessores do candidato reagiram enviando cartas para os editores do repórter. Rohter (2007, p. 168, grifo nosso) conta que foi necessário redigir um memorando a seus editores em que apresentava “**referências da imprensa brasileira**” sobre o termo “xiita”, que o repórter usou no perfil, mas baseado em um termo comum adotado pelos principais jornais nacionais do Brasil para definir uma linha ideológica dentro do PT.

O repórter aponta que o caso envolvendo Lula foi um modo de aplacar e reduzir outras reportagens que ele havia começado a trabalhar, entre elas o caso do assassinato do político e também filiado ao PT, Celso Daniel, publicada em fevereiro de 2004, e que “nada tinha alarmado e assustado mais o entorno de Lula do que uma reportagem que escrevi sobre o caso três meses antes da reportagem que aparentemente levou o governo do PT a buscar minha expulsão” (ROHTER, 2007, p. 171). Rohter (2007, p. 174), explica que “Antes de a reportagem sobre Celso Daniel ser publicada, contatei o PT para comentar o assunto, como requer a prática jornalística apropriada. Eles ficaram nervosos com minha abordagem do caso Celso Daniel, que ainda estavam tentando abafar”.

#### 4.4.2 Critérios de cobertura de um correspondente do NYTimes

O correspondente conta que não tinha tempo ou intenção de buscar informações aprofundadas sobre o caso Celso Daniel, já sabendo que a mídia

nacional teria muito mais recursos e sucesso na apuração do assunto. Além disso, Rohter alega que seus editores tinham uma longa lista de assuntos que o repórter deveria cobrir. Contudo, o partido do presidente tinha identificado no correspondente do *The New York Times* uma ameaça que deveria ser combatida e, segundo o repórter, a matéria sobre o consumo de álcool pelo presidente foi um motivo para isso, mesmo que o assunto fosse amplamente discutido entre políticos e a imprensa, como afirma Rohter.

**Histórias sobre o hábito de beber de Lula tinham circulado entre políticos e repórteres durante muitos anos**, bem antes de ele se tornar chefe de Estado. Eu também as ouvia, e mesmo o pouco contato que tivera com Lula me deixara a impressão de que elas poderiam merecer crédito. Mas enquanto ele foi simplesmente o eterno aspirante à Presidência, e não o ocupante de fato do cargo, essas histórias não me pareceram tão relevantes. Para a imprensa brasileira, sim, mas não para um jornal americano. Afinal, nós tínhamos nosso próprio candidato, George Bush, cuja história pessoal incluía problemas com bebida, todas elas devidamente publicadas e discutidas durante a campanha de 2000, em vez de serem varridas para debaixo do tapete, como era o caso aqui (ROHTER, 2007, p. 176, grifo nosso).

Rohter (2007, p. 179) justifica que tinha como modelo os interesses jornalísticos de seu país de origem e que “qualquer coisa que possa impactar o desempenho de um servidor público é pauta”. De acordo com o jornalista, por ser um repórter americano, escrevendo para um jornal também americano com leitores americanos, o assunto era totalmente válido e iria ser tratado pelo jornalista. Rohter defende a produção de sua matéria em razão de valores-notícia que teriam significado para o público americano. Justifica que o mesmo tom já havia sido dado à cobertura do presidente dos Estados Unidos da época, George Bush, que assim como Lula também gostava de exagerar um pouco nas bebidas, segundo as afirmações do repórter.

Em relação à apuração, o repórter afirma que procurou uma resposta do governo brasileiro, mas obteve como único retorno que o governo não iria comentar o assunto, alegando questões culturais e desinformação no tratamento dado pelo jornal americano ao caso. O correspondente diz que buscou fazer entrevistas no próprio governo, tentando conversar com responsáveis diretos da assessoria de Lula, entre eles o jornalista Ricardo Kotscho, repórter de grande reconhecimento no Brasil, mas que fora recebido por um auxiliar da área, e que utilizava gravadores em suas entrevistas, porém na ocasião teria sido proibido em utilizá-lo.

Olhando hoje minhas anotações daquela sessão no Palácio do Planalto (eu tinha um gravador, mas não fui autorizado a ligá-lo), ela parece um exemplo perfeito de choque de culturas. Inicialmente, Kerche (o auxiliar da assessoria) não tentou negar o borburinho de especulação sobre o hábito de beber de Lula. Em vez disso, ele argumentou que a vida privada do presidente era privada, e devia, portanto, ficar fora dos limites de investigação da imprensa (ROHTER, 2007, p. 179.)

No livro, Rohter diz que ouviu uma série de políticos, mas o único que autorizou a publicação do nome foi Leonel Brizola, ex companheiro de Lula, mas que durante a produção da matéria havia se tornado inimigo do futuro presidente. Escreve ainda que muitos dos políticos que ele havia confirmado informações sobre o assunto, mas que proibiram que suas identidades fossem reveladas, criticaram o teor da matéria após a sua publicação. “Mais de 12 políticos de Brasília que me denunciavam [...] tinham sido informantes para minha reportagem e expressado suas preocupações com a recente passividade de Lula e suas suspeitas de que ele andava bebendo em excesso” (ROHTER, 2007, p. 182).

#### 4.4.3 A participação da imprensa local na produção da reportagem

Mesmo citando quase todos os principais veículos de imprensa do Brasil, no livro, Rohter (2007, p. 178) diz que foram políticos e não jornalistas as suas fontes. Ainda de acordo com a obra, Rohter se defende das acusações contra ele, que alegavam práticas de constituição da matéria baseadas unicamente nos discursos publicados pelas colunas dos jornalistas Diogo Mainardi e Cláudio Humberto, o que ele chamou de “absurdo”.

Um ex-presidente confidenciou a dois amigos meus brasileiros sua preocupação com o fato de Lula parecer passivo, alheio e nada senhor da situação. “Acho que Lula anda bebendo de novo”, ele disse a meus dois amigos, que imediatamente me passaram a informação. Naquele momento decidi que o assunto deveria ser investigado, e comecei a procurar a sério descobrir informações, fazendo a apuração. Depois que a minha matéria foi publicada, o Palácio do Planalto e seus aliados procuraram desqualificar a reportagem **alegando que minhas únicas fontes foram Diogo Mainardi e Cláudio Humberto**<sup>26</sup>. Isso é balela, um completo absurdo. Nunca na vida me encontrei nem conversei com nenhum desses dois colunistas, **e em todo caso jamais teria baseado uma reportagem em declarações de um par de críticos sem nenhum acesso a Lula ou a seu círculo íntimo. Apenas citei pequenos trechos das colunas deles para exemplificar a especulação reinante no meio político brasileiro naquele momento** (ROHTER, 2007, p. 178, grifo nosso).

---

26

Colunistas de jornais e revistas brasileiros

Porém, as afirmações do jornalista a respeito das fontes que basearam seu discurso se tornam confusas em alguns momentos, já que é a partir de um outro jornalista da imprensa nacional, não citado na matéria do *The New York Times*, que o repórter mantém a continuidade da reportagem. Dias antes de ser publicada, Rohter diz ter lido a coluna da jornalista Miriam Leitão, no jornal O Globo. Mesmo reconhecendo a repórter como uma outra crítica feroz do governo do presidente, Rohter distingue a jornalista como sendo “uma craque, uma das melhores jornalistas do Brasil, concisa e competente no texto impresso e ágil e eloqüente na televisão” (ROHTER, 2007, p. 179).

Deixei brevemente a questão de lado para trabalhar em outras matérias e pensar sobre o que queria fazer a seguir. **Mas então li algo na coluna de Miriam Leitão em O Globo que me certificou de que eu estava na trilha certa e de que era hora de seguir adiante e concluir a matéria.** [...] Ela também é obviamente muito bem relacionada e respeitada, com fontes tanto no governo como na oposição. **Considerando tudo isso, o primeiro parágrafo de sua coluna naquele dia era como uma bandeira de advertência** (ROHTER, 2007, p. 179, grifo nosso).

Na sequência, Rohter afirma que a partir das declarações da jornalista, sobre um evento no qual Lula voltou a exagerar na bebida e conseqüentemente em seus discursos, ele entrou em contato com fontes presentes no mesmo evento e que confirmaram a situação do presidente. Além dessas fontes consultadas, outras duas afirmaram o mesmo cenário descrito pela jornalista o que configurou à Rohter a conclusão sobre a publicação da matéria. De acordo com o correspondente, advogados do jornal americano leram o seu texto e não encontraram motivos para que o material sofresse qualquer tipo de censura ou problemas jurídicos. Com esse processo, a matéria foi publicada.

#### 4.4.4 Título dos editores ampliou o impacto na matéria

Rohter conta que o PT e grande parte da imprensa exploraram exclusivamente a informação publicada no título do texto: “Gosto do dirigente brasileiro pela bebida torna-se preocupação nacional”. Segundo o jornalista, essa era a única fenda na sua reportagem e que não estava preparado, já que como revela o autor “repórteres não escrevem os títulos de suas matérias, e quando vi as palavras no alto da minha reportagem, tive de estremecer, porque suspeitava que aquilo ia criar problema” (ROHTER, 2007, p. 183). Por mais que Rohter afirme que a



matéria era baseada nas declarações e boatos fechados ao círculo de políticos e da imprensa nacional, a decisão de seus editores em ampliar o espectro ajudou para o impacto negativo da notícia. Larry Rohter revela que, mesmo com toda a repercussão na imprensa e no meio político, não imaginava que Lula e seu governo tomariam a decisão de expulsá-lo do país, principalmente se utilizando de uma lei criada no período da Ditadura Militar e que isso acabou revertendo a situação, principalmente pela imprensa brasileira.

Mas ao tentarem me expulsar, empregando uma lei que datava dos piores dias da ditadura militar, eles tinham ido longe demais e agora estavam também pisando nos calos dos brasileiros. A imprensa em particular tendia a se sentir ameaçada. Lula está sempre se queixando, às vezes com justa razão, do “corporativismo” na imprensa brasileira. Mas nesse caso ele ignorou uma lição que sua própria experiência o ensinara, e ao fazê-lo transformou-se imediatamente de vítima em vilão (ROHTER, 2007, p. 184).

Após o governo retirar a proposta de expulsão, foi necessário que os editores do New York Times encaminhassem uma série de documentos, emitidos pelo Governo Federal, para fins de regularização do correspondente. Segundo Rohter, o governo brasileiro novamente tentou desmoralizar o trabalho do jornalista e do veículo alegando que os documentos enviados se tratavam de um pedido de desculpas, realizando uma coletiva de imprensa, para anunciar tal fato.

Ele convocou depressa repórteres (com exceção, é claro, do New York Times) para uma entrevista coletiva em São Paulo e disse a eles que eu tinha escrito “uma carta de retratação”, e que Lula tinha generosamente aceitado meu “pedido de desculpas” (ROHTER, 2007, p. 188).

Mas segundo Rohter, grande parte da cobertura dos jornais na manhã seguinte reconheceu a manobra do governo pelo que ele era.

“Governo cria ‘retratação’ e devolve visto para jornalista” foi a manchete principal de O Estado de S. Paulo e a Folha foi “Lula anula a expulsão; NYT nega ter se retratado”. A Veja foi um pouco mais longe, tratando da questão em uma matéria de capa que detalhava várias ocasiões em que repórteres brasileiros tinham mencionado o pesado consumo de álcool por Lula e em que ele tinha parecido estar bêbado. Mas a matéria da TV Globo foi a primeira a aparecer, estabelecendo um tom negativo, e provocou muitos danos (ROHTER, 2008, p. 189).

Por fim, Rohter alega que recebeu elogios de pessoas ligadas ao governo e Lula, já que, segundo o repórter, a reportagem teria alertado o presidente que ele era observado e por isso precisava reduzir o ritmo no consumo de bebidas alcoólicas.

Esses contatos usaram a matéria de Rohter para argumentar suas dúvidas quanto à gestão do país e comprovar que a presidência passava por dificuldades. “Sabe, o que a gente deve é te agradecer àquela matéria tua’, [...] ‘Porque o Lula realmente estava exagerando na dose’, ele respondeu. ‘É graças à tua matéria, ficou mais fácil dar uma controlada nele. **Agora ele sabe que sempre está sendo observado**” (ROHTER, 2007, p. 192, grifo nosso).

#### 4.5 Alexandra Coelho. *Tahrir: Os dias da revolução no Egito* (2011)

##### 4.5.1 A correspondente que tirou férias para acompanhar uma revolução

Correspondente no Brasil do diário português *Público*, Alexandra Lucas Coelho já foi correspondente em Jerusalém e realizou coberturas no Oriente Médio e Ásia Central. Atuou também como repórter especial e editora do caderno literário e de cultura do mesmo jornal, entre outras atividades do jornalismo. Antes de *Tahrir*, obra que analisaremos na sequência, Coelho publicou outros três livros, *Oriente Próximo*, *Caderno Afegão* e *Viva México*, resultados tanto de suas coberturas no exterior como correspondente e enviada especial, ou simplesmente como uma viajante sem compromissos em escrever reportagens.

Em *Tahrir. Os dias da revolução no Egito* Coelho narra sua visão durante os dias de turbulência enfrentados pelo povo Egípcio com os dias anteriores ao final do regime militar de Hosni Mubarak. De acordo com Coelho (2011, p. 5) sua obra não deve ser entendida como uma reportagem, mas relatos pessoais sobre o que ela assistiu em meio à revolução egípcia. “As páginas que se seguem não são uma cobertura jornalística. São um relato dos dias antes, durante e depois da queda de Hosni Mubarak”.

Assim como o resto do planeta, que acompanhava a revolução não mais só pela TV, mas pelas redes sociais, plataforma fundamental para o desenvolver da revolução no Egito e em outros países Árabes, Coelho se utilizou da rede social *Facebook* para postar fotos e impressões sobre o lugar e que acabariam determinando muitos dos relatos e da forma como ela irá tratar suas fontes durante os dias no Egito. “Durante a estadia usei o Facebook diariamente para postar fotografias e legendas ou apontamentos. Foi emocionante sentir o impacto da revolução através da partilha de centenas de pessoas” (COELHO, 2011, p. 110).

Coelho (2011, p. 1) conta que as batalhas campais na praça Tahrir, núcleo da revolução no Egito, a fizeram mudar seus planos de retorno ao Brasil e viajar de Paris diretamente para o Cairo depois de pedir uma semana de férias ao veículo que trabalha. Não só ela, mas uma dezena de pessoas entrevistadas pela jornalista contaram terem ido para o Egito após verem as cenas de convulsão social pela TV, por exemplo, em um relato narrado por Coelho: “Memória de Marwa, que voou de Genebra para viver a revolução: No dia dos cavalos e dos camelos {que atacaram a praça} eu estava sentada em casa  **vendo uma transmissão ao vivo na televisão** e imediatamente fui para o computador e marquei um voo para o Cairo” (COELHO, 2011, p. 84, grifo nosso). A possibilidade de acompanhar todos os principais fatos pelos meios de comunicação já permitem à jornalista constituir um cenário para o local que encontraria quando desembarcasse.

**No aeroporto de Amsterdã as televisões mostram um furgão da polícia egípcia numa corrida louca para atropelar o máximo de gente. Manifestantes contam como foram presos e espancados e levaram choques elétricos. Imagens de tanques debaixo dos viadutos à volta da Praça Tahrir, chuva de pedras em frente ao Museu Egípcio** (COELHO, 2011, p. 11, grifo nosso).

Coelho conta que não seria a primeira vez que viajaria ao Egito, mas que foi essa a primeira em que conseguiu desembarcar. A primeira viagem ao país das pirâmides foi interrompida pelo início de um conflito na região e que acabou alterando sua rota, um risco ao qual todos repórteres internacionais correm e que precisam estar preparados para realizar uma cobertura muito diferente do planejado. “Mas mal cheguei ao Cairo o meu jornal informou-me de que o exército de Israel estava a entrar nos territórios palestinos e pediu-me que fosse para Jerusalém. Voei assim do Cairo diretamente para o conflito israelo-palestino, sem saber sequer onde ficava Ramallah (COELHO, 2011, p. 14).

No Cairo, Coelho (2011, p. 109) conta que se abrigou no quarto de uma amiga jornalista, “[...] Margarida Mota, do jornal *Expresso*, que me convidou a partilhar o quarto onde já estava”. A chegada da repórter até a praça Tahrir é dificultada pelo caos no local. Além disso, a jornalista conta que dias antes da chegada dela ao local, muitos jornalistas estrangeiros sofreram com a violência implacável contra a imprensa. “A ofensiva do regime incluiu apelos sanguinários nos meios de comunicação, destruição de equipamento, detenções e agressões. Um jornalista egípcio foi morto” (COELHO, 2011, p. 17).

Já na vez da repórter tentar acessar a praça Tahrir, como de costume, os jornalistas estrangeiros foram encaminhados para tratar do seu acesso com oficiais que questionaram primeiramente o país de origem da jornalista e que no caso de Alexandra rendeu surpresa pelo critério utilizado pelo oficial que a interrogou para permitir sua entrada no local. “Portugal suscita uma de duas reações, 'Luís Figo!' ou 'Cristiano Ronaldo<sup>27</sup>!', e quando esse momento chega sei que vou passar. Liberdade-Igualdade-Fraternidade, sim, mas que seria de tudo isso sem o futebol?” (COELHO, 2011, p. 16).

#### 4.5.2 Revolução e cobertura via Facebook

Se a imprensa estrangeira não era bem-vinda pelo regime que se utilizava da violência contra ela, não serão essas fontes a relatar para a repórter o que se passa no local. Dessa forma, a repórter busca sintetizar o acontecimento por meio das pessoas comuns, algumas nem tanto como veremos na sequência, e que traduzem um pouco da revolução para a jornalista. Mais do que isso, revela um novo cenário no fluxo de comunicação em que a apuração é coletiva e as trocas ocorrem freneticamente pelas redes sociais acessadas por computadores e telefones móveis nas mãos dos jovens: “E Khaled volta ao orgulho egípcio. 'São os jovens que estão fazendo esta revolução: as velhas gerações aceitaram a situação, nós não. **Somos os que usamos a nova tecnologia, o Facebook, sites que nos mostram as diferenças entre nós e os outros países**” (COELHO, 2011, p. 19, grifo nosso).

As posições da repórter sobre os possíveis desfechos da crise são determinadas a partir da conversa com as pessoas que fazem a revolução. Como verdadeiro coro, o uso das redes na mobilização das pessoas, mas sem esquecer da presença das grandes redes de notícias.

Com certeza de que o regime vai cair. [A sequência é uma declaração de uma entrevistada] 'Mubarak tem de sair, não tem outra alternativa. Todos os dias faz coisas estúpidas que mostram ao mundo a merda que ele nos dá. (...) **Mas os meios de comunicação egípcios não mostram a realidade. Só vejo a BBC, a Al Jazeera ou a Al Arabiya** (canal pan-árabe de notícias baseado em Dubai, rival da Al Jazeera). E as pessoas estão conhecendo novas culturas pelo Facebook, pelo Skype... Foi no Facebook que ouvi falar da revolução' (COELHO, 2011, p. 25).

<sup>27</sup> Jogadores de futebol portugueses que jogam ou jogaram, principalmente, em grandes times da Europa.

Um local como a praça Tahrir, de acordo com Coelho, é representada de duas formas: a primeira, como o mundo inteiro assistiu pela TV. A outra é de estar presente, é poder ouvir e viver um acontecimento sem edições.

Claro, o mundo inteiro viu a praça na televisão. Mas agora pensem em meio milhão de pessoas querendo ser um milhão, e no som disso à nossa volta. A praça é um cânone de canções e slogans, gritos e discursos, apelos e anúncios, constantemente entrelaçados (COELHO, 2011, p. 24).

Ainda sobre as transmissões realizadas, a repórter reflete sobre o poder das novas tecnologias para o fluxo de comunicação a partir de comentários e compartilhamento de informações no Facebook da repórter.

Um amigo postou um vídeo do Gil Scott-Heron<sup>28</sup> no meu Facebook, "*The Revolution Will Not Be Televised*", mas isso já não é verdade. **Esta revolução não só está sendo televisionada, como está sendo televisionada por todo o mundo, e isso também é parte da revolução. Nenhuma revolução até hoje terá tantos vídeos, tantas fotografias, partilhadas por tantos milhões, sem outra agenda que não esta: a revolução** (COELHO, 2011 p. 28, grifo nosso).

Nos dias em que estive no Egito, Coelho circulou por outros lugares além da praça Tahrir. Na maioria das vezes em que relata estar fora do núcleo da revolução, a repórter descreve casas ou espaços de relacionamento em que as atenções se concentravam em assistir pela TV os desdobramentos dos fatos. Um dos casos relatados por Coelho é a entrevista do suposto líder do grupo que estimulou egípcios à irem para as ruas clamar por liberdade.

[...] Wael Ghonin, 30 anos, executivo da Google, acaba de confirmar que é ele o administrador da página **numa dramática entrevista ao canal privado egípcio Dream TV**. São 17 minutos de comoção, que terminam com Ghonin abandonando o estúdio, aos prantos, depois de ver fotografias de jovens mortos na praça Tahrir. Estava preso quando morreram. Hoje foi seu primeiro de liberdade, ao fim de 12 dias [...] (COELHO, 2011, p. 36).

O relato emocionado do responsável pelo movimento que levou à queda do governo de Mubarak é mais do que uma simples declaração, mas uma forma de tradução daquela cultura e daquele povo para seus leitores, quando afirma "Os ocidentais escondem-se cada vez mais para chorar, mas os árabes choram muito, a começar pelos seus mortos" (COELHO, 2011, p. 36).

<sup>28</sup> Gil Scott-Heron, músico e poeta americano que se utilizava de versos e poemas cantados em ritmos como o jazz, o funk e o soul. Sua mais famosa canção, *The Revolution Will Not Be Televised* (A revolução não será televisionada) comenta uma série de questões políticas durante as décadas de 1960 e 1970 nos Estados Unidos.

A repórter também procura traduzir o momento da revolução e como esse acontecimento se revela para aquela sociedade. “A revolução do Egito também é isto: o choque de dois tempos. Tempo oriental, lento, sinuoso, protocolar. E o tempo global, multiplicador, sintético, imediato” (COELHO, 2011, p. 43).

#### 4.5.3 Revolução na sociedade e na imprensa egípcia

Coelho faz alguns comentários sobre a participação da imprensa egípcia e como essa imprensa é voltada à manutenção do regime. Conta que jovens liam na própria praça Tahrir o *Al Ahram*. “Não a edição semanal em inglês, onde por exemplo, Edward Said<sup>29</sup> escrevia, mas a edição diária em árabe, politicamente alinhada com o regimes” (COELHO, 2011, p. 39). Em conversas com as pessoas que estão na praça, a repórter relata a visão sobre como a revolução já alterava as estruturas e também a própria mídia local.

“Claro que mudou. As pessoas venceram o medo. Já não me sinto confuso. Posso sentir o cheiro da liberdade, finalmente. Posso sentir o cheiro no ar. As pessoas estão falando na rua. **Mesmo os jornais do regime falam outra língua.**” Aponta a primeira página do *Al Ahram*. “Este é um conselheiro de Mubarak fotografado na praça, e a manchete principal é sobre a libertação do sujeito da Google!” (COELHO, 2011, p. 40, grifo nosso).

Coelho (2011, p. 40) reproduz em forma de perguntas as respostas das pessoas ao qual conversa e suas opiniões sobre os reflexos da revolução. “Que pensa Mohammed, o amigo ao lado? 'Algo está mudando e é preciso testemunhar isso, porque é história viva”.

Como outras revoluções, a praça Tahrir tinha seu jornal impresso, que circulava com *cartoons* de Mubarak e aliados, e até uma pesquisa, conta Coelho, que resumia a falta de participação da imprensa local no movimento por liberdade. O questionário perguntava: “Como soube da revolução de 25 de janeiro? Pela internet? Por um amigo? Por um partido? Por canais de satélite?” Uma pessoa conhecida da repórter concluir sobre as questões que ali estão relacionadas: “**Os meios de comunicação egípcios não são uma opção**” (COELHO, 2011, p. 52, grifo nosso).

Coelho conta (2011, p. 48) que dormiu alguns dias na praça Tahrir, embaixo de tendas de plástico e protegida do solo por esteiras de palha, mesmos recursos

<sup>29</sup> Intelectual, crítico literário e ativista da causa palestina. Sua obra mais conhecida é *Orientalismo*, publicada em 1978. Faleceu em 2003.

usados pelos locais que ocupavam o lugar. Em um dos dias, um jornalista da *TV Índia* se aproximou do grupo em que Coelho estava acampada para tentar entrevistar o grupo, mas não obteve resposta a não ser da própria jornalista. Segundo Coelho, sendo um correspondente da Índia, país visto com desconfiança pelos egípcios, ele não conseguiria qualquer tipo de retorno por parte daquelas pessoas. “(...) Do ponto de vista destes jovens, a Índia não é a Turquia nem o Brasil, e nem sequer tem um Cristiano Ronaldo. Sobretudo, tem estado do lado errado, politicamente” (COELHO, 2011, p 60).

#### 4.5.4 As fontes de uma revolução

Mesmo alegando não se tratar de uma reportagem, Coelho não deixa de fazer uma cobertura ao relatar sua movimentação pelo local. Além disso, mesmo em férias, ela conta que tratava com outros jornalistas sobre informações de grande relevância jornalística, como por exemplo, a localização de grupos que alimentavam as redes sociais com informações sobre a evolução dos protestos na praça Tahrir e em todo o Cairo. “A meio da tarde, um amigo fotógrafo telefona-me dizendo que está num 9º andar, numa casa que tenho de ver, de um homem que tenho de conhecer, e explica-me como chegar lá. Então atravesso a praça até o começo da Talaat Harb. É o começo de toda uma outra história” (COELHO, 2011, p. 60).

Eis Pierre ao computador, transmitindo a revolução. Pensem num escritório com armários de madeira e vidro cheios de livros encadernados, pinturas a óleo, velhas caixas de tabaco [...] garotas no sofá com *laptops* da Apple, rapazes de cabelo encaracolado teclando em iPhones. Pensem num lugar antigo onde todo mundo está ocupado fazendo o presente. [...] Não se passaram ainda cinco minutos e ele [Pierre] já é toda uma história da revolução. “Alguns jornalistas dizem que tenho um dedo nesta revolução, mas não tenho, quem dera.” (COELHO, 2011, p. 61).

Como já relatado no início, a repressão do regime de Mubarak à imprensa era extrema, o que fazia com que correspondentes buscassem abrigo em locais como o descrito pela repórter: “Pierre desvenda um segredo. Uma jornalista da Al Jazeera refugiou-se nesta casa. Daqui transmitiu, escapando do regime” (COELHO, 2011, p. 71). A revolução no Egito era um acontecimento que se transformava a todo o tempo. Diferentemente de outros eventos que ocorrem sem que haja tempo de capturá-lo, editá-lo e contextualizá-lo, a mídia convencional era uma mera

participante ao lado de uma vasta comunidade de pessoas que gravavam, fotografavam e relatavam o que acontecia naquele local. Esse novo modelo de compartilhamento da informação está presente em uma série de relatos de Coelho, como por exemplo quando conta que um amigo dela no local, enquanto caminhava pela praça, encontrou um conhecido que estava fazendo um documentário sobre o tema “esperar”. Em um tempo em que apenas os jornalistas tomavam relatos, Coelho (2011, p. 66, grifo nosso) foi a entrevistada. “Quando dou por mim já falei sobre esperar. **Os jornalistas na praça Tahrir são só uma pequena parte de todos os que registram e partilham**”.

As fontes de Coelho se espalham por todos os que ocupam o local e que tem alguma participação nos acontecimentos. Não só para ela, mas para outros veículos internacionais que realizam a cobertura do movimento. “Chama-se Magdi Ashour e tem 40 anos. ‘É um amigo que fiz na praça’, diz Pierre depois de Magdi passar à sala seguinte para dar uma entrevista ao *New York Times* [...]” (COELHO, 2011, p. 69). Há também as fontes que servem para contextualizar uma revolução que trouxe pessoas de fora do país e que nos revelam o espírito das pessoas que fizeram um pedaço da revolução. “Quem traduz é uma das muitas voluntárias que acamparam nesta casa, a luminosa Marwa, 33 anos, egípcia residente em Genebra, onde ensina técnicas de liderança. Voou até o Cairo só para viver a revolução” (COELHO, 2011, p. 71). Quando repórteres aparecem, Coelho parece estranhar o modelo de abordagem dos profissionais, ironizando sobre um modelo questionador dos repórteres e que parece atender um modelo sensacionalista da imprensa.

Nisto irrompe pela sala um repórter igual ao escritor americano Paul Bowles, mas só até ligar o seu microfone de rádio para perguntas do gênero: “Como se sente por deixar o seu apartamento ser usado pela revolução?” Pierre responde: “Os jornalistas e os jovens aqui só estão tentando passar a revolução...” O repórter prossegue: “Chama-se Pierre, portanto é cristão...” (COELHO, 2011, p. 72).

De acordo com o relato da repórter, a lógica dos acontecimentos durante os dias em que esteve acompanhando as manifestações era de pessoas que processavam uma série de informações que eram divulgadas pela internet. Essa mobilização gerava ações na estrutura de governo, que eram observados pelos que produziam o material e assim se iniciava o ciclo, sempre a partir dos resultados que chegam pela TV.



Na pequena sala de TV há quem roa as unhas, porque acaba de ser anunciado que Mubarak – aliás, o exército; aliás, Mubarak; as versões alternam – vai falar. Felizmente a sala se abre para a varanda, porque a tensão é explosiva. [...] Khaled Abol Naga [...] filma tudo, incansável. Está alimentando um bloque e tuitando. Há muita gente no Twitter, o que permite que às 17h54 alguém grite: “Wael Ghonin tuitou: ‘Missão cumprida!’” Pierre abre o Twitter. Há quem comece a celebrar. Há quem ache que o exército deu um golpe. **A Al Jazeera anuncia que a tentativa de assassinato de Omar Suleiman, o vice-recém nomeado por Mubarak, veio do exército. [...] Estamos todos colados à tela, de pé, sentados deitados, uns por cima dos outros. A Al Jazeera entrevista um soldado que entregou as armas, se juntou ao povo e está dizendo que o líder do exército tem de se demitir porque durante todo este tempo não impediu o regime. A sala grita de alegria** (COELHO, 2011, p. 76, grifo nosso).

Nesse turbilhão de pessoas que eram desconhecidas e que Coelho (2011, p. 77) destaca, irão surgir novos rostos para a imprensa mundial. “Na varanda, a jovem blogueira Gigi Ibrahim olha a praça, eufórica: [...] Daqui a alguns dias estará na capa da Time. Revolução também é isto: o rosto do novo Oriente Médio [...]”. E é assim, nesse processo de fazer a revolução pela rede e acompanhar os desdobramentos pela TV que Coelho confirma que a música de Gil Scott-Heron estava errada e é chegada a notícia que todos os participantes da revolução na praça Tahrir aguardavam e que Coelho descreve.

Então às seis da tarde ali estamos todos, como ontem. Mas o que acontece hoje é que Omar Suleiman **aparece na TV e, sem rodeios, diz que Mubarak renunciou**. O grito da praça varre o mundo. Toda a casa grita, salta, corre, chora, dança e volta a gritar. Uma palavra em todos os abraços: MABROOOOOOOOKKKKKK! **Mabrook no Twitter, no Facebook, no Messenger, nos bate-papos, na TV, nos SMS que entopem a rede. A palavra árabe para parabéns** (COELHO, 2011, p. 82, grifo nosso).

#### 4.5.5 Os riscos de uma revolução para as repórteres mulheres

Coelho conta que durante os dias em que circulou e acampou pela praça Tahrir, mesmo sendo as mulheres em número menor que homens, não houve problemas que envolvessem qualquer tipo de risco ou inconveniências. “Somos duas mulheres e um monte de homens. E nem um só gesto duvidoso” (COELHO, 2011, p. 57). Uma situação que veio a mudar assim que as comemorações da renúncia do ditador egípcio começaram.

Percorro toda a praça ao lado de um fotógrafo e de uma jornalista. Somos as duas apalpadaas várias vezes, algo impensável ainda esta manhã. E, junto ao Museu Egípcio, um bando de rapazes comandado por um jovem cheirando a álcool começa a tornar-se desagradável. É no meio desta nova

multidão que a jornalista americana Lara Logan, da CBS, será sexualmente agredida. A notícia correrá o mundo. Não sei quem era o bêbado do bando que nos cercou nem a multidão que agrediu Logan, mas não eram os revolucionários da praça Tahrir. Doentes ou mercenários existem por toda parte. Sobretudo, os rufões do regime não desapareceram. Muitos devem ter voltado esta noite, entre a multidão (COELHO, 2011, p. 89).

Coelho conta que assim que começaram as comemorações pela queda do regime, correspondentes tentavam retratar o desmantelamento do regime e eram muito reprimidos pelos homens do regime que ainda tentavam agredir a imprensa, mas que de acordo com a repórter havia alguma orientação superior para evitar mais problemas com os jornalistas. “Um deles grita comigo, exige ver a câmera, ameaça com o exército. Chama um oficial, que vem, escuta e depois lhe fala à parte. Afastem-se os dois. O exército deve ter recebido instruções para não criar caso com a imprensa” (COELHO, 2011, p. 96).

A revolução chega ao fim para a correspondente portuguesa. Contudo, deixa para suas fontes que contem, por meio das cópias de mensagens deixadas em sua página do *Facebook*, o que aconteceu com o Egito após todas as manifestações acompanhadas por Alexandra Coelho.

Khaled “Vincent gallo”, 25 anos, o estudante de comunicação, 11 de março, 21h32, [...] Agora há perigos, medos e remorsos, mas isso é normal [...]; Sherif Boraie, 59 anos, o editor de livros de arte que estava na casa de Pierre, 13 de março, 11h51; [...] Estão a formar-se novas alianças no interior do antigo regime [...]. É possível um confronto. Pierre Sioufi, 50 anos, o dono da casa sobre a Praça Tahrir, 16 de março, 9h12, [...] Estamos num estado de ditadura militar de fato [...] ; Hassan El Kreidli, 35 anos, o jornaniano, há 16 anos no Cairo, que cedeu o seu computador a quem precisava. 17 de março, 16h25 [...] a revolução ainda não acabou [...]; Khaled Said. 29 anos, o egípcio que veio de Dubai para Tahrir e que tem o mesmo nome do jovem que desencadeou a revolução 18 de março, 5h58 [...] a revolução começou e nunca vai acabar [...] (COELHO, 2011, p. 99).

## 5 ARTICULAÇÕES TEÓRICAS E RESULTADOS DA PESQUISA

Este último capítulo discute os elementos principais surgidos a partir das análises realizadas nas diferentes obras consultadas para o trabalho. Focaremos nossas interpretações na identificação de cinco eixos centrais e que consideramos problemáticos: 1) as condições variáveis das práticas; 2) a influência das grandes redes de notícias; 3) a interferência das tecnologias; 4) os processos de edição envolvidos nas coberturas; e 5) as nossas proposições para o fenômeno da circularidade nas práticas. Não consideramos nossos apontamentos como conclusões para compreensão integral da prática dos repórteres internacionais, pois elas são o resultado da observação de 10 obras escritas por jornalistas e outras cinco com estudos sobre a profissão. As interpretações aqui colocadas são reflexões que nos permitem enxergar um cenário recortado para o jornalismo internacional a partir dessas obras.

Antes de partirmos para o desenvolvimento de nossas interpretações sobre as questões da pesquisa, consideramos apropriado formular alguns conceitos que nos apoiam. Primeiramente, consideraremos a prática de uso de discursos da imprensa pela própria imprensa como “circularidade”, um termo que já aparece na obra de Wolf (2005) e que Bourdieu (1997) chama de “circulação circular da informação”. Por prática jornalística, consideraremos o conjunto de atividades ou processos desenvolvidos pelos repórteres. Fazem parte desse conjunto de atividades desde o planejamento da pauta, sua forma de apuração, técnicas de redação, estilo e edição final do material coletado que se transformará em um discurso seja por meio de texto, imagem ou som. Tem como produto final as reportagens e as notícias<sup>30</sup>. Já a abordagem deve ser compreendida como o ponto de vista; a forma; o ângulo que o jornalista enquadra os fatos e os codifica em notícia. Érik Neveu (2006, p. 77) apresenta um exemplo da utilização de abordagem em jornalismo tomando como exemplo um acidente aéreo. “Valorizar a emoção ligada ao drama ou propor um comentário distanciado sobre a segurança do transporte aéreo e a saturação dos aeroportos parisienses?”.

---

<sup>30</sup> Reportagem e notícia: Não são sinônimos do mesmo conceito, porém uma notícia pode ser o ponto de partida para a produção de uma reportagem. De acordo com Lage (2005, p. 139) “a notícia expõe um fato ou sequência de fatos: caiu um avião na mata, é notícia. (...) Já o relato detalhado, com base em testemunhos, do sofrimento daqueles passados na selva, (...) isso daria uma excelente reportagem”.

### **5.1 Que situações variáveis estão sujeitos os repórteres internacionais?**

O medo causado pelos riscos que envolvem a segurança de jornalistas é um fator permanente na cobertura de conflitos. Mas além desses perigos, é possível identificar outros fatores que se não comprometem suas abordagens, certamente interferem nas práticas dos repórteres internacionais. Entre as primeiras questões sobre as “armadilhas” da profissão, está o tempo de permanência dos correspondentes internacionais em um mesmo local de cobertura. Como Silva destaca (2011, p. 38), períodos longos de cobertura podem resultar em um correspondente que passa a confiar mais em sua experiência e intuição do que na verificação de dados, contextualização de informações e consultas às fontes.

Esse tipo de problema se amplia pelo rigor físico que essa atividade jornalística exige e se complica ainda mais com o avançar da idade e a mesmice das rotinas desses repórteres, que passam a desconsiderar acontecimentos já noticiados uma dezena de vezes. Como alerta Silva (2011, p. 33), o jornalismo ganha diariamente novos leitores e por isso a necessidade de retomar os fatos já narrados. “A dissociação do correspondente da maneira de seu leitor ver o mundo pode ser fatal para o seu trabalho”.

Friedman (1991, p. 49) aponta que após muito sofrer com a cobertura em locais de alto risco, o medo deu lugar a um sentimento de indiferença, não se importando mais, por exemplo, com disparos de metralhadoras próximas a ele e que eram comuns em Beirute. Segundo o próprio Friedman (1991, p. 50) “Parei de reparar os pedestres estupefatos, sangue escorrendo pela face [...] percebi que estava focalizando inteiramente as incongruências: [...] cheiro de álcool de uma prateleira cheia de garrafas de Johnnie Walker quebradas”.

Outro fator importante para o sucesso na prática dos repórteres está na contratação de que pessoas com conhecimentos sobre o local de cobertura para auxiliá-los como guias, intérpretes e motoristas. Kapuscinski (2007a, p. 45) dedica a elas importante consideração sobre a importância em poder contar com pessoas que ajudem significativamente o repórter em suas necessidades de locomoção e outras ações relacionadas às práticas jornalísticas: “Às vezes estamos em um lugar durante 15 minutos ou meia hora e dentro desse tempo se decide toda a nossa carreira, porque nesses minutos algum chofer pode nos levar a um local de combate ou se

negar”.

Já Rech (1997, p. 155), destaca a importância de intérpretes para o trabalho de correspondentes e enviados, concluindo que o bom trabalho desses profissionais é fundamental para a apuração jornalística, principalmente quando envolve questões de significado e emoção nos relatos. Segundo o repórter, “depende dele [o tradutor] o contato com o mundo exterior e uma frase mal traduzida pode tirar o impacto e a emoção de uma situação”.

Ainda há a possibilidade de se realizar uma cobertura em que não há fontes oficiais, ou casos em que as fontes não representam qualquer tipo de credibilidade para os repórteres. É o caso relatado por Friedman (1991, p. 60) de que em Beirute, durante a guerra civil, “havia apenas versões, mas não uma verdade”. Para se chegar a alguma conclusão, conta o repórter, era necessário “aprender a extrair um pouco de raio de luz vermelha daqui, um pouco de azul dali, e então, traduzir em forma de reportagem o retrato que julgasse mais próximo da realidade”.

Junte ainda entre as variáveis, problemas que surgem a partir da necessidade de realizar coberturas em locais onde a imprensa não é permitida. Como relata Rech (1997, p. 109), em que teve que cobrir a primeira guerra do Iraque a partir da Arábia Saudita, país vizinho ao local dos conflitos. Segundo o repórter, dos 1.500 jornalistas que estavam prontos para a cobertura, apenas 160 tiveram acesso às linhas de batalha. O restante teve que pagar para ter acesso secundário às informações. Rech conta que em situações como essas, fotógrafos e cinegrafistas quase entravam em colapso. Frustrados e sem como obter informações, a maioria desses repórteres ficavam alguns dias e depois voltavam para suas bases.

Livros de correspondentes de guerra citam muito as seleções de pequenos grupos de jornalistas para cobertura de conflitos. Na grande maioria das vezes, uma característica no jornalismo internacional parece ser determinante para ser escolhido entre os jornalistas que conseguiram ser enviados para locais restritos: eram jornalistas de grandes emissoras de notícias, como CNN e BBC, ou repórteres de agências de notícias.

## **5.2 A influência das grandes redes na cobertura internacional**

As grandes redes de notícias têm preferência na cobertura internacional. Quando essas coberturas envolvem guerras, é possível afirmar a partir dos relatos

analisados que elas são decisivas. Segundo Rech (1997, p. 106) isso ficou evidente na primeira guerra do golfo, em 1991, quando a prioridade do governo iraquiano era influenciar a opinião pública mundial sobre o andamento e objetivos da guerra com o vizinho Kuwait. Para Rech, não havia necessidade em levar repórteres que fossem escrever para seus jornais locais e sem o mesmo alcance que as grandes redes, que acabaram sendo as únicas a entrar no território iraquiano.

Anderson conta que durante a tomada do Iraque em 2003, o governo dos Estados Unidos agiu diretamente sobre as grandes redes de notícias com o objetivo de conseguir afetar toda a imprensa que havia entrado das mais diferentes formas no Iraque. Sabendo da influência exercida por emissoras como CNN, CBS e BBC e agências no restante da imprensa, os EUA avisaram essas emissoras e agências de que era aconselhável deixar o Iraque, já que o exército americano não poderia garantir a segurança da imprensa no local. De acordo com Anderson, (2004, p. 128) a primeira tendência o governo “é ir primeiro às redes, que se revelam ser as mais suscetíveis a esse tipo de coisa, e de lá, se propaga pelo corpo da imprensa como um incêndio na mata”.

De acordo com as obras consultadas, as grandes redes de notícias têm participação desde a abordagem dos acontecimentos em outros repórteres até interferências de ordem econômica em coberturas de grande apelo midiático. Anderson (2004) e Fino (2003) relatam que durante a cobertura da guerra do Iraque em 2003, jornalistas de veículos sem grandes envergaduras selecionavam os hotéis a partir da escolha das grandes redes. “Lideradas pela CNN, que reservou vários andares superiores do Hotel Palestine [...], muitas outras equipes da mídia também começaram a pegar quartos ali e no vizinho Sheraton” (ANDERSON, 2004, p. 81).

Kapuscinski conta que não havia limites para as grandes redes, que pagavam o que fosse necessário para que seus repórteres chegassem rapidamente aos acontecimentos. Ainda segundo Kapuscinski (2002, p. 89), “um correspondente [de grandes agências] aluga um avião, um navio, compra um carro de que vai precisar apenas por algumas horas”, se isso for necessário para chegar a esses locais. De acordo com Fino (2003, p. 42) as grandes emissoras não negociam preços com tradutores, motoristas e hotéis e logo inflacionam o mercado. “As pequenas companhias dos pequenos países tem que acompanhar ou contentar-se... com os restos”.

### 5.3 Práticas cada vez mais determinadas pelas tecnologias

Assim como já citado por Natali (2004, p. 19), de que no jornalismo internacional o impacto tecnológico foi sempre incomparavelmente maior, é possível afirmar que entre os relatos analisados ele teve função determinante, principalmente com o surgimento da internet e das redes de televisão pautadas por notícias 24 horas. De acordo com o próprio Natali (2004, p. 34), essas tecnologias, libertaram o jornalismo da dependência de instituições primeiras para obtenção de informações, como por exemplo, o processo de obtenção de notícias internacionais a partir dos materiais enviados pelas agências de notícias. O acesso a essas novas fontes de informação também foi fundamental na transformação de algumas profissões no jornalismo, caso do redator que passou de simples recebedor de matérias para um verificador das informações.

Silva (2011, p.14) destaca que as tecnologias também permitiram que os repórteres internacionais e suas redações não ficassem mais dependentes das informações dos meios de comunicação clássicos, como os horários de publicação dos diários e as grades de programação do rádio e da televisão. Em um tempo em que os correspondentes precisavam passar o dia acompanhando integralmente essas mídias, a partir do uso da internet os dados e as informações de interesse desses profissionais puderam ser facilmente consultados independentemente de horário e local. Junte a essa nova configuração ao surgimento de equipamentos para conexão às redes de informação cada vez mais portáteis e de fácil acesso.

Se as tecnologias surgem com impacto para os repórteres internacionais, não poderia ser diferente o efeito causado a partir das coberturas realizadas via redes sociais, proporcionadas por plataformas digitais como o *Facebook* e o *Twitter*. Essa atividade aparece no relato de Alexandra Coelho (2011) sobre a revolução no Egito. Além de a repórter publicar uma série de comentários e fotos por meio das redes sociais, ela considera que os jornalistas naquela revolução atuaram de maneira indiferente, comparado a significativa importância que os vídeos e informações produzidos por centenas de pessoas eram utilizados para mobilizar egípcios em busca do fim da repressão militar. “Os jornalistas na praça Tahrir são só uma pequena parte de todos os que registram e partilham” (COELHO, 2011, p. 66).

Mas se novas tecnologias de informação permitem novas configurações no âmbito do jornalismo internacional, as novas ferramentas para acompanhamento dos

acontecimentos em tempo real parecem reduzir a autonomia nas práticas dos repórteres internacionais. De acordo com Silva (2011, p. 109) a partir do momento em que as redações obtiveram acesso a essas fontes de consulta, iniciou-se um processo de profunda interferência nas práticas desses jornalistas responsáveis pela cobertura internacional. Hess (1996, p. 65) é categórico ao afirmar que “cada vez mais as redações cobrem os assuntos internacionais assistindo TV nos escritórios”.

Mas tamanha capacidade em acumular dados, ao mesmo tempo em que permite extrema rapidez na localização de informações cada vez mais multimídias significam o que para o jornalismo? Silva (2011, p. 66) destaca que “todas essas vantagens não necessariamente produzem jornalismo de melhor qualidade do que o dos tempos anteriores”. Para Hess (1996, p. 42, tradução nossa) o poder da tecnologia é superior à técnica, ao afirmar que “não é o jornalismo que faz a CNN, um dos principais produtores do jornalismo internacional, mas sim o seu domínio tecnológico”. Kapuscinski (2007a, p. 38) determina como “mediaworker”, o jornalista que perde o senso de reflexão e análise crítica da realidade para unicamente atender de acordo com as orientações de editores nas redações.

#### **5.4 Edição via canais a cabo, telefones celulares e e-mail**

A obra analisada de Hemingway contém um trecho que detalha as orientações dos editores ao repórter quanto à cobertura desejada. O trecho traz a “ordem” para que Hemingway “não começasse a escrever enquanto não tivesse na posse de todos os elementos e dispusesse de tempo e perspectiva para analisar tudo o que vira e ouvira, produzindo um relato de valor mais duradouro do que a correspondência cotidiana” (INGERSOL. In: HEMINGWAY, 1969, p. 63).

Essa orientação dada ao jornalista canadense antes de partir para uma cobertura de guerra entre as décadas de 1940 e 1950 em nada se assemelha com o atual processo entre editores e repórteres de acordo com os estudos de Hannerz (2004), Hess (1996), Silva (2011) e Ginneken (1998). Mesmo que a influência dos editores apareça principalmente nas obras de estudos sobre o repórter internacional, é de fácil identificação que suas participações nas práticas de repórteres têm algum tipo de destaque na maioria dos livros de repórteres consultados. Outro ponto de destaque está na ampliação da presença dos sistemas de edição no jornalismo internacional a partir das evoluções tecnológicas. Se por um lado os autores



consultados não conseguem dizer que o jornalismo melhorou a partir das inovações tecnológicas, fica evidente que editores e redações de repórteres internacionais foram os maiores beneficiados por essas novas tecnologias.

Entre as diversas entrevistas realizadas por Hannerz com repórteres ou editores, algumas resumem o modo de cobertura a partir do fenômeno da circularidade por editores que determinam a seus correspondentes verificações de notícias primeiramente divulgadas por agências de notícias e emissoras de TV de alcance mundial como a BBC e a Reuters. É o que Hess já havia apontado anteriormente sobre fazer jornalismo assistindo televisão no escritório. Como lembra Hannerz (2004, p.149), “as expectativas dos editores se tornaram mais comuns por contatos frequentes e cada vez mais rápidos. Os satélites de comunicações, telefones via satélite, modems, laptops e faxes mudaram muito disso”. De acordo com entrevistas realizadas por Hess (Cooperman. In: Hess, 1996, p. 65), alguns repórteres confessaram que seus editores pediam que eles reescrevessem matérias para coincidir com o discurso da CNN, por exemplo.

Kapuscinski conta que durante suas coberturas de massacres na África, durante a década de 1990, era comum as solicitações para confirmação de informações de editores de grandes emissoras e agências de notícias para seus repórteres no local. “Muitos jornalistas ficavam conectados por e-mail, por telefone, [...]. Não havia mais independentes, já não eram mais repórteres, pois estavam apenas seguindo ordens de seus patrões que nem sequer sabiam onde era Ruanda [...]” (KAPUSCINSKI, 2007a, p. 46). Um pouco da crítica que Kapuscinski faz sobre a falta de conhecimento dos editores em relação aos lugares em que estão os correspondentes aparecem em citações de outros repórteres consultados. Entre eles, se destaca um relato do livro de Rohter (2007, p. 168), em que o repórter americano conta que após ser publicado no jornal um perfil de um político brasileiro, escrito por ele e solicitado pela própria redação do jornal, e que teve grande repercussão negativa entre as pessoas citadas na matéria, Rohter conta que teve que redigir uma explicação para seus editores e que para fazê-los entender os termos usados, precisou usar “referências da imprensa brasileira” para explicar porque utilizou o termo “xiita” no perfil publicado.

Durante algumas coberturas os editores atuam de forma enérgica na determinação para permanência ou retirada dos correspondentes em locais de risco. Segundo Anderson (2004, p. 128) após um debandada liderada pelas grandes redes

de TV em Bagdá, causada pela advertência do exército americano no Iraque, editores afirmaram aos seus correspondentes no local que “sua cobertura de seguro seriam revogadas se eles desobedecessem; outros eram informados de que seriam demitidos” em caso de não atender a ordem de deixar o local. Esse comentário de Anderson em nada lembra a liberdade [ou seria falta de recursos para comunicação?] que tinha Kapuscinski (2002) ou Ribeiro (2005), por exemplo, para poder acolher a sugestão de um fotógrafo freelancer em uma operação durante a guerra do Vietnã e que viria a resultar no acidente que quase custou vida do repórter José Hamilton Ribeiro: “Acabei cedendo à argumentação do fotógrafo para ficar mais um dia. Isso porque hoje haverá dois tipos de operações altamente promissoras para fotografias” (RIBEIRO, 2005, p. 13).

Outro ponto destacado sobre os processos de edição está na decisão das redações darem preferência para coberturas que estejam sendo realizadas já por grandes emissoras de notícias ou agências. Hannerz (2004, p. 166, tradução nossa) questiona “o que os editores em suas redações fazem quando eles também têm correspondentes nos mesmos lugares a partir do qual os materiais das agências de notícias estão chegando?” De acordo com as entrevistas realizadas por Hannerz, por mais que alguns veículos estivessem localizados no local dos fatos, a aceitação de pautas era determinada pelo assunto que as grandes redes estivessem oferecendo. “Um correspondente se sentirá reduzido quando seu editor só aceitar suas pautas como valiosas até que elas também estejam na cobertura de um desses grandes agentes de notícias” (HANNERZ, 2004, p. 168, tradução nossa).

### **5.5 Considerações sobre o fenômeno de circularidade**

Destacamos na sequência algumas interpretações que consideramos determinantes para a ocorrência do fenômeno da circularidade entre as práticas dos repórteres internacionais, e que se configura como um dos problemas principais da nossa pesquisa. De acordo com Silva (2011, p. 87) “agir em conjunto com os demais colegas correspondentes pode ajudar a aumentar a eficiência e adicionar valor ao trabalho de todos”. Já Kapuscinski conta que entre suas primeiras ações ao chegar a um local em que não conhecia ou não possuía amigos, comprava o principal jornal da cidade e visitava a sua redação para conversar com outros jornalistas. Segundo o repórter polonês, “a experiência ensina que se podem descobrir mais coisas numa

redação dessas do que visitando instituições e pessoas notáveis durante uma semana” (KAPUSCINSKI, 2002, p. 36), ao se referir a uma de suas práticas em coberturas na África.

Usamos um outro exemplo de Silva para esse aumento de eficácia, a partir do relato do autor sobre um correspondente brasileiro de um jornal de economia que trabalhava na redação de um dos mais importantes jornais do mundo nos EUA. “Ele podia desfrutar [...] da companhia de colegas de excelente nível que, por não serem competidores diretos, certamente lhe abriam informações e pontos de vista que devem ter enriquecido bastante sua própria perspectiva dos fatos que cobria” (SILVA, 2011, p. 58). Rech também nos permite compreender como se processa esse aumento de eficácia. O repórter conta que durante uma cobertura no Paraguai sobre o final do período de ditadura no país sul-americano, contou com a colaboração de um editor de um jornal local, que “com seu jornal fechado pela ditadura, [...] estava ansioso em poder narrar os bastidores do golpe que acompanhara pessoalmente” (RECH, 1997, p. 58).

O fenômeno da circularidade pode resultar em uma compreensão de que as práticas ocorrem simplesmente de forma a copiar os discursos primeiros. Porém, não é esse o processo descrito nos estudos, sendo a circularidade uma prática determinada pela seleção de materiais. Localizamos na obra de Ginneken alguns relatos de repórteres entrevistados por ele que consideram que, mesmo recebendo informações de um outro jornalista ou veículo, as etapas de apuração se mantêm as mesmas que nas outras fontes. “Você sabe quem são os bons jornalistas. Você sabe em quem não deve confiar também. Os jornais locais, por exemplo, são a semente de muitas histórias, mas você nunca pode tomá-los como única verdade (WALLIS, 1990, apud GINNEKEN, 1996, p. 134).

Segundo Ginneken, os critérios para seleção de conteúdo a partir da imprensa ou jornalistas envolveriam fatores, como por exemplo, a representatividade do veículo em que o jornalista busca dados para compor suas reportagens ou notícias. “Se os jornalistas ocidentais não confiam na mídia local, eles consultarão a grande mídia internacional ou organizações coletoras de notícias para se aprofundarem” (GINNEKEN, 1998, p. 135, tradução nossa).

E finalmente, Friedman nos revela um fator que levaria a citação da imprensa local como fonte de informações, mas que seria apenas um recurso com o objetivo de evitar riscos a segurança em noticiar acontecimentos importantes. O repórter

conta que por vezes precisavam publicar suas reportagens sem o nome do autor, principalmente em casos de denúncias. Quando esse recurso não era suficiente e a reportagem precisava de uma fonte, o repórter conta que os correspondentes citavam as estações de rádios das milícias locais em Beirute para temas delicados que os jornalistas sabiam serem verídicos, mas que não desejavam ser os primeiros a noticiar. “Ocorria com todas as notícias, o tempo inteiro? Não. Tratava-se de uma situação ideal? Não. Seria uma maneira de encobrir os fatos? Também não” (FRIEDMAN, 1991, p. 81).

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao iniciarmos essa pesquisa e realizarmos as primeiras explorações às práticas dos repórteres internacionais, localizamos uma série de diferentes materiais. Reportagens publicadas, artigos que discutiam as coberturas desses profissionais, programas de televisão que retratavam suas coberturas, entre outras fontes para a pesquisa. Nessa fase, recorriamos aos livros para conhecer histórias de coberturas com a finalidade de usar esse conhecimento na formulação de entrevistas com correspondentes internacionais.

Também considerávamos trabalhar exclusivamente com correspondentes internacionais que atuassem no Brasil, mas as dificuldades em conseguir um número expressivo de profissionais para participar de entrevistas tornavam as nossas perguntas, questões sem fontes para responder. Essas dificuldades se tornaram ainda mais complexas ao compreendermos que uma segunda frente de trabalho, a de analisar as reportagens desses correspondentes, não nos contava o que buscávamos sobre as práticas e sobre o fenômeno de circularidade.

Esses obstáculos nos fizeram compreender que os livros nos forneciam não respostas prontas, mas pistas sobre essas práticas. Essas pistas indicavam desde os modos de apuração do repórter, como os de John Reed, de visitar regularmente os muros de Petrogrado, para recolher os manifestos dos diversos agentes da Revolução Russa, até os controles editoriais aos quais esses jornalistas estavam sujeitos, tema abordado na maioria das obras consultadas. Mais do que práticas, os livros se revelaram como um espaço de crítica do próprio jornalismo, algo que talvez não aparecesse tanto nas entrevistas planejadas inicialmente para o trabalho e que nunca chegaríamos por meio das reportagens.

É necessário considerar que os resultados foram extraídos de um conjunto de 10 obras consultadas com relatos e outras cinco com estudos. Um número talvez pequeno se comparado com os diversos relatos de repórteres internacionais. Além disso, esse conjunto se observou majoritariamente constituído por obras escritas por jornalistas do sexo masculino em um período de quase 100 anos de coberturas. Encontraríamos os mesmos resultados caso as obras com experiências fossem escritas majoritariamente por repórteres do sexo feminino?

Mas de acordo com as nossas propostas de pesquisa, acreditamos que o trabalho realizado a partir de relatos condensados em livros escritos a partir de

experiências de repórteres internacionais se demonstrou eficaz na localização de pistas para a compreensão das questões dessa pesquisa. Assim como sugere Kapuscinski, de que na impossibilidade de conhecer pessoalmente os lugares e as culturas a literatura nos permite compreender o mundo, pois o mundo já foi descrito muitas vezes pela literatura, a leitura dos livros de repórteres é um meio para a compreensão do mundo deles. Além de nos revelar seus mundos, esses livros nos ensinam sobre o jornalismo.

Os livros mostram um jornalismo que não pode ser praticado nas mídias convencionais, pois a esse jornalismo não cabe o comentário sobre o jornalismo. Muito menos o fato de que uma guerra pode ocorrer, durante um período, sem resultar em notícias, todo o dia, a toda hora e todo minuto. O jornalismo nos livros de repórter parece ser um meio de escape para que os jornalistas contem um pouco do jornalismo sem curvas dramáticas. Eles, os livros, são locais em que as práticas ainda não estão materializadas em reportagens e talvez melhor permitam sua compreensão. Talvez não seja um termo correto, mas os livros de repórter permitem um jornalismo mais “transparente”.

Quanto à questão da circularidade nas práticas dos repórteres, fundamental para os problemas da pesquisa, ela se mostrou muito presente, tanto nos relatos como nos estudos sobre a profissão. O que não se pode é afirmar, ou constituir, uma teoria clara para a ocorrência desse fenômeno, que se apresentou resultado de uma série de fatores, desde econômicos até os que afetam a segurança dos jornalistas estrangeiros.

Entre o nosso corpus, constituído principalmente por jornalistas de veículos impressos, o que se aproxima mais do fenômeno e suas práticas é que ouvir ou assistir a BBC para os repórteres internacionais, por exemplo, é como consultar um mapa para um piloto de avião. É um recurso necessário que jornalistas de veículos sem o poder das grandes redes usam para produzir reportagens e notícias. Já quando essas redes não estão disponíveis, um repórter não deixará de realizar seu trabalho e se apoiará na imprensa local. Como vimos nos estudos e experiências, o próprio uso da imprensa local parece obedecer a critérios.

Esses critérios não estão escritos em manuais de redação ou nos próprios livros consultados e talvez sejam os mesmos que determinem conceitos como verdade e mentira entre os profissionais do jornalismo.

## 7 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANDERSON, Jon Lee. **A queda de Bagdá**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2004.
- BOURDIEU, Pierre. **Sobre a televisão**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.
- COELHO, Alexandra Lucas. **Tahrir: Os dias da revolução no Egito**. Rio de Janeiro: Língua Geral, 2011.
- FINO, Carlos. **A guerra ao vivo**. São Paulo: Verbo, 2003.
- FRIEDMAN, Thomas L. **De Beirute a Jerusalém**. Rio de Janeiro: Bertrand, 1991.
- GINNEKEN, Jaap van. **Understanding global news**. A critical introduction. London: Sage, 1998.
- HANNERZ, Ulf. **Foreign news: exploring the world of foreign correspondents**. Chicago: University of Chicago Press, 2004.
- HEMINGWAY, Ernest. **Repórter II**. Tempo de morrer. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1969.
- HESS, Stephen. **International News & Foreign Correspondents**. Washington: Brookings, 1996.
- KAPUSCINSKI, Ryszard. **Ébano – Minha vida na África**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.
- KAPUSCINSKI, Ryszard. **Kapuscinski, la voz del Otro**. Barcelona: (Ex)ensiones, 2007b.
- KAPUSCINSKI, Ryszard. **Reportero del siglo**. Selección de artículos de Le Monde Diplomatique. Editorial Aún creemos en los sueños, 2007a.
- LAGE, Nilson. **Teoria e técnica do texto jornalístico**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2005.
- NATALI, João Batista. **Jornalismo internacional**. (Edição digital) São Paulo: Contexto, 2004.
- NEVEU, Éric. **Sociologia do jornalismo**. São Paulo: Loyola, 2006.
- PERES, Leandra. **Afasta de mim esse cálice**. Revista Veja. Revista semanal. São Paulo, ed. 1854, p. 36-43, 2004.
- RAMONET, Ignácio. **La tiranía de la comunicación**, Madrid: Temas de debate, 1998.
- RECH, Marcelo. **Enviado especial**. Passageiro da história. Porto Alegre, Sagra Luzzatto, 1997.

REED, John. **Dez dias que abalaram o mundo**. Porto Alegre: L&PM, 2002.

RIBEIRO, José Hamilton. **O gosto da Guerra**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2005.

ROCHA, Giovanni. **Notícias à venda**. O processo de produção da Agence France-Presse (AFP). 2009. 106 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharel em Jornalismo) – Curso de Comunicação Social. Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, RS, 2009.

ROHTER, Larry. **Deu no New York Times**. O Brasil Segundo a ótica de um repórter do jornal mais influente do mundo. Rio de Janeiro: Objetiva, 2007.

RUELLAN, Denis. **Mudanças e continuidades estruturais do jornalismo**. In: MEJOR. Colóquio Internacional Mudanças Estruturais no Jornalismo. Conferência de Abertura do Colóquio. Anais eletrônicos. Disponível em: <<http://www.mejor.com.br/index.php/>> Universidade de Brasília, Brasília, 2011.

SILVA, Carlos Eduardo Lins da. **Correspondente internacional**. São Paulo: Contexto, 2011.

UNESCO. **Um Mundo. Muitas Vozes**. Comunicação e informação na nossa época. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1983.

WAUGH, Evelyn. **Furo!** Uma história de jornalistas. São Paulo: Cia das Letras, 1989.

WOLF, Mauro. **Teorias das comunicações de massa**. São Paulo: Martins Fontes, 2005.